



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

Marina Dalmácio dos Anjos

**RESILIÊNCIA EM IDOSOS ATENDIDOS EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA DE
ASSISTÊNCIA SOCIAL EM SANTARÉM - PA**

**Belém-Pará
2014**

MARINA DALMÁCIO DOS ANJOS

**RESILIÊNCIA EM IDOSOS ATENDIDOS EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA DE
ASSISTÊNCIA SOCIAL EM SANTARÉM - PA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS), do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção de título de Mestre em Serviço Social.

Orientadora: Prof^a Dr^a Heliana Baía Evelin Soria.

Área de concentração: Serviço Social, Políticas Públicas e Desenvolvimento.

Grupos de Estudos e Pesquisas:

Resilio – Grupo de Estudos e Pesquisas de Resiliência na Amazônia / Senectus_Groupo de Estudos e Pesquisas sobre Envelhecimento Humano na Amazônia.

Belém
2014

Catálogo-na-Publicação (CIP)

Anjos, Marina Dalmácio dos.

Resiliência em idosos atendidos em um Centro de Referência de Assistência Social em Santarém – PA / Marina Dalmácio dos Anjos. – 2015

Orientadora, Heliana Baía Evelin Soria

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará – UFPA; Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Belém, 2015.

1. Serviço social com idoso. 2. Resiliência (Traço de personalidade). 3. Idosos – Santarém (PA) – condições sociais. I. Soria, Heliana Baía Evelin, *orient.* II. Título.

CDD: 23. ed. 361.25

Bibliotecária Elisangela Silva da Costa, CRB-2, n. 983



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

Marina Dalmácio dos Anjos

**RESILIÊNCIA EM IDOSOS ATENDIDOS EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA DE
ASSISTÊNCIA SOCIAL EM SANTARÉM - PA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção de título de Mestre em Serviço Social.

Belém, 01 de setembro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Heliana Baía Evelin Soria
(PPGSS-UFPA)
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Sandra Helena Ribeiro Cruz
(PPGSS-UFPA)
Examinadora

Prof^a. Dr^a. Silvia Cristina Stockinger Flores
(Posgrado UNR-Universidad Nacional de Rosario-Argentina)
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a DEUS, pois sem Ele nada aconteceria;

Aos meus pais, irmãos, e sobrinha Késsia que com todo apoio, incentivo e amor me ajudaram a persistir e buscar sempre o melhor;

Ao meu namorado Gabriel, pelo amor, carinho incentivo nos momentos mais difíceis para a finalização deste trabalho.

À minha amiga Paulyane, pela grande contribuição na transcrição dos dados.

À minha orientadora Prof^a Heliana Baía Evelin Soria, pelo apoio na elaboração deste trabalho não medindo esforços para me orientar e o mais importante, pelo exemplo de dedicação, competência, responsabilidade e amor pelo que faz. Com certeza é uma pessoa que sempre será um modelo para mim;

Aos meus amigos do mestrado em especial: Gleidson, Socorro, Jeorgeane e Anderson pelas experiências compartilhadas durante o curso e pelo apoio.

E à todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente com a realização deste trabalho e com a minha formação durante os anos de curso.

RESUMO

Esta pesquisa objetivou verificar de que forma ocorre a resiliência dos idosos que fazem parte do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, serviço este que de acordo com a Política Nacional de Assistência Social prioriza um envelhecimento ativo, saudável e autônomo. A pesquisa foi realizada em um Centro de Referência de Assistência Social, na cidade de Santarém (Oeste do Pará), com duas idosas de 64 anos que participavam do grupo. Foi utilizada uma escala de resiliência para selecionar as duas participantes da pesquisa, estas preencheram um questionário sociodemográfico, em seguida foram entrevistadas. O método utilizado foi o da história oral. Os resultados mostraram que o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos contribui com o desenvolvimento de fatores de proteção e que as idosas apresentaram em suas histórias de vida inúmeras situações em que os fatores de proteção contribuíram com a resiliência frente às adversidades. Quanto ao envelhecimento e suas adversidades, o grupo de idosos se apresenta como uma rede de apoio. Levando-se em conta o conceito de desenvolvimento utilizado neste estudo o *life span*, em que o ser humano pode desenvolver-se até os últimos dias da sua vida. Concluiu-se ainda que o idoso ao apresentar inúmeras adversidades, é afetado pelas mesmas, porém, pode ter um envelhecimento saudável através da resiliência, esta que pode ser desenvolvida e estimulada através dos fatores de proteção obtidos com os serviços do CRAS.

Palavras-chave: Idoso. Resiliência. Centros de Referência de Assistência Social.

ABSTRACT

This study aimed to verify how is the resilience of the elderly who are part of the service Coexistence and Strengthening Linkages, a service which according to the National Social Assistance Policy prioritizes active aging, healthy and autonomous. The survey was conducted in a Centers References Social Assistance in the city of Santarém (West of Pará), with two elderly 64 year old who participated in the group. Resilience scale was used to select the two participants, they completed a sociodemographic questionnaire then were interviewed. The method used was oral history. The results showed that the service Coexistence and Strengthening Linkages contributes to the development of protective factors and older had in their past numerous situations in which protective factors contributed to resilience in the face of adversity. As for the aging and its adversities, the elderly group presents itself as a support network. Taking into account the concept of development used in this study the life span, in which human can develop until the last days of his life. It was also concluded that the elderly to present numerous adversities, is affected by the same, however, can have a healthy aging by resilience, this can be developed and encouraged through the protective factors obtained with the CRAS services.

Keywords: Elderly. Resilience. Centers References Social Assistance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 –	Rotina dos idosos no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – em um CRAS/Santarém-Pa., fevereiro a maio 2014	38
GRÁFICO 1 –	Resultado da aplicação da Escala de Resiliência com idosos no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos em um CRAS/Santarém-Pa	40
QUADRO 2 –	Fatos da história de vida das duas participantes que fazem parte do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – em um CRAS/Santarém-Pa	77
QUADRO 3 –	As instituições como fatores de risco ou proteção na história de vida das entrevistadas (M.D.A)	82
QUADRO 4 –	As instituições como fatores de risco ou proteção na história de vida das entrevistadas (E.B.R)	83

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	Conceito e características da resiliência	14
2.1.1.	Fatores de proteção, risco e o envelhecimento	16
2.2	Envelhecimento e suas características	18
2.2.1	Velhice e sociedade	20
2.2.2	Fatores de risco e de proteção na velhice	21
2.3	Política de Assistência Social no Brasil	23
2.3.1	A Política de Assistência, o velho e a resiliência	27
3	METODOLOGIA	30
3.1	Locus da pesquisa	30
3.2	Método da pesquisa	31
3.3	Participantes	32
3.4	Instrumentos	32
3.5	Procedimento	33
3.6	Análises de dados	34
4	RESULTADOS	36
4.1.	O CRAS (Caranazal) como instituição resiliente	36
4.2	A Rotina dos idosos no serviço de convivência e fortalecimento de vínculos	37
4.3	Aplicação da escala de resiliência	39
4.4	História oral das participantes entrevistadas	40
5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	78
5.1	As Contribuições do CRAS como instituição resiliente	78
5.2	Nível de resiliência das participantes da pesquisa	79
5.2.1	Os fatores socioeconômicos na história de vida das entrevistadas e sua relação com a resiliência	80
5.2.2	Fatores de risco e fatores de proteção: o papel das instituições como fator protetivo e/ou risco	81
5.2.3.	Adversidades ao longo da vida: formas de enfrentamento	84

5.2.4.	Envelhecimento e resiliência	86
5.2.5	CRAS X Resiliência	88
6	CONCLUSÃO	90
	REFERÊNCIAS	92
	ANEXOS	96
	ANEXO A - Questionário de Dados Sociodemográficos	97
	ANEXO B - ESCALA DE RESILIÊNCIA	98
	APÊNDICES	100
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	101
	APÊNDICE B - Roteiro da entrevista semiestruturada	102
	APÊNDICE C - Síntese das histórias de vidas	103

1 INTRODUÇÃO

O contexto atual do Brasil mostra que o País está envelhecendo de maneira acelerada. De acordo com os dados preliminares da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2010) a pirâmide etária brasileira se alterou na última década, o país que antes era considerado jovem, está cada vez mais amadurecido. O Brasil passa, portanto, por um processo de envelhecimento que deverá durar 30 anos, o que fará com o que o país deixe de ser majoritariamente jovem para se tornar uma nação madura em 2040. O país contava com aproximadamente 20 milhões de pessoas com mais de 60 anos (PNAD, 2008) um grupo que já representava mais de 10% da população brasileira, e que a partir dos 60 anos aumenta 87,4% entre 2010 e 2030 e 198,2% entre 2010 e 2050.

Diante do contexto deste rápido crescimento na população de idosos é de fundamental importância a adoção de políticas e programas sociais para a pessoa idosa de modo a garantir o cumprimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos. E é neste contexto que se enquadra a nova concepção da Assistência Social através da Proteção Social Básica, mas especificamente o Centro de Referência de Assistência Social. De acordo com Peres (2007) é de extrema relevância garantir ao idoso não apenas mais anos de vida, e sim anos de vida com qualidade e satisfação pessoal.

O fenômeno do envelhecimento populacional brasileiro vem ao longo dos últimos anos conquistando cada vez mais espaço nas discussões, pesquisas, literatura, políticas, etc. Os estudos acerca deste fenômeno mostram-se de suma importância, sobretudo por esta ser uma população que vem crescendo significativamente nas últimas décadas e que necessita receber um olhar diferenciado da sociedade. Porém, de acordo com Barros (2000), a visibilidade da velhice no Brasil vai além das mudanças na pirâmide etária do país, haja vista que a vivência no dia-a-dia das pessoas envolve, em diversos contextos, o velho. Deste modo, pode-se concluir que aos poucos a velhice se faz presente tanto na vida privada de cada família, como em diferentes espaços públicos.

A minha relação com a temática do envelhecimento ocorreu em dois momentos, primeiro durante a graduação no curso de Psicologia, em que tive uma

proximidade significativa com esta temática durante dois anos, por meio do Programa de Extensão Velhice Bem-Sucedida, coordenado pela Professora Dr^a Hilma Khoury, na Universidade Federal do Pará. Neste período, pude ter contato com velhos atendidos em um Hospital Universitário (por meio de um programa de atendimento Domiciliar ao Idoso), na Casa do Idoso e por um Programa de Universidade da Terceira Idade.

O outro momento ocorreu por conta de uma experiência profissional que tive durante o ano de 2011, em que atuei como psicóloga em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), onde pude realizar inúmeras atividades com os idosos.

A convivência com esta temática me levou a realizar alguns questionamentos sobre os idosos que faziam parte do grupo de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, o qual eu coordenava, pois ainda que fossem velhos que já enfrentavam as consequências naturais da velhice, e que era a grande maioria de baixa renda, alguns com histórico de violência na família, abandono, maus tratos oriundos da violência psicológica, entre outros, mesmo assim, tinham força para ir aos grupos, participavam com entusiasmo das atividades e demonstravam ter uma fortaleza que ia além de todas as dificuldades pelas quais estavam passando ou que haviam passado.

No entanto, ainda que eu trabalhasse com a teoria da perspectiva de desenvolvimento *Life Span*, a qual defende que o indivíduo se desenvolve ao longo de toda a sua vida, portanto não estagna durante o envelhecimento, muito me intrigava a forma como alguns daqueles idosos enfrentavam as situações adversas das suas vidas. Deste modo, procurei com esta pesquisa tentar responder a alguns destes questionamentos.

Durante a minha atuação profissional pude constatar o quanto é importante o desenvolvimento de habilidades que favoreçam o envelhecimento saudável, como destaca Neri (2001), que o fato do envelhecimento ser caracterizado pelas perdas das funcionalidades, não significa que necessariamente tais perdas impedirão a continuidade do funcionamento cognitivo e emocional da pessoa. Deste modo, o velho pode utilizar mecanismos de compensação para lidar com as perdas

decorrentes do envelhecimento. Sendo assim, muitos idosos podem ter uma qualidade de vida se aprenderem a flexibilizar muitos de seus comportamentos.

No entanto, existe outro mecanismo que o ser humano desenvolve para lidar com as adversidades da vida, que é a *resiliência*. De acordo com a literatura esta é um mecanismo de enfrentamento, superação e fortalecimento. Portanto, o indivíduo enfrenta as situações adversas, supera-as e sai fortalecido das mesmas. No caso dos idosos atendidos nos grupos que eu coordenava pude identificar que havia grandes chances de alguns deles serem resilientes, porém após uma leitura mais aprofundada sobre a resiliência passei a me questionar se de fato esses idosos passavam por um processo pessoal de enfrentamento, superação e fortalecimento diante das adversidades presentes nas suas vidas.

No que se refere à Política de Assistência Social é válido destacar que a sua proposta enquanto política para o velho contribuiria significativamente com o envelhecimento saudável, porém por uma série de fatores, muitas vezes a realidade é completamente diferente. Sendo assim, de um modo geral, esta pesquisa buscou compreender de que forma ocorre o processo de resiliência em idosos atendidos por um CRAS em Santarém, de modo a verificar se os mesmos passaram por um processo de enfrentamento, fortalecimento e superação ou se apenas se adaptaram negativamente às situações adversas presentes em suas vidas.

Os objetivos específicos correspondem a: Identificar o nível de resiliência em idosos; Identificar as atividades realizadas com os idosos pertencentes aos Centros de Referência de Assistência Social e; Relacionar as atividades no CRAS e resiliência.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos: o primeiro capítulo corresponde ao Referencial Teórico, neste são abordadas as principais categorias que serviram de base para a discussão dos resultados da pesquisa: resiliência, envelhecimento e política de assistência. Este capítulo relaciona pontos importantes acerca da resiliência, características do envelhecimento e os CRAS.

O segundo capítulo corresponde à metodologia da pesquisa quanti-qualitativa, pois faz uso da escala de resiliência e de um roteiro de entrevista semi-estruturada. A coleta de dados foi realizada em um dos CRAS da cidade de Santarém, oeste do Pará, com idosos acima de 60 anos que estavam inseridos no

Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo. O principal método utilizado para a coleta de dados é o da História Oral, onde o entrevistado descreve a sua história de vida para posterior análise do discurso.

O terceiro e último capítulo corresponde à análise e discussão dos dados da pesquisa. Por tratar-se de uma pesquisa quanti-qualitativa, primeiramente foram analisados os resultados obtidos com a Escala de Resiliência. Em seguida os dados da entrevista foram categorizados, e posteriormente analisados de acordo com objetivo deste estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Conceito e características da resiliência

A palavra resiliência etimologicamente vem do latim *resilio* e significa saltar para trás, voltar, ser impelido, recuar, encolher-se, romper. O termo se originou na área de Ciências Exatas, mais especificamente na Física e na Engenharia, e tem Thomas Young, cientista inglês, como um de seus precursores (GROTBERG, 2005). Tal cientista “descrevia experimentos sobre tensão e compressão de barras, buscando a relação entre a força que era aplicada em um corpo e a deformação que essa força produzia”, ou seja, era considerado como corpo resiliente aquele que fosse mais resistente à pressão da força aplicada (YUNES; SZYMANSKI apud TAVARES, 2001, p.15).

Yunes (2003) destaca que no dicionário de língua portuguesa Ferreira (1999) diz que na Física resiliência é: “a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de uma deformação elástica”, no sentido figurado é definido como “resistência ao choque”. A autora destaca ainda que na língua inglesa Longman Dictionary of Contemporary English (1995) existem duas definições para resiliência, a primeira se refere à habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito após passar por doenças ou dificuldades; a segunda é a habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida; ou seja, flexibilidade. Por meio dessas duas últimas definições é possível perceber que o termo pode ser aplicado tanto a materiais como a indivíduos.

Tavares (2001) aborda a origem do termo resiliência a partir de três pontos: físico, médico e psicológico. O “físico” corresponde à resistência de um material a algum tipo de pressão, a qual lhe permite voltar após a pressão ao seu estado inicial; quanto ao ponto de vista médico, seria com relação a capacidade de um sujeito resistir a uma doença, intervenção, por meio de suas capacidades pessoais, podendo ou não estar aliado a medicamentos. E por último, seria a capacidade das pessoas resistirem a situações adversas, sem perder o equilíbrio inicial.

Nas Ciências Humanas, segundo Grotberg (2005), a resiliência significa a capacidade das pessoas de enfrentarem e superarem as adversidades, aproveitando-as para o crescimento e desenvolvimento pessoal. Portanto “os comportamentos resilientes conduzem a resultados positivos para todos. Enfrentar uma adversidade não pode prejudicar outras pessoas. Por isso, um dos fatores de resiliência é o respeito pelos outros e por si mesmo” (GROTBERG, 2005, p. 21-22).

Ainda segundo Grotberg (2005) a resiliência é um processo em que existem fatores, comportamentos e resultados resilientes, tais fatores são apresentados pela autora como: “Eu tenho” [apoio], “Eu sou” [confiante], “Eu estou” [disposto], “Eu posso” [adquirir habilidades interpessoais para resolução de problemas]. Para Tavares (2001) o desenvolvimento de capacidades de resiliência nas pessoas é influenciado pela mobilização e ativação das suas capacidades de ser, estar, ter, poder e querer, portanto capacidade de autorregulação e autoestima.

No que se refere aos precursores do termo resiliência pode-se destacar o termo *invencibilidade ou invulnerabilidade* utilizado pelo psiquiatra infantil J. Anthony em 1974 a partir do seu estudo em Psicopatologia do Desenvolvimento Infantil, em que o mesmo pesquisou crianças que apesar de passarem por um tempo prolongado de adversidades e estresse, ainda assim apresentavam uma boa saúde emocional (SZYMANSKI; YUNES apud TAVARES, 2001, p.16).

É importante destacar que a aplicação deste termo foi bastante questionada, pois a compreensão que se tinha era que as crianças da pesquisa eram totalmente imunes a qualquer evento aversivo, independente das circunstâncias. Um importante pioneiro nos estudos da resiliência, Michel Rutter, destacou que o termo invulnerabilidade denotava uma ideia de resistência total ao estresse, como se o ser humano tivesse limite para suportar o sofrimento. Ainda de acordo com este autor a invulnerabilidade passa a ideia de que a resiliência era algo intrínseco do indivíduo, enquanto as pesquisas acerca da temática em questão indicavam que a resiliência ou resistência ao estresse eram relativos e que suas bases eram tanto constitucionais como ambientais, portanto tira o foco do indivíduo e amplia o conceito (RUTTER, 1985 apud YUNES, 2003). Zimmerman e Arunkumar (1994, apud YUNES, 2003) afirmam que resiliência e invulnerabilidade não são termos equivalentes, e que resiliência significa “habilidade de superar adversidades, o que

não significa que o indivíduo saia da crise ileso, como implica o termo invulnerabilidade” (YUNES, 2003, p.4).

Cyrulnik (2001) destaca que para se compreender resiliência, é necessário destacar três pontos que constituem um temperamento pessoal, uma significação cultural e um apoio social, que interferem em experiências traumáticas. Os pontos são:

1. A aquisição de recursos internos impregnados no temperamento, desde os primeiros anos, durante as interações precoces pré-verbais, explicará a maneira de reagir perante as agressões da existência, criando mais ou menos sólidos suportes de desenvolvimento;
2. A estrutura da agressão explica os danos da primeira pancada, a ferida ou carência. Porém, é o significado que esta pancada tomará mais tarde na história do ser vivo e no contexto familiar e social que explicará os efeitos devastadores da segunda pancada, aquela que provoca o traumatismo;
3. Finalmente, a possibilidade de encontrar lugares de afeição, de atividades e de palavras que a sociedade por vezes dispõe ao redor do sujeito magoado oferece os suportes de resiliência que lhe permitirão reiniciar um desenvolvimento transformado pela ferida (CYRULNIK, 2001, p.19).

Sendo assim, esta pesquisa compreende a resiliência como um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que contribuem com uma vida sadia, é um processo que resulta da relação entre as características individuais, ambiente familiar, social e cultural. Deste modo, não pode se limitar a uma característica que nasce com o indivíduo ou que é adquirida com o seu desenvolvimento, é portanto um processo entre indivíduo e meio, no qual as mesmas situações adversas podem vir a ser vivenciadas de diferentes formas pelo ser humano (RUTTER, 1987 apud YUNES, 2003).

Tendo em vista que esta pesquisa é realizada com pessoas que fazem parte da última fase da vida, é fundamental compreender a resiliência como um processo, que pode ser desenvolvido ao longo de toda a existência.

2.1.1. Fatores de proteção, risco e o envelhecimento.

Para que se possam compreender os mecanismos facilitadores dos processos de resiliência, é fundamental identificar os fatores de risco e os de

proteção, tal compreensão também ajuda no entendimento do conceito e nas características da resiliência.

Grotberg (2005) destaca que os fatores de proteção funcionam para neutralizar o risco, portanto, uma pessoa que está suficientemente protegida em uma situação ficará imune ao risco e assim não necessita desenvolver a resiliência. É importante ressaltar que em muitos estudos pioneiros sobre a resiliência não havia uma clareza quanto ao conceito de fator de proteção e fatores de resiliência, pois se considerava que os fatores de resiliência enfrentavam o risco, no entanto os fatores que enfrentam o risco são os de proteção.

Polk (1999 apud JOB, 2000) cita algumas variáveis que considera como fatores de resiliência ou como é denominado por alguns autores, mecanismos de enfrentamento: ter habilidades cognitivas; ter autoestima; ter autocontrole; ter um sentimento de eficácia; ter um bom humor; relacionamentos com pessoas significativas; possuir modelos positivos em quem se espelhar; ter interesses e *hobbies* variados; maior sociabilidade; tolerância com diferenças individuais; criatividade; avaliação realista das situações; habilidade de delimitar objetivos; perseverança; flexibilidade; fé; visão positiva do mundo; etc.

No que se refere aos fatores de risco, este é definido como sendo um acontecimento que se configura como obstáculo ao nível individual ou ambiental e que potencializa a vulnerabilidade do ser humano contribuindo negativamente com o seu desenvolvimento (PESCE ET AL., 2004).

Em alguns estudos pioneiros os riscos eram vistos de uma maneira estática (variáveis que levavam a resultados negativos), no entanto posteriormente passaram a ser vistos como um processo, deste modo não basta apenas identificar as variáveis de risco, é necessário avaliar o processo como um todo, ou seja, em que contexto tal risco se manifesta, o que mantém a ocorrência dele, o que o originou, etc. Yunes e Szymanski (2001) consideram que o que pode ser um risco para um pode não ser para outro; deste modo, considerar ou não um evento como risco depende da visão subjetiva do indivíduo.

Rutter (1999, apud ARAUJO, 2006) ressalta que há uma diferença entre os indicadores de risco e mecanismos de risco, pois o risco, como foi dito acima, deve ser visto como um processo e não como uma variável isolada. Os riscos não são

estáticos, pois são influenciados pelas circunstâncias de vida. Os riscos de hoje são diferentes de anos atrás. Vive-se em uma época de alta tecnologia em uma cultura neo-narcisista, em uma sociedade hedonista, em um novo tipo de moral. Vive-se o hipermodernismo na denominação de Lipovetsky (2004, apud ARAUJO, 2006).

É importante ressaltar que durante a fase do envelhecimento é possível enumerar vários fatores de risco, como a morte de pessoas próximas e da mesma faixa etária, doenças, aposentadoria, mudanças de papéis sociais, e que ao se depararem com elas os velhos podem manifestar fatores de resiliência ou não. Daí a necessidade de estudos com esta população.

A literatura aponta que a maior parte dos estudos sobre resiliência é realizada com crianças e adolescentes, havendo uma carência de estudos com os velhos. Segundo Laranjeira (2007) tal evidência levanta alguns questionamentos, como o fato da resiliência ser adquirida na infância ou se apenas algumas pessoas são resilientes e se as que não são jamais desenvolverão este mecanismo de enfrentamento.

Neri (2001) defende que as perdas que ocorrem durante o envelhecimento não são uma barreira que impedem a continuidade do funcionamento cognitivo e emocional. Segundo a autora o idoso como qualquer outro ser humano é capaz de ativar mecanismos compensatórios para lidar com essas perdas, e a resiliência é fundamental neste processo pois pode contribuir com à adaptação do velho perante fatores irreversíveis que acompanham o envelhecimento ou enfrentando e superando inúmeras adversidades presentes nesta fase da vida.

2.2 Envelhecimento e suas características

O envelhecimento populacional é um fenômeno que vem ocorrendo mundialmente e de forma cada vez mais acelerada. Para Morais (2009) este fenômeno que inicialmente vinha sendo percebido de forma lenta e progressiva em países desenvolvidos, inicia seu processo diferentemente em países em desenvolvimento, nestes ocorre de maneira acelerada. Ainda, de acordo com este autor, tais mudanças representam uma das maiores conquistas sociais do século XX.

Os resultados do Censo 2010, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística vem ao encontro dessas informações, onde a população com 65 anos ou mais passou por um crescimento significativo, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010.

Os dados do IBGE também mostram que o índice de envelhecimento (relação entre idosos de 60 anos ou mais e crianças de até 15 anos) no Brasil cresceu de 31,7, em 2001, para 51,8, em 2011, aproximando-se bastante do indicador mundial (48,2).

Quanto aos dados estatísticos da região Norte, o Censo de 2010 mostra que apesar do contínuo crescimento do envelhecimento observado nas duas últimas décadas, esta ainda é uma região que apresenta uma estrutura bastante jovem, em virtude dos altos níveis de fecundidade no passado. No caso da população de idosos de 65 anos ou mais passou de 3,0% em 1991, 3,6% em 2000 para 4,6% em 2010.

Diante destes dados, conclui-se que, de maneira geral, a população idosa vem crescendo cada vez mais, porém, é válido ressaltar que embora o envelhecimento populacional venha passando por este processo de mudança acelerado, segundo Berquó (1999) não foi acompanhado por um planejamento adequado, portanto muitas melhorias no atendimento aos idosos ainda precisam ser feitas para que suas necessidades sejam atendidas.

O processo de envelhecimento gera novas demandas específicas e que constitui uma série de desafios para a sociedade e governantes; sendo assim, é necessário que os gestores em geral formulem e reformulem políticas que atendam a esta população de modo a contribuir com a sua qualidade de vida como um todo. Deste modo, é necessário que cada vez mais haja investimentos em pesquisas, em serviços e políticas que contemplem as demandas deste público. É evidente que muitas conquistas já foram alcançadas, porém ainda existem muitas melhorias a serem realizadas para que se alcance não só a garantia de direitos desta população, mas também a certeza da sua efetivação.

2.2.1 Velhice e sociedade

De acordo com Minayo e Coimbra Júnior (2002), envelhecimento não pode ser considerado como um processo homogêneo, pois “[...] cada pessoa vivência essa fase da vida de uma forma, considerando sua história particular e todos os aspectos estruturais (classe, gênero e etnia) a ela relacionados, como saúde, educação e condições econômicas” (MINAYO; COIMBRA JÚNIOR, 2002, p. 14).

Neste sentido, Goldman e Faleiros (2008) reforçam que esta fase da vida não é homogênea, pois além de ocorrer de forma variada para cada pessoa é um processo biopsicossocial, onde várias realidades se cruzam, ainda que em lados opostos, como se pode identificar no trecho abaixo:

Em contraposição ao conceito de velhice como gestão de perdas, propomos que a velhice seja vista como uma relação biopsicossocial, que envolve as trajetórias individuais, familiares, sociais e culturais ao longo do tempo de vida, num entrecruzamento de trabalho / não trabalho; reprodução / infertilidade; normas e papéis de utilidade / inutilidade, defasagem / sabedoria, de isolamento / integração, perdas e ganhos, e de condições de exercício da autonomia / dependência, e de projetos pessoais. Assim, a velhice não é uma categoria homogênea para todos e nem um processo de via única, situando-se nas transições contraditórias das mudanças demográfica, social, cultural e epidemiológica de cada povo (GOLDMAN; FALEIROS, 2008, p.27).

Para Barros (2000) a velhice na forma de preconceito pode não estar diretamente ligada à idade cronológica, mas sim a conceitos depreciativos como a fealdade, desesperança, pobreza, solidão, inatividade, doença, entre outros. Ainda segundo esta autora a literatura acerca do tema velhice é destacada como sendo uma fase da vida que se caracteriza por uma perda das relações sociais, por uma diminuição das áreas sociais, tais perdas que podem advir da aposentadoria ou viuvez, o que faz com que a família tenha uma importância significativa nas relações sociais do velho.

Sluzki (apud GOLDMAN; FALEIROS, 2008) a velhice leva a uma desconstrução da rede social, a mesma destaca que:

[...] à medida que se envelhece, a rede pessoal social sofre mais perdas ao mesmo tempo em que as oportunidades de substituição para estas perdas se reduzem drasticamente. Além disso, os esforços que é preciso despende para manter uma conduta social ativa são maiores, a dificuldade

para se mobilizar e para se mover é maior, e a acuidade sensorial é reduzida, o que diminui as habilidades e, em longo prazo, o interesse em expandir a rede [...] Com o desaparecimento de vínculos com pessoas da mesma geração, desaparece boa parte dos apoios da história pessoal [...] Parte da experiência de depressão que parece se instalar em muitos velhos de maneira opressiva emana da solidão e da consequente perda de papéis (SLUZKI, 1997, p.117-118 apud GOLDMAN; FALEIROS, 2008).

Neste sentido, Goldman e Faleiros (2008) destacam que a velhice tem como consequência uma “tríplice perda”: trabalho, saúde e rede social. Portanto, o envelhecimento abarca inúmeras abordagens e as mais variadas realidades influenciam diretamente nas formas de viver o envelhecimento, de modo que esta etapa da vida muitas vezes pode estar condicionada a fatores sociais, históricos e culturais.

2.2.2 Fatores de risco e de proteção na velhice

A fase do envelhecimento é naturalmente relacionada a uma série de estereótipos negativos, em que muitas vezes é associada a uma época caracterizada pela inatividade, improdutividade e incapacidade, o que faz com que em alguns casos o idoso se torne um peso para suas famílias (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010). Deste modo, cultiva-se o *ageísmo*¹, ou seja este preconceito por parte da sociedade com a pessoa idosa, onde o próprio termo “velho” representa incapacidade, decadência e exclusão social. Essa visão, na verdade, é reflexo do *ageísmo*, portanto discriminação do velho e que é cultivado pela sociedade de modo geral. O próprio termo ‘velho’ tem uma conotação negativa, pois é utilizado para expressar decadência, incapacidade laboral, falta de *status* social e exclusão social (DEBERT, 1999).

O *ageísmo* pode ter consequências prejudiciais em vários âmbitos na vida da pessoa idosa, pode-se dizer que no âmbito das relações interpessoais as consequências são mais significativas. Experiências de discriminação podem contribuir ainda mais para a visão negativa do envelhecimento. Segundo Neri (2007,

¹ Ageísmo - Discriminación por la edad. En atención sanitaria se refiere a abstenerse de aplicar medios diagnósticos o terapéuticos en un paciente, que pudiera beneficiarse de ellos, atendiendo exclusivamente a su edad avanzada. No parece justificado no aplicar dichos procedimientos, especialmente los de bajo riesgo, salvo en la última fase de evolución de una enfermedad terminal. glosarios.servidor-alicante.com/etica/ageismo.

p. 44), “a exclusão produzida por atitudes, preconceitos e estereótipos limita o acesso dos idosos aos recursos sociais e lhes acarreta isolamento, senso de inferioridade, baixo senso de autoeficácia e incompetência comportamental”.

No que se refere à relação entre o adulto e o velho Bosi (2003) destaca que a falta de reciprocidade gera uma relação limitada, em que o adulto não contribui com o desenvolvimento do velho, pois a relação que se estabelece é baseada em uma falsa tolerância, logo não se confrontam opiniões e visões acerca da realidade como ocorre com o adulto em outros tipos de relação, assim o velho é tratado como alguém com quem não vale a pena “discutir”. Ainda segundo Bosi (2003), a velhice pode ser oprimida das mais variadas formas, algumas socialmente aceitáveis enquanto outras brutalmente inaceitáveis, neste sentido a mesma destaca que:

Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutela, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de má-fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as “pesquisas” que demonstram a incapacidade e a incompetência sociais do velho) (BOSI, 2003, p.18).

Muitas vezes os idosos acabam reforçando os estereótipos, pois ao sentirem-se discriminados acabam isolando-se e reproduzem muitos dos comportamentos que a sociedade “espera”, como a passividade, a doença, inatividade, entre outros, tudo por conta da imagem negativa acerca do envelhecimento. No entanto, ainda que exista uma série de limitações da sociedade como um todo, Neri (2007) destaca que inúmeras melhorias aconteceram nas últimas décadas no que tange as condições dos idosos brasileiros, fruto do progresso social. O olhar para esta população cresceu significativamente. Esta autora atribui dois fatores a estes avanços: o aumento da população idosa e as instituições sociais que passaram a atender este público, trabalhando em defesa dos seus direitos.

Deste modo, ao longo das últimas décadas foram-se desenvolvendo inúmeros caminhos para se chegar à velhice, porém de modo mais bem-sucedido possível. Neri e Cachioni (1999) relatam que a velhice bem-sucedida não tem como objetivo preservar o velho comparando-o com os jovens, e sim preservar o desenvolvimento individual levando em conta apenas o próprio indivíduo.

Durante a velhice o indivíduo fica limitado por uma série de fatores, como a idade, condições de saúde, estilo de vida, educação entre outros, sendo assim é necessário que os prejuízos oriundos do envelhecimento possam ser minimizados por meio da ativação de outras capacidades; deste modo, as autoras concluem que a velhice bem-sucedida não vai contra as perdas, de modo a negá-las, mas exalta a capacidade de adaptação tanto biológica, como psicológica e socialmente.

2.3 Política de Assistência Social no Brasil

O Brasil foi um dos primeiros países da América Latina a implementar uma política de garantia de renda para a população trabalhadora, e que teve seu grande marco com a universalização da seguridade social em 1988. Na Constituição Federal de 1988 os direitos sociais foram reconhecidos como direito à Seguridade Social. Iniciou-se um novo caminho para a assistência no país: “A Seguridade compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos poderes públicos e da sociedade, destinados a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdência e à assistência social” (BRASIL, 1988, Art. 194). Pereira (2002, não paginado) destaca ainda que:

[...] com a Constituição vigente, promulgada em 1988, a Assistência Social também ganhou nova institucionalidade, que a fez pautar-se pelo paradigma da cidadania ampliada e a funcionar como política pública concretizadora de direitos sociais básicos particularmente de crianças, idosos, portadores de deficiência, famílias e pessoas social e economicamente vulneráveis.

Tais mudanças contribuíram com uma nova visão da proteção social, esta que historicamente possui um caráter assistencialista e clientelista. De acordo com Behring e Boschetti (2007) e Sposati (2007) ao analisar a evolução da proteção social no Brasil, de modo particular a assistência social observa-se que historicamente ela está atrelada às práticas assistencialistas e a uma sociedade destituída de direitos. Nesta perspectiva que surgiu em 1942 a Lei Brasileira de Assistência (LBA), que forneceu as bases para o desenvolvimento de inúmeras práticas assistenciais durante muitos anos. Assim, a proteção social assumiu uma

postura assistencial, de bondade, de caridade e que não representava a garantia de um direito ou da responsabilidade do Estado.

Após esse período, o Sistema de Proteção Social brasileiro foi passando por vários avanços, até chegar à década de 80, marcada pela intensificação dos movimentos sociais, contexto onde foi aprovada a Constituição de 88. Neste documento o sistema de políticas sociais no Brasil rompeu com o caráter contratual e contributivo característico da época política. Deste modo, as políticas sociais adquiriram o caráter universalista, igualitário e garantido por lei a todos os cidadãos (COUTO, 2006).

Apesar de todos os avanços obtidos com a Constituição de 88, é importante destacar que só após 5 anos foi regida a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, conhecida como Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS). Com esta lei estabeleceu-se, a partir do plano legal, a diferença entre a Política Pública de Assistência Social e “assistencialismo”.

De acordo com Cruz e Guareschi (2012) a LOAS contribuiu para que a proteção social se apresentasse como um mecanismo contra a exclusão, sendo a assistência definida da seguinte forma:

A assistência social configura-se como possibilidade de reconhecimento público da legitimidade das demandas de seus usuários e espaço de ampliação de seu protagonismo. Nesse sentido, marca sua especificidade no campo das políticas sociais, exigindo que as provisões assistenciais sejam prioritariamente pensadas no âmbito das garantias de cidadania sob vigilância do Estado, cabendo a esta universalização da cobertura e a garantia de direitos e acesso para serviços, programas e projetos sob sua responsabilidade (CRUZ; GUARESCHI, 2012, p. 28).

Uma discussão importante que está presente na literatura é com relação à efetivação do direito à seguridade social, assim como é garantido na Constituição, sobretudo no que se refere à assistência social. Para Cruz e Guareschi (2012) existem alguns fatores que contribuem com este processo, como os efeitos provocados pela crise econômica, o que não contribuiu com as reformas institucionais nos sistemas de proteção social. Pereira (1996, apud CRUZ; GUARESCHI, 2012) destaca ainda que a “manutenção das velhas concepções históricas” da assistência confirma a sua forma limitada neste processo, pois esta era associada à área assistencialista e à forma emergencial de atender a população,

portanto relacionado à pobreza absoluta. Couto (2004) reforça ainda que o assistencialismo e o clientelismo são marcas de uma sociedade conservadora e que por um longo período considerou/considera a pobreza um atributo individual, e que o pobre não se esforça para superá-lo.

É fundamental levar em consideração a discussão acima, pois assim como a assistência passou por inúmeras mudanças, também tal prática ainda hoje está presente no dia-a-dia.

Ainda no que refere à Política de Assistência Social, Pereira- Pereira (2002) destaca que após a LOAS alguns princípios foram introduzidos como igualdade, equidade, justiça social e a promoção da autonomia do cidadão. A autora destaca características desta nova Política de Assistência Social:

a) Constitui política de Seguridade Social que, ao lado da Saúde e da Previdência, deve contribuir para a ampliação da cidadania à medida que incorpora no circuito de bens, serviços e direitos usufruídos por uma minoria, parcelas da população tradicionalmente excluídas desse circuito; b) Trata-se de direito incondicional, isto é, gratuito e desmercantilizado, que por reconhecer nos cidadãos, especialmente os mais pobres, o *status* de credores de uma enorme dívida social acumulada, se apresentam como dever de prestação, quando não de ressarcimento, dos poderes públicos. Por isso, não tem cabimento a previsão de contrapartidas impositivas do cidadão pobre como condição de acesso e usufruto da assistência que lhe é legal e legitimamente devida como direito básico; c) Traduz-se como intervenção positiva do Estado, com o aval, requerimento e controle da sociedade, visto que, por se tratar de direito social, e não individual, compromete os poderes públicos com a sua garantia e provisão. Essa intervenção positiva sugere: primazia do Estado no atendimento de necessidades sociais básicas; prontidão estatal para coibir abusos de poder, negligências ou desrespeito aos direitos dos cidadãos; provisão pública de bens, serviços e oportunidades; e remoção de obstáculos ao exercício efetivo da cidadania por parte de seus titulares. Tal comprometimento do Estado não significa – como muitos pensam – paternalismo ou tutela estatal. Mas, implica obrigar o Estado a arcar com responsabilidades de sua alçada, que lhe foram delegadas pela sociedade no curso da ampliação da democracia. Está se falando, portanto, de um Estado Social de direito que encampa as causas sociais e tem como uma de suas principais funções a redução de incertezas e infortúnios sociais mediante políticas públicas, dentre as quais a assistência (PEREIRA-PEREIRA, 2002, p. 2-3).

Após a aprovação da LOAS um outro documento importante veio das deliberações da IV Conferência Nacional da Assistência Social que foi o Plano Nacional de Assistência Social, que indica os eixos estruturantes para a sua operacionalização: territorialidade, financiamento, controle, monitoramento e

avaliação de recursos. Já em 2005 ocorre a aprovação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que é um instrumento de unificação das ações da Assistência Social, materializando assim as diretrizes da LOAS.

Segundo Sposati (2006), o SUAS não é considerado um programa e sim uma forma de gestão da política de assistência como política pública, ratificando assim a busca pelos direitos dos seus usuários.

No que se refere aos idosos, Ferreira (2000) destaca que foi através da Constituição de 1988 que começaram a vigorar leis de amparo a esta população. Portanto, foi a partir da chamada “Constituição Cidadã” (de 1988) que foram aprovadas a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), a Política Nacional do Idoso (PNI), Lei nº 8.842 de quatro de janeiro de 1994, o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741 de primeiro de outubro de 2003.

No que se refere às políticas sociais para os idosos, estas foram efetivadas por meio de programas e serviços instituídos a partir da Política Nacional do Idoso (PNI). Quanto à assistência social o artigo 10 da PNI faz referência às competências dos órgãos e entidades públicas:

I – na área de promoção e assistência social:

- a) Prestar serviços e desenvolver ações voltadas para o atendimento das necessidades básicas do idoso, mediante a participação das famílias, da sociedade e de entidades governamentais e não governamentais;
- b) Estimular a criação de incentivos e de alternativas de atendimento ao idoso, como centros de convivência, centros de cuidado diurnos, casas-lares, oficinas abrigadas de trabalho, atendimentos domiciliares e outros;
- c) Promover simpósios, seminários e encontros específicos;
- d) Planejar, coordenar, supervisionar e financiar estudos, levantamentos, pesquisas e publicações sobre a situação social do idoso;
- e) Promover a capacitação de recursos para o atendimento ao idoso; [...]

A assistência social, portanto é uma área importante que favorece uma ampla rede de proteção para as pessoas idosas e que são beneficiadas tanto pelo benefício de prestação continuada, assim como pelos centros de convivência, abrigos, casas lares, centros de cuidados diurnos, dentre outros (CARVALHO, 1998).

2.3.1 A Política de Assistência, o velho e a resiliência

A nova concepção da Assistência Social configura-se como uma política de direito à proteção social e à seguridade social, que visa desenvolver capacidades para maior autonomia, portanto contribuir diretamente com o desenvolvimento humano e social. Esta nova compreensão de Assistência Social utiliza um modo particular de olhar e quantificar a realidade possui uma visão social que permite detectar além das inúmeras diversidades que a realidade pode ter, enfatizando assim não apenas as fragilidades, porém as forças. Possui ainda uma visão social capaz de:

[...] entender que a população tem necessidades, mas também possibilidades ou capacidades que devem e podem ser desenvolvidas. Assim, uma análise de situação não pode ser só das ausências, mas também das presenças até mesmo como desejos em superar a situação atual (BRASIL, 2005, p.15).

Dentro do contexto da Assistência Social, a Proteção Social Básica surge como um importante serviço para contribuir com o desenvolvimento humano e que tem como objetivo prevenir situações de riscos por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Tal proteção concerne em serviços, programas e projetos locais de acolhimento, convivência e socialização de famílias e de indivíduos, conforme identificação da situação de vulnerabilidade apresentada.

A Proteção Social Básica atua por meio de diferentes unidades como os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e a rede de serviços socioeducativos direcionados para grupos específicos, dentre eles, os Centros de Convivência de Assistência Social para crianças, jovens e idosos. Um dos serviços ofertados pelo CRAS é o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos que tem por objetivo:

[...] garantir aquisições progressivas aos seus usuários, de acordo com o seu ciclo de vida. [...]. Possui caráter preventivo e proativo, pautado na defesa e afirmação dos direitos e no desenvolvimento de capacidades e potencialidades, com vistas ao alcance de alternativas emancipatórias para o enfrentamento da vulnerabilidade social (BRASIL, 2009, p. 9).

Neste sentido, pode-se dizer que através da Proteção Básica é possível oferecer um serviço que prioriza a prevenção, portanto procura atuar com antecipação à instalação ou manutenção de problemas. Levando-se em conta que os Centros de Referência atendem aos usuários de todas as idades, será enfatizada nesta pesquisa uma faixa etária específica que são as pessoas com idade acima de 60 anos, portanto idosos. De acordo com a Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009 os serviços ofertados nos CRAS ao idoso têm por finalidade o desenvolvimento de atividades que contribuam com o processo de envelhecimento saudável, autonomia e socialização por meio das vivências em grupo, demonstrações artísticas e culturais valorização das experiências vividas (BRASIL, 2009).

Os idosos que são atendidos em Centros de Referência de Assistência Social desenvolvem atividades que priorizam um envelhecimento ativo, saudável e autônomo (BRASIL, 2009). Idosos estes que se encontra em grande maioria em situação de vulnerabilidade social, portanto enfrentam inúmeras adversidades. Contudo, é importante destacar este processo que permite uma adaptação positiva ou superação das adversidades encontradas ao longo da vida, ou seja, sendo resilientes (TORRALBA; VASQUEZ-BRONFMAN, 2006, p.30 apud PEREIRA, F.; SANCHEZ, 2007). Outra definição dada para este processo é a de Pinheiro (2004) em que resiliência é definida como:

[...] capacidade do indivíduo ou da família de enfrentar as adversidades, ser transformado por elas e conseguir superá-las. Assim, por resiliência entende-se o conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam o desenvolvimento saudável da pessoa, mesmo esta vivenciando experiências desfavoráveis (PINHEIRO, 2004, p. 69).

Tavares (2001) trabalhou com a ideia de que a resiliência não deve ser unicamente um atributo individual, mas que é possível encontra-la como característica nas instituições/organizações, de modo que tais organizações pudessem ter pessoas livres, responsáveis, competentes e que estabelecessem uma relação de confiança, empatia e solidariedade.

Levando-se em consideração este conceito adotado por Tavares, ressalta-se que, os Centros de Referência podem vir a ser instituições resilientes desde que funcionem de acordo com a proposta para a qual foram criados. É válido destacar que nem sempre os CRAS contribuem com o enfrentamento, fortalecimento e superação das famílias frente às adversidades, muitas vezes o serviço é dificultado em virtude da falta de estrutura, de materiais, de profissionais capacitados, o que acaba comprometendo a realização das ações e atividades propostas para o serviço, no caso mais especificamente para a população idosa.

Moraes (2009) ressalta que envelhecer não corresponde à aquisição de incapacidades, porém permite alterações estruturais e funcionais que contribuem com o aumento da vulnerabilidade patológica. A pessoa idosa passa por inúmeras mudanças ao longo da vida, sobretudo físicas, fisiológicas e de papéis sociais, tais mudanças podem vir a contribuir negativamente com o processo de envelhecimento, portanto se apresenta como mais uma possível adversidade que pode vir a ser enfrentada pelos idosos atendidos em Centros de Referência de Assistência Social.

Neste sentido, é importante levar em consideração a perspectiva adotada pela Psicologia do Desenvolvimento, a *life span*, onde o indivíduo se desenvolve ao longo de toda a vida, portanto é capaz de aprender novas formas de se comportar e lidar com as adversidades de modo a vivenciar uma velhice bem-sucedida, onde a flexibilização para lidar com as perdas, falhas, e desafios permite ao idoso desenvolver uma elevada capacidade de adaptação (NERI, 1993). Baltes e Baltes (1990 apud KHOURY, 2005) defende o envelhecimento saudável baseando-se no conceito de plasticidade comportamental, no qual o indivíduo adota uma postura de enfrentamento imediato das demandas. A resiliência também se enquadra como um importante mecanismo que pode ser desenvolvido ao longo da vida e vir a contribuir com a qualidade de vida dos idosos.

3 METODOLOGIA

Foi utilizado nesta pesquisa o método quanti-qualitativo. É válido destacar que segundo Chizzotti (2006, p. 84)

Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a consciência das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e sua interrupção, a fala e o silêncio [...]. Procura compreender a experiência que eles (os participantes) têm [...] as experiências relatadas ocupam o centro da referência das análises e das interpretações, na pesquisa qualitativa.

Para Caverdon (2005) a metodologia qualitativa permite ao pesquisador captar a realidade representacional, através da comunicação. Minayo (2011a), por exemplo, reforça que a metodologia de pesquisa em questão trabalha com significados, aspirações, crenças, valores, atitudes, etc, permitindo assim um contato com fenômenos e processos por onde perpassam as relações. “O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa, dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos” (MINAYO, 2001, p. 21).

Neste sentido é importante ressaltar que esta pesquisa fez uso de questionários, escalas, porém como um auxílio, pois a realidade a ser pesquisada necessita de uma metodologia que seja complementada pelos instrumentos, e não o contrário. Como afirma Minayo (2001, p. 22) “o conjunto de dados quantitativos e qualitativos não se opõe. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”.

3.1 Locus da pesquisa

A pesquisa ocorreu no município de Santarém, localizado no Oeste do Pará, possui unidade territorial de 22.886,624 (Km²) e população estimada para o ano de 2013, de 288.462 mil habitantes (Censo IBGE 2010). No que se refere à população de idosos, Santarém possui segundo censo de 2010, 22.604 idosos em todo o território (rural e urbano), deste total de idosos, 11.743 são mulheres e 10.861 são homens.

Diante deste panorama é possível concluir que a população de idosos em Santarém não chega nem a 8% da população total, portanto é um município que ainda tem um quantitativo pequeno de pessoas acima de 60 anos.

Quanto aos Centros de Referências de Assistência Social (CRAS), Santarém dispõe atualmente de 8 CRAS. Destes foi selecionado o CRAS Caranazal, a partir da indicação da própria Secretária de Assistência que destacou este CRAS por vir realizando um bom trabalho com os idosos e por concentrar idosos do Bairro e do Centro de Convivência que pertence à área de abrangência do CRAS.

3.2 Método da pesquisa

Para a coleta dos dados qualitativos foi utilizado o método da história oral, o qual é definido por Alberti (1990) como:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participam de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo como forma de se aproximar do objeto de estudo [...] Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.

De acordo com Meihy (2005) em seu *Manual da História Oral* o autor destaca que ao utilizar este método, o pesquisador não deve apenas gravar a entrevista do relato de alguma história, é necessário que haja um planejamento e uma elaboração, com base nos objetivos do projeto da pesquisa, de modo que todas as informações devem ser coletadas tendo em vista uma inter-relação com aquilo que a pesquisa se propõe. Ainda segundo este autor o método da história oral pode se dividir em história oral de vida, história oral temática e tradição oral.

A história oral de vida tem como objetivo ouvir toda a história de vida do entrevistado; já na história oral temática o sujeito deve discorrer sobre um tema previamente escolhido; por último, a tradição oral é utilizada para que grupos iletrados, através dos recursos da oralidade das suas comunidades registrem sua história.

3.3 Participantes

Participaram desta pesquisa 20 idosos, dos quais apenas 2 foram selecionados para participar de todas as etapas de coletas de dados. Todos idosos estavam inscritos no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos do CRAS Caranazal em Santarém-PA. Os idosos foram selecionados aleatoriamente ao final de cada atividade que participavam no CRAS, deste total dois foram selecionados para a entrevista da História Oral.

3.4 Instrumentos

A pesquisa foi realizada por meio da utilização de alguns instrumentos de pesquisa e do método da história oral. Os instrumentos de pesquisa são:

a) Questionário sociodemográfico (Anexo A):

Este questionário foi aplicado apenas com os idosos que obtiveram a maior e a menor pontuação na Escala de Resiliência, o objetivo do mesmo foi complementar os dados obtidos através da história oral. O questionário é composto de 15 perguntas, com os seguintes tópicos: identificação, atuação profissional, tipo de moradia, estado civil, renda, estado de saúde;

b) Roteiro de entrevista (Apêndice B):

Este roteiro teve como objetivo investigar alguns pontos importantes que contribuíram ou não com o processo de resiliência no entrevistado. A entrevista foi direcionada para coleta de informações acerca de momentos relevantes para o sujeito ao longo da infância, adolescência, idade adulta e velhice, que pudessem estar relacionados ou não com a sua forma de reagir frente às adversidades da vida. Resgate dos fatores de risco e proteção que estiveram presentes ou não na vida do sujeito;

c) A escala de resiliência desenvolvida por Wagnild e Young (Anexo C):

O instrumento adaptado por Pesce e colaboradoras (2005) aborda uma adaptação psicossocial diante de situações presentes importantes no dia-a-dia, de

modo a definir o potencial da resiliência, focando 5 temas: serenidade, perseverança, autoconfiança, sentido de vida e autossuficiência.

Podem-se agrupar os itens em três fatores: Fator I: itens que indicam resoluções de ações e valores; Fator II: itens que transmitem ideias de independência e determinação; e Fator III: com itens de autoconfiança e capacidade de adaptação a situações (podendo lidar com as variadas situações, crendo em si próprio etc.).

A escala possui 25 itens descritos de forma positiva com resposta tipo *likert* variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Os escores da escala oscilam de 25 a 175 pontos, com valores altos indicando elevada resiliência. É importante destacar que o principal objetivo da aplicação desta escala neste estudo foi o de dar um direcionamento para a escolha dos idosos que teriam a sua história de vida analisada. Portanto não necessariamente, a pontuação da escala confirmará se o idoso mais ou menos resiliente terão pontuação maior ou menor.

3.5 Procedimento

1ª Fase - Contato com as coordenações dos Centros de Referência de Assistência Social do CRAS selecionado para a realização da pesquisa. Primeiramente foi explicado ao coordenador os objetivos, justificativa, métodos e previsão de análise de dados, a fim de garantir a realização da pesquisa.

2ª Fase – Entrevista com os idosos: No primeiro contato com os idosos, a pesquisadora se apresentou como estudante de pós-graduação da Universidade Federal do Pará, explicou os objetivos da investigação e os convidou a colaborarem. Com o aceite do convite, foi lido o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (Apêndice A), que explicava os objetivos e procedimentos da pesquisa. O TCLE estava em duas vias – uma para os participantes e outra para a pesquisadora – que foi assinado pelo pesquisador e pelos idosos; no caso dos analfabetos, carimbou-se com as digitais dos mesmos.

3ª Fase - Aplicação dos instrumentos e participação das atividades no CRAS: Os instrumentos foram aplicados após as reuniões dos grupos dos idosos. Durante o período de frequência das atividades e após as atividades, verificava os idosos que estavam disponíveis para o preenchimento da escala de resiliência. Depois de selecionados os dois idosos os mesmos participaram da entrevista individual e preencheram o questionário sócio demográfico. A entrevista durou em média 80 minutos.

3.6 Análises de dados

Os dados foram analisados em três etapas, a primeira correspondeu à descrição das atividades realizadas no CRAS durante a coleta; segunda a seleção do idoso para a entrevista através da pontuação na escala de resiliência e por fim compilação e análise dos dados obtidos com a entrevista baseada na história oral dos participantes.

1ª Etapa: Durante a coleta de dados participou-se de alguns grupos dos idosos, portanto os registros das atividades eram compilados, até para que se pudesse atender a um dos objetivos específicos, o de verificar de que forma o CRAS contribui com o nível de resiliência dos idosos.

2ª Etapa: Após a aplicação da Escala de Resiliência, realizava-se a soma da pontuação para identificar o idoso com o maior e menor grau de resiliência. Este resultado que indicou qual idoso deveria ser entrevistado. A quantidade de idosos entrevistados se deu a partir de um cálculo da média da frequência dos idosos nos grupos durante 3 meses.

3ª Etapa: Foram realizadas 2 entrevistas, gravadas com a devida permissão dos participantes, durante a ida dos mesmos ao CRAS, porém previamente agendados. Em seguida as entrevistas foram transcritas, transformando as falas em documentos, limpando as falas que tivessem repetições, no entanto preservando sempre o conteúdo original e o estilo de fala das entrevistas.

Após esta fase inicial, identificaram-se os temas e as categorias, de modo a identificar o significado da história de vida do entrevistado e sua relação com fatores de proteção e de risco ao longo da vida do idoso (até o presente), de modo a relacionar tais categorias com o referencial teórico exposto na pesquisa.

4 RESULTADOS

Para responder aos objetivos desta pesquisa foi necessário percorrer algumas etapas: conhecer um pouco a rotina dos grupos de convivência que os idosos participavam, realizar a aplicação da Escala de Resiliência e por fim ouvir, entrevistar os dois idosos selecionados a partir da pontuação da Escala de Resiliência. É importante destacar que a pesquisa de campo foi realizada de fevereiro a junho de 2014.

4.1 O CRAS (Caranazal) como instituição resiliente

De acordo com Tavares (2001) a resiliência não é uma característica vista apenas individualmente, mas que é possível estar presente em instituições e organizações como família, escola, igreja, casamento. Deste modo, o próprio CRAS, pode apresentar-se como fator protetivo e/ou de risco. Neste tópico especificamente será destacado o papel do CRAS neste contexto, através da caracterização do serviço, haja vista que os CRAS possuem um papel pre-definido pela Política de Assistência, porém nem sempre conseguem desempenhar de maneira eficaz.

O CRAS Caranazal funciona todos os dias, em um prédio alugado pela prefeitura e tem sua carga horária diária de 8h. Quanto ao ambiente físico, o mesmo consegue desenvolver bem as suas atividades, porém se houver várias atividades no mesmo horário uma das áreas não fica muito confortável e acolhedora (uma área externa). Possui no quadro funcional 2 assistentes sociais, 1 psicóloga, 6 socioeducadores, 3 funcionárias do bolsa família, 1 vigia, 2 cozinheiras, 1 auxiliar de serviços gerais.

No que se refere aos serviços oferecidos pelo CRAS, pode-se destacar a visita domiciliar, acolhida (a equipe incentiva a humanização do serviço de várias formas, desde a decoração até a realização das atividades), orientação e encaminhamento, promoção e incentivo à emissão dos documentos, fortalecimento de redes sociais, desenvolvimento do convívio familiar, cadastramento no CAD único, programa de inclusão produtiva, entre outros.

De um modo geral o serviço promove a resiliência em seus usuários através das ações/serviços que incentivam o enfrentamento, fortalecimento e superação das

adversidades, que são muitas. Durante as atividades em que participei e através da aplicação das escalas de resiliência foi possível constatar que o serviço possui um papel fundamental na vida desses idosos, e que os incentiva a enfrentar e superar as dificuldades decorrentes de problemas familiares, sobretudo econômicos.

4.2 A Rotina dos idosos no serviço de convivência e fortalecimento de vínculos

Dentre os vários serviços ofertados no CRAS, como já foi citado existe o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, este que de acordo com a Resolução nº 109, de 11/11/2009 – CNAS descreve este serviço como:

[...] realizado em em grupos, organizado a partir de percursos, de modo a garantir aquisições progressivas aos seus usuários de acordo com o seu ciclo de vida, a fim de complementar o trabalho social com famílias e prevenir a ocorrência de situações de risco social. Forma de intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuarios na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais e coletivas, na família e no território. Organiza-se de modo a ampliar trocas culturais e de vivências, desenvolver o sentimento de pertença e de identidade, fortalecer vínculos familiares e incentivar a socialização e a convivência comunitária. Possui caráter preventivo e proativo, pautado na defesa e afirmação dos direitos e no desenvolvimento de capacidades e potencialidades, com vistas ao alcance de alternativas emancipatórias para o enfrentamento da vulnerabilidade social (BRASIL, 2009, p. 9).

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos realiza suas atividades para todas as faixas etárias, portanto para os idosos também. Cujo objetivo é contribuir com o envelhecimento saudável, possibilitar um espaço que permita encontros intergeracionais, incentivar novos projetos de vida e propiciar experiências que estimulem e potencializem a condição de escolher e decidir, contribuindo com a autonomia e independência.

Deste modo este serviço promove o processo de resiliência de inúmeras formas, o que foi possível observar através das suas atividades, da fala dos facilitadores, das ações e das próprias iniciativas dos mesmos, o que favorese aos idosos a busca de experiências novas de desenvolvimento.

QUADRO 1 – Rotina dos idosos no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – em um CRAS/Santarém-Pa., fevereiro a maio 2014

Data	Atividade	Observações
18/02/2014	- Discussão do Estatuto do Idoso;	- Os idosos mostraram-se interessados pela temática, deram vários exemplos de situação que passaram e não tiveram seus direitos respeitados.
	- Informativos sobre o Baile de Carnaval;	- Grupo bastante animado com a festa, algumas até levantaram-se para dançar na sala.
26/02/2014	- Avaliação do Baile de Carnaval (cada uma falou a sua opinião sobre o baile);	- “foi o meu 1º Baile de Carnaval que eu pulei, pulei mesmo, ninguém me segurou (risos)” - “tava bom demais, pedi um repeteco pro DJ”.
	- Organização de visita do grupo a uma idosa que tinha perdido o marido recentemente;	- As idosos organizaram-se para realizar a visita no melhor horário para cada uma.
	- Alongamento	- A assistente social destacou a importância do “perder tempo com coisas que nos façam bem”
23/03/2014	- Aula de canto coral	A sócio educadora estava fazendo teste de voz, algumas idosos não participaram.
02/04/2014	- Roda de conversa sobre o tema “Drogas”.	- A assistente social abordou os tipos de droga, a legalização das drogas, consequências das drogas na gestação. - Algumas idosas relataram situações familiares e a facilitadora do grupo orientou-as.
11/04/2014	- Celebração da Páscoa	A sócio educadora organizou uma pequena celebração, com mensagens bíblicas e música. Deu enfoque ao sentido da Páscoa – “Vida nova”
23/04/2014	-Comemoração dos aniversariantes do mês;	- Esta atividade foi sugerida pelos próprios idosos. A coordenadora do grupo fez uma homenagem para eles, com fotos das atividades do ano anterior. - Leu uma mensagem da celebração da vida.
14/05/2014	- Alterações do sono na velhice	- A roda de conversa foi coordenada pela estagiária de Psicologia, que destacou as alterações que ocorrem na velhice e como lidar com tais mudanças, favorecendo o envelhecimento saudável.

Fonte: DOS ANJOS, M.D. Pesquisa de Campo. PPGSS/ICSA/UFPa, 2014.

Durante o período que eu frequentei o CRAS participei de atividades (QUADRO 1) de alguns grupos sob coordenação tanto da socioeducadora como da assistente social, para que pudesse observar como era conduzido o trabalho realizado com os idosos. De acordo com a coordenadora os objetivos dos grupos é o de resgatar a autonomia e a independência dos idosos através das atividades.

No que se refere aos idosos do Centro de Referência e Assistência Social da pesquisa em questão, estes frequentavam o CRAS duas vezes na semana, cada encontro tinha duração em média de 1h30 e finalizava sempre com o lanche. O profissional responsável pela coordenação do grupo era uma das assistentes sociais

do serviço, porém em alguns dias tinham atividades com a sócio-educadora de música e com outros profissionais que ministravam oficinas.

4.3 Aplicação da escala de resiliência

O objetivo da escala de resiliência foi o de identificar dentre os entrevistados os idosos com menor e maior nível de resiliência a partir da pontuação da escala. Quanto a quantidade de idosos entrevistados, levou-se em consideração a média de idosos presentes nas atividades por meio da lista de frequência nos meses de fevereiro, março e abril de 2014. É válido destacar que estão matriculados no grupo 69 idosos, porém muitos não vão com regularidade.

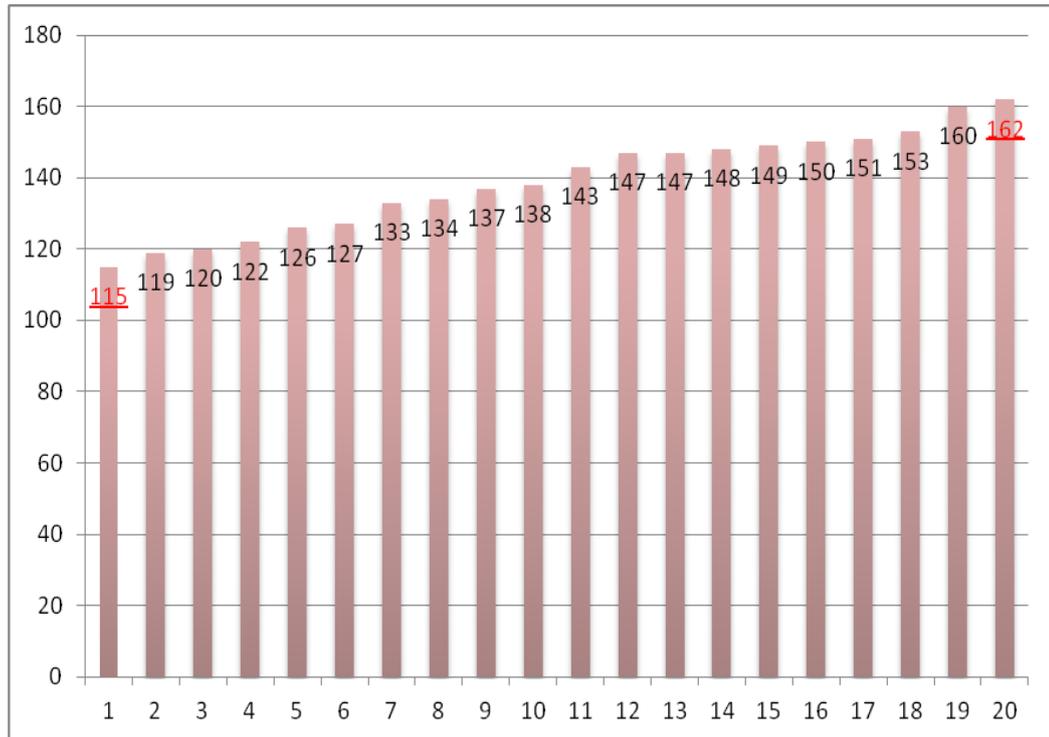
A partir das informações obtidas, constatei a média de 19 a 20 idosos por grupo, estes foram entrevistados de fevereiro a maio de 2014. Como foi relatado anteriormente a aplicação da escala dependia da disponibilidade do idoso, o que dificultou um pouco no período da pesquisa.

Para a aplicação da escala os idosos foram abordados antes ou após as atividades, a duração da conversa durou em média 15 a 20 minutos, por isso foram abordados no máximo dois idosos por dia. Durante a aplicação da escala procurei não interferir na explicação dos itens, porém alguns tinham muita dificuldade em entender o item e em como responder, portanto em alguns casos foi necessária uma explicação complementar dos itens.

Quanto aos resultados da pontuação das escalas, pode-se dizer que de modo geral a pontuação foi elevada, pois a menor pontuação foi de 115, levando-se em conta que a pontuação máxima era de 175 e a mínima 25, pode-se dizer que o grupo de modo geral apresenta algumas características positivas da resiliência. É importante lembrar que a escala de resiliência oferece apenas um indicativo e deve portanto ser complementada por outro instrumento.

A pontuação obtida com a escala de resiliência mostrou que a média de pontuação dos idosos do CRAS é de 139,5 pontos. Abaixo segue um gráfico com a pontuação de todos que passaram pela escala:

GRÁFICO 1 – Resultado da aplicação da Escala de Resiliência com idosos no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos em um CRAS/Santarém-Pa.



Fonte: DOS ANJOS, M.D. Pesquisa de Campo. PPGSS/ICSA/UFGA, 2014

Os dados acima mostram, portanto, que a maior pontuação na escala foi de 162 e a menor foi de 115. Logo, esses dois participantes foram selecionados para responderem ao roteiro de entrevista, que visa compreender de que forma ocorre o processo da resiliência nestes idosos e qual a sua relação com o CRAS.

4.4 História oral das participantes entrevistadas

Após a aplicação da escala de resiliência, selecionaram-se duas idosas para que se pudesse construir a história oral das mesmas a partir de um roteiro de entrevista. Este roteiro foi formulado com intuito de responder aos objetivos deste trabalho, ou seja, verificando de que forma a resiliência vem se construindo na vida das entrevistadas.

Para Rutter (1987 apud PESCE et al., 2004) a resiliência pode ser compreendida como um processo decorrente da combinação entre o indivíduo, seu ambiente familiar, social e cultural. Sendo assim, as informações obtidas através das entrevistas objetivaram mostrar a forma como esse processo ocorreu ao longo da

vida dessas idosas e como ele ainda se manifeste na vida dessas pessoas, levando-se em consideração o papel do CRAS.

Para as duas entrevistadas o procedimento de introdução aos objetivos da história de vida foram apresentados, de forma aproximada, como segue:

Esse roteiro, tem como objetivo, conhecer alguns pontos na sua vida, que contribuíram com a forma como a senhora enfrenta as suas dificuldades hoje. A gente já conversou muitas coisas, a senhora já me disse muitas coisas, mas a gente sabe que muita coisa que acontece na nossa vida dependendo da nossa infância, como foi, aquela história. Às vezes a gente age quando adulto, como aprendeu, porque tem pessoas que às vezes passam pela mesma situação aí dizem “eu vou agir que nem a minha mãe, meu pai”.

Ou “Eu não vou querer agir igual minha mãe, meu pai”. Então cada um reage de um jeito, às situações. Então por isso que eu vou perguntar um pouquinho sobre a sua história de vida, a senhora vai me contar um pouco como é que foi a sua infância, como é que foi esse caminho para a senhora chegar até aqui, tá? Não vai ter muitas perguntas diretas, a senhora vai contando e aí eu vou tirando as dúvidas, tá?

I. Participante A – Score resiliência 162

1. Perfil Sociodemográfico

A Sr^a M.D.A possui 64 anos de idade, é do sexo feminino, possui o nível médio completo e é formada no curso técnico de enfermagem, está aposentada há onze anos. Aposentou-se em 2003, porém parou de trabalhar apenas em 2007.

É divorciada há 27 anos, possui dois filhos deste casamento, um casal. Segundo o seu relato o filho mais novo, está com 39 anos e é dependente dela, pois desenvolveu meningite quando tinha 29 anos, e teve algumas sequelas. No entanto, os dois moram no mesmo terreno, porém em casas separadas.

O imóvel em que reside foi obtido de herança, e está no nome dela. A sua renda mensal é de aproximadamente 4 salários mínimos. Considera o seu padrão sócio econômico “satisfatório”, haja vista que consegue manter-se com o que ganha.

Avalia o seu estado de saúde como “bom”, pois raramente adoece, e quando adoece são doenças que considera “banal”. O último problema de saúde que teve foi há dois meses, uma crise de labirintite. Porém está estabilizada e está tomando a medicação. Quanto a sua crença religiosa, a mesma é católica.

2. História de vida

A minha infância foi comum, a gente morava no interior [...]. era lá no Pindobal, meu pai era funcionário de lá do Ministério da Agricultura, que eu me lembre para mim uma infância muito boa que eu acho que hoje nossos filhos não têm essa infância que eu tive naquela época. Foi muito boa, eu tenho muitas lembranças boas [Éramos seis irmãos], quatro mulheres e dois homens. Eu sou a caçula. O mais velho é minha irmã, uma tem setenta e quatro, uns setenta e sete anos, hoje. [Morávamos eu, minha mãe] e meus irmãos.

A gente estudava lá e quando tinha, aquela época que [...] não tinha estudo lá, meu pai mandava a gente estudar, por exemplo, em Belterra, [...] de Belterra, quando não tinha mais aquele estudo lá, vinha pra cá pra Santarém. ... Foi na época que meu irmão veio primeiro e aí meu pai achou melhor que a gente não podia ficar lá, porque lá não tinha estudo bom, aí comprou uma casa aqui para nós, aí nós nos mudamos pra cá...depois meu pai ficou lá trabalhando. Ficava lá, vinha todos os finais de semana,. [...]

Eu tinha assim uns 10 anos quando eu vim pra cá [Santarém]. [...] Eu estudei no Colégio Aparecida, aí depois eu estudei no colégio São Raimundo, eu estudei no Álvaro Adolfo, mas eu não terminei. Naquela época eu tinha preguiça eu acho de estudar, né? Como todo mundo, [...] mas meu irmão continuou, ele se formou. O único irmão que se formou foi ele [...] ele tem hoje sessenta e seis anos, é o mais velho.

[...] meu pai ele era um pai muito amoroso, mas quando era na hora de chamar atenção, ele chamava. Quando na hora de bater, ele batia, sabe? Então, é por isso que eu falo hoje, que eu tenho um neto e queria que ele fosse criado igual como o meu pai, porque naquele tempo era uma criação que eu achava boa porque hoje todos os meus irmãos são de bem [...] meu pai criou mesmo para o mundo para serem de bem. [...] pessoas de bem, meus dois irmãos. E minhas irmãs casaram, a única que teve uma profissão fui eu. Já, no caso porque eu queria. Minha mãe botava eu na aula para estudar: “- Ah, vá estudar, vai fazer é corte e costura, vai fazer...”. Minha mãe sempre ela tinha assim esse lado, era para educar a filha para o lar, e naquela época era para casar, para ter um marido, pra ter filho. [...] para ser uma boa esposa, aí tudo ela botava, para bordar, para costurar, sabe? E... Mas só que eu ia e não terminava. Foi na época que depois eu me casei. Eu meu casei eu tinha vinte e dois anos.... Fiquei com o meu marido, passei dois anos sem ter bebê, eu conhecia pouco ele, porque ele era de Belém aí fui conhecendo, me casei conheci ele com três meses depois eu me casei. [...] depois que a gente foi morar junto que eu comecei a descobrir assim quem era o meu marido. Ele bebia muito, ele não queria trabalhar, aí eu fui sofrer porque meu pai, ele nunca deixou a gente trabalhar, ele queria que a gente estudasse, ele nunca deixou a gente trabalhar, naquela época trabalhava em casa de família, [...] Era difícil a mulher naquela época, a opção era só em casa de família e pronto.

[Às vezes ia morar] ... Na casa de alguém pra estudar e trabalhar, e ganhar a moradia lá naquela casa, para poder estudar. Aí eu peguei me casei. Quando eu já tava assim com 22

anos eu me casei, com 24 anos eu tive o meu primeiro filho, não trabalhava, ficava só dependendo porque se dependia do meu pai, depois eu fui depender do meu marido e aí eu comecei a sofrer e tive meu filho. Logo em seguida, com 6 meses engravidei de novo, meu filho tava com 5, 6 meses de vida eu engravidei já da outra e eu sempre eu acompanhava ele, não queria ficar que a gente ia pra Manaus, sofri, a minha vida foi muito sofrida com o meu marido. E aí ele batia, bebia, é assim...

Batia [em mim]... Não, nas crianças não, porque eu não deixava, os meninos foram crescendo, eu me separei, eu vi que não dava mais, eu queria trabalhar, eu não tinha estudo... Eu não tinha terminado o meu primeiro grau e eu comecei, minha filha nasceu, quando ela estava ainda pequena vim pra cá [Santarém] com ele, voltamos pra cá. Fui primeiro para Manaus, meu filho nasceu em Manaus e vim pra cá, ele não conseguia trabalho e aí fomos pra Belém. Lá, eu já engravidei e tive a outra lá, sofria também. Como o meu pai viajava muito, trabalhava em barcos, então meu pai foi para lá e descobriu onde era que eu estava morando, lá no bairro e eu fui pedir pra ele me trazer de volta pra cá que eu queria voltar para cá para Santarém aí ele me trouxe.

[...] e aí eu vim, quando eu cheguei aqui meu pai fez uma casinha pra mim, no fundo de um quintal dele, aí lá eu disse agora eu vou ver se eu consigo um trabalho e eu fui trabalhar, assim eu procurei emprego e trabalhei em uma churrascaria. [...] a gente sabe que as vezes tem muitos casos que as mulheres ficam presas uma vida inteira! Que não, não conseguem. [...] mas sempre eu pensava assim nos meus filhos e eu falei, não, essa vida eu não quero para os meus filhos. E eu tinha tido uma vida que não era de rica, mas era uma vida que meu pai me deu boa, uma vida que eu tinha tudo dentro da minha casa. Eu nunca passei fome na vida com o meu pai. Lá com ele eu já passava fome.

Mas muita, olha eu passei [muita necessidade] foi um, uma semana sem comer. Viu, então eu disse não nessa época eu peguei disse não, eu quero ter uma vida melhor pros meus filhos. Aí sempre eu conversava, chorava, sentava, conversava dizia pra ele mudar, ele dizia que ia mudar, mas ele nunca mudou. Ài teve um dia que eu disse não. Ài eu pensava assim, no dia que eu arranjar um emprego, eu vou deixar ele e vou cuidar dos meus filhos. Ài fui, [...] e eu nunca pensei em um dia trabalhar em uma área de enfermagem, eu entrei na profissão por necessidade, mas só que aí eu achei que estava minha vocação por quê? Porque eu gostei, né? Aí eu trabalhei nessa churrascaria e vi que não era aquilo. Aí falaram uma vez olha [...] as irmãs da maternidade tão pegando as pessoas pra trabalhar e faz curso lá dentro, quer dizer, trabalha e ganha, né? Já [...] ganhava um salário, carteira assinada, [...], mas eu vou lá. Aí minhas filhas já estavam assim, com quantos anos meu filho tinha [...] 3 anos e o outro tinha 4 anos. Aí eu fui, cheguei lá e falei [...] tinha a Irmã Gema aí eu falei com ela aí ela falou: “Olha, já tem quadro...” Que naquela época pegavam poucas pessoas, já tinham 10, [...] e ela falou “Porque que eu queria trabalhar?” Aí eu falei assim pra ela: porque eu tenho muita vontade de trabalhar na área de hospital, mas que eu não tinha, eu estava mentindo, é porquê tô precisando muito, os meus filhos não têm roupa pra vestir, meus filhos não têm sapato, meu filho não tem nada, meus filhos passam fome, eu comecei a me abrir pra ela, contar a minha vida e ela me olhou, ela disse “Olha, nós vamos ver se desistir alguém, a gente vai lhe buscar, lhe chamar na sua casa”. [...] “Mas agora não tem mais condição de você ficar, porque já tá completo o quadro”. Aí eu vim me embora, eu acho que ela pegou, ela viu em mim que eu tava muito necessitando, né? De um emprego pra trabalhar, [...] quando foi no outro dia [...] eles tinham uma Kombi e eu tava em casa aí a

minha sobrinha tava esperando bebê e deu a dor pra ela ter bebê e eu fui com ela pro SESC levar ela no SESC antigo, quando eu deixei ela lá e voltei, quando eu cheguei a mamãe falou “Olha, veio as irmãs, vieram aqui e elas disseram que era pra tu ir lá com ela levar os teus documento todinho.” Ah, mas eu fiquei muito alegre, peguei meus documentos, naquele tempo era, já tinha a minha carteira, aí eu fui, ai cheguei lá ela falou “Olha, nós vamos colocar você, vamos abrir uma exceção pra você, colocar 11. Agora. nessa profissão...” Aí, ela foi falar “Você sabe, né? Só fica quem tem vocação. Se você tiver vocação, se você der pro trabalho, você fica, se não... Você vai começar 6 meses como...” Naquele tempo era “Aprendiz de Primeiro Grau em Obstetrícia”, nem tinha essa profissão elas que inventaram lá. [...] não tinha, porque quando eu fui pra outra empresa eles perguntaram “Mas, o que é isso?”. Eu falei “Eu não sei, eu sei que eu trabalhava”. Aí fiquei lá. Nós éramos 11, ficamos 3.

[...] é por isso que eu falo hoje, a gente tem de valorizar, a gente tem que começar de degrau em degrau que é pra valorizar o seu trabalho [...] o seu emprego, porque se você chegar logo lá no topo, eu acho que essa pessoa é muito difícil valorizar. Então, eu comecei assim, o que a gente fazia? Limpava chão, lavava os materiais e tirava a roupa da sala de parto e limpava, fazia a limpeza, mas estudava, mas ganhava, pra mim o importante era ter o dinheiro, e eu me sustentar, aí a gente trabalhava de 6 [...] até meio dia. De meio dia até 1 hora era aula e a gente não podia faltar. Dia de sábado também tinha. Então foi muito bom pra mim porque tudo que eu sei, tudo que eu fiz na vida, eu aprendi lá pela escola, eu acho que não tinha uma escola melhor, porque além de você estudar, você colocava a mão na massa, trabalhava mesmo. Aí, eu fui fazer, quando eu tava com uns 6 meses, a gente vestia [...] uma bata, quando 6 meses [...] se você ficasse, trocava de uniforme. Aí eu era doida pra vestir aquelas outras roupas, [...] Que aquela bata, ainda usava aquela coisa na cabeça, sabe? Uma touca. E aí era muito esquisito, eu digo Ai Meu Deus, eu vou usar essa roupa [...] Aí eu comecei a me dedicar, a me dedicar, e aí eu fui, eu me lembro [...].

Porque aí eu comecei a gostar. [...] eu queria e eu disse “é isso que eu quero”, eu tinha uma amiga [...] falava assim. Eu achava bonito quando chegava fazer toque, pra ver se já estava na hora, aí eu “Ai meu Deus, será que eu vou acertar fazer?” Aí, eu digo, eu pedia pra ela, o nome dela era Benedita, ela era muito boa, assim de profissional, assim de saber fazer. Ela fazia, eu me lembro direitinho, os médicos, eles deixavam tudo na mão, assim da gente, por exemplo, de parto antigamente, os médicos eles só iam lá prescrever, porque até as medicações a gente sabia qual era pós o parto, então quando foi no dia pra eu fazer o meu primeiro parto, eu me lembro, elas fizeram de propósito [...] então era lá em cima, na maternidade lá em cima do hospital e ela dizia assim mesmo, espera aqui que eu vou lanchar. E eu fiquei só, com umas 3 assim, porque ficava de monte, era muita paciente pra ganhar bebê. E aí, [...] quando eu vi ela já tava fazendo força, e falei “E agora?” Eu chegava na janela, olhava, nada dela subir, porque era lá longe assim o refeitório, né? E lá a gente tinha lanche, tinha almoço, tinha janta, a gente tinha tudo, mas era muito bom, [...] aí eu olhava e nada dela vir e eu disse “Ai um Deus!”, quando eu olhei a mulher já tava [...] eu já sabia qual era a posição, eu a mandei ficar na posição, e mandei ela fazer força. A minha sorte, era que essa mulher, ela já tinha assim uns seis filhos. [...] ela já não era do primeiro e nem do segundo, né? Quando é assim, quando já era assim, de quatro bebês, a gente chamava múltipara, né? [...] aí já era bom de fazer, porque já não tinha [...] que cortar quando era do primeiro, tinha que cortar pra fazer a sutura. Aí não, essa daí e digo “Ai meu

Deus”, eu não sabia nem calçar a luva de tão nervosa que eu fiquei, mas aí eu fiz o parto, o bebê nasceu, mas foi uma alegria pra mim tão grande, sabe? Eu me tremia todinha de nervoso, mas depois bastou essa, aí eu comecei a fazer, aí a única que eu tinha medo de fazer, medo mesmo era fazer sutura, de fazer errado, né? E, mas eu aprendi, eu trabalhei 3 anos. Só que aí eu vi, que eu queria mais, entendeu? Eu queria... era assim crescer profissionalmente e também ganhar mais pra eu poder dar o melhor pros meus filhos, sabe? Cuidar mais dos meus filhos, e... ele ainda tava comigo, meu marido, e eu sempre falava pra ele, “ó, no dia que eu arranjar...”

Veio, veio junto comigo, veio junto comigo [de Manaus] e às vezes na mesma hora eu tinha pena dele, né? eu tinha pena, aí, porque o amor acabou, né? Minha mãe sempre dizia “A ingratidão tira a afeição”, e eu já gostava dele, mas não era mais como antigamente, né? E aí eu fiquei lá, trabalhei 3 anos. Sempre ouvia falar de Jari, e sempre falavam assim “Jari é bom de ganhar dinheiro, Jari é bom”. E eu falava assim “Ai, meu Deus eu tenho que ir pra esse lugar”, aí sempre eu dizia pras meninas lá “Olha, eu vou pro Jari”, todo dia quando chegava lá “Mas o que que tu vai fazer?” todo dia, então por isso que dizem a nossa palavra ela tem poder, viu? Ela tem poder, então eu dizia “Eu vou pro Jari, vou pro Jari, vou pro Jari”, quando foi um dia uma amiga minha ligou de lá, que tava pra lá e eu falei assim “Não tem vaga pra lá?”, aí ela falou assim “Olha, vai ter umas vagas aqui num hospital”. Eu falei “Eu vou mandar meu currículo”, eu peguei meu currículo, já tinha 3 anos de experiência, aí eu passei, com 6 meses eu passei a ser atendente.

[...] assinaram minha carteira, aí dando atendente, Atendente hospitalar. Primeiro foi Aprendiz de primeiro grau em Obstetrícia, né? E depois foi Atendente. Aí eu mandei meu currículo pra lá, minha amiga pegou disse assim “Olha, Jari tá fechando o hospital tá fechando, tá passando pra prefeitura, mas tem uma outra empresa aqui muito boa, não isso minto, ainda foi isso ainda foi antes, depois eu fui pra Trombetas, foi pra Trombetas que eu fui antes, aí foi antes, aí a minha colega, eu mandei pra Trombetas, aí a minha colega disse “tem uma vaga aqui tu não quer vir?”, tá, ai ela falou com a enfermeira, naquela época lá em Trombetas as pessoas não, não queria pegar paraense, elas só queriam pegar Mineiros, pessoas de fora, porque a enfermeira era mineira, ai eu peguei, mandaram me chamar pra fazer uma entrevista, aí eu fui, o que eu fui, mas eu não pedi demissão, eu menti pra Irmã que eu tinha que ir lá e tal, dei uma mentirazinha pra ela, ela aceitou que eu trabalhava direitinho, eu troquei com um colega, ela falou assim pra mim “Se você deixar alguém no seu lugar”, aí eu deixei e fui, pra estagiar uma semana, fiquei lá, fiz um teste, lá estagiei, só que depois a enfermeira disse “olha...” quando ela me chamou ela falou “Olha, a vaga que nós temos aqui não é pra atendente...”, porque naquela época era atendente ou auxiliar, não existia técnico, só era atendente, auxiliar e enfermeiro. Aí ela disse assim “Nós temos pra auxiliar. Você volta, vá, vá, volte, e assim eu gostei muito do seu trabalho...”, eu sempre fui dedicada no meu serviço, “...quando surgir uma vaga, eu vou lhe chamar, pode ter certeza”. Aí eu vim triste, né? Mas continuei trabalhando. Eu fui fazer essa entrevista em Junho, aí eu vim me embora trabalhei junho, julho, agosto, quando foi em setembro, eu tava trabalhando, mas sempre com aquela esperança que um dia eu ia sair. Aí tinha uma enfermeira por nome de Edna Brelache, ela trabalhava lá, e a irmã dela trabalhava lá na Mineração Rio do Norte. Quando eu cheguei em casa uma noite, um dia, meu marido tava muito porre, embebedado assim, e ai, aquilo me deu uma tristeza, meus filhos tudo assim jogado lá, porque não tinha quem tomasse conta, era quando eu chegava. [...] ele trabalhava assim fazendo bico [...] O

que ganhava era pra beber. E aí eu cheguei aí, ai, mas eu chorei tanto nesse dia, e eu falei assim “Meu Deus, eu não aguento mais”, eu falei bem alto “Eu não aguento...”. [Eu] Tinha 33 anos [uns 10, 11 anos de casada]. Aí eu falei “Eu não aguento mais carregar essa cruz Senhor, me ajuda a carregar!” E eu chorei muito, chorei e quando eu tava lavando roupa nesse mesmo dia tocou o telefone, meu pai tinha dado um telefone pra mim, aqueles antigos, e eu corri, e fui atender, era a moça do escritório, “É a Dice que tá falando?” eu falei “É”, ela disse “Olha, eu tô ligando pra você vir buscar a sua passagem pra você ir viajar pra Mineração, tão precisando de você lá”. Aí eu peguei eu fiquei olhando assim, assim pro telefone aí falei assim “Não é verdade?”, “É verdade!”, aí “Quando é pra mim ir?”, “Ah, olha, se der pra você vir pegar sua passagem ainda hoje”, eu falei “É 3 horas já”, [...] “Dá pra amanhã de manhã?”, aí ela disse assim “Dá, amanhã de manhã você vem”, aí eu fui, peguei liguei pra Edna e eu disse “Edna liga pra tua irmã vê se é verdade, será que não é mentira?” eu não queria acreditar, aí ela “Tá, me aguarda um pouquinho aí que eu vou perguntar”. Aí a irmã dela falou que era verdade. Ah, mas eu fiquei muito alegre, esse acho que foi o dia mais alegre da minha vida. Aí no outro dia eu fui e peguei a minha passagem de deixei os meus filhos com a minha mãe e com o meu pai, nessa época eles ainda eram vivos. Aí [...] a Irmã não queria deixar, eu falei pra ela que eu precisava ir, e falei com o meu colega pra trocar. Não pedi minha demissão não, já tava com 3 anos trabalhando, aí fui lá. Quando eu cheguei lá tava o barco, que era até o Manelito na época, aí eu cheguei e fui pra lá no escritório, quando eu cheguei lá no escritório o rapaz falou “Cadê sua carteira?”, eu disse “Não, eu não trouxe!”, e ele “É, já é pra você começar a trabalhar” e eu disse “Mas é verdade mesmo?” Ele: - “É verdade!”, ele disse “Eu te dou uma semana pra ti trazer teus documentos aqui pra mim, pra ti não perder tua vaga”. Eu voltei no mesmo barco, aí fui entregar [...] saia lá num dia, chegava noutro dia de manhã aqui. Saia 7 horas de lá, chegava 8 horas da manhã aqui, 7 horas... 12 horas de viagem. Aí eu fui lá com a Irmã pra pedir minha demissão e ela não queria me dar, a Irmã Gema. Não queria me dar, não queria me dar, ela me chamava Dona Dící, “Dona Dící, por quê vai embora”, eu digo “Ah, por...” aí eu ia mentir pra ela, eu disse que meu marido tava pra lá e que eu precisava ir pra lá com ele, que ele já tinha arranjado casa e tal, Aí ela, “Tá bom! Mas você sabe que saindo perde tudo”, eu disse “Tá, eu sei, eu vou perder tudo”, perdi tudo, tudinho, tirei nenhum centavo, fundo de garantia. Porque eu pedi, mas eu ia consciente que lá eu ia ganhar bem. Aí fui com minha mãe, ela falou pra mim assim “Eu não vou ficar com esse teus filhos”. Nessa época eu ainda morava na casinha lá no quintal deles. Nessa época eles já estavam morando pra cá, nessa aqui. E eu falei, e agora? E o papai falou pra mim “Minha filha, os teus filhos já tão grandes, já tá com seis anos e 7 anos. Eles já sabem tomar banho sozinhos, já sabem comer sozinhos, pois vá que eu fico tomando conta deles”. Aí eu fui, e aí eu cheguei com o meu marido ele ainda tava lá comigo, aí eu cheguei pra ele e falei “Olha, a partir de hoje, não me considero mais sua esposa, sua mulher, eu tô lhe deixando agora porque eu falei que um da eu ia te deixar, mas eu não ia te deixar pra ir com outro homem, eu ia te deixar pelo um emprego e agora eu tô fazendo, eu arranjei um emprego e vou trabalhar”. Nem ligou. Eu deixei meus filhos e fui me embora. Aí eu cheguei lá, fui trabalhar como atendente, trabalhando e aí tinha 2 enfermeiras lá, tinha uma enfermeira Sílvia que ela falou “Você vai trabalhar na pediatria”, que eu já trabalhava com criança aqui, né? Mas, só fazendo parto e berçário. E eu, “Tá”. Fui trabalhar com criança, e berçário e pediatria. E fiquei trabalhando [...] fui mesmo, me dediquei, fiz tudo de mim, dei tudo de mim. Eu quero,

porque tem aqueles 3 meses de experiência, e eu gostava de fazer, até hoje eu, às vezes eu sinto muito falta eu digo “Ah eu queria trabalhar!” E eu continuei trabalhando lá. Tá, quando eu fui peguei meu primeiro salário. Nossa, eu nunca tinha visto tanto dinheiro. As meninas que riam, naquela época não tinha banco lá, eles vinham na Kombi, então eles colocavam tudo e contavam, botavam dentro de um envelope e contavam assim e eu me lembro que eu me tremia todinha, só de pegar era tanto dinheiro que eu nunca tinha pego na minha vida, é ganhava bem. Aí eu disse, agora...ah eu só pensava em dar tudo de bom pros meus filhos e lá tinha um supermercado que era da empresa. [...] Era a Mineração Rio do Norte. E aí, a gente comprava as coisas e eu comprava, não podia mandar pra cá também, porque era proibido, era só pra lá, mas eu tinha uma amiga também, que ela tá no Rio hoje, a Dorina, a família dela era daqui também e a gente conhecia, eu, eu sou o tipo de uma pessoa que, que eu me dou rapidinho, faço amizade, e eu sempre fazia amizades com pessoas bacanas e tinha um motorista lá que ele dizia “Põe dentro de uma caixa que eu passo pra ti”. E a gente botava dentro de uma caixa era tudo, era leite, era nescau, era tudo assim, a despesa da casa, mandava pro meu pai, e o dinheiro eu botava num envelope eu ficava com o resto, mas eu queria ver [...] eu queria ver meu pai com os meus filhos bem. Então, eu ajudei muito o meu pai. Eu dava pra ele aquilo, e também não faltava nada, a partir daí os meus filhos nunca mais passaram necessidade. Porque eu tirava, ele vinha, pegava meu dinheiro, eu mandava tudo pra casa, pra eles. Aí tá, foi com o passar dos anos, ainda fiquei lá 11 anos trabalhando no hospital.

[...] Aqui. Tá, aí, meus filhos já grandes já, já tava com a faixa dos 13, 14 anos, aí meu filho, meu pai adoeceu, não tinha mais aquele pulso de cuidar deles, aí estragava eles. Meu filho começou em mau companhia, sabe? Começou a fazer besteira com os amigos deles. Passava a noite na rua, e foi se perdendo, entendeu? E minha mãe já cansada, brigava, que era pra mim vir buscar meus filhos. Mas lá, tem assim essa política, se você, você só ganhava casa se você fosse casada, ou contratada com alguém, com aquele contrato, né? Contrato, aí chorava muito. Então na época tinha uma Telepará, não tinha telefone assim, tinha Telepará, o posto, aí eu ia pra lá, chorava, chorava, chorava, e conheci um rapaz do Rio. Eu tinha medo de me envolver com as pessoas e maltratarem meus filhos. E meus filhos já tavam adolescentes, né? “E, agora, o que é que eu faço?”. Tinha uma enfermeira que eu conversava muito com ela, ela e ela falava assim “Dona Dici, como é que a senhora vai saber se vai dar certo se a senhora não tentar?” eu sempre tenho isso assim hoje comigo “Ah, e vou fazer tal coisa”, então tenta senão você não vai saber se vai dar certo, né?. Eu aprendi com ela. E ela, ela gostava muito de mim, conversava muito, me dava muito conselho. Aí eu conheci esse rapaz, e ele, um dia ele viu eu chorando e ele perguntou “Mas, porque que tu tá chorando?” aí eu peguei e contei “Ah, a mamãe não quer mais cuidar e tal” meu pai morreu. Rapidinho meu pai morreu, teve um AVC e aí que a situação piorou e a minha mãe não queria mais tomar conta dos meus filhos, porque eles tavam demais e ela já tava muito velhinha também pra ter aquela responsabilidade e aí ele falou assim pra mim “E o que tá faltando pra tu trazer teus filhos pra cá?” Eu falei “Tá faltando um marido e uma casa”. E ele falou “Por que tu não arranja?” Eu disse “Porque eu tenho muito medo de alguém maltratar meus filhos, né?”. Ele disse “Bora fazer o seguinte, eu vou te ajudar!” Porque ele, morava lá, trouxeram eles pra trabalhar lá e jogavam em um alojamento horrível e ele falou assim “Olha, vamos fazer o seguinte, vamos fazer um trato, tu me ajuda e eu te ajudo, né? Tu pega uma casa, vamos se contratar, tu tem coragem de se contratar comigo?”

Eu falei “Ah, pelos meus filhos, né? eu tenho.” E ele falou assim “Então vamos fazer o seguinte, vamos se contratar” Eu tinha conhecido ele, tava assim, um mês, né? Que eu tava começando e ele falou “A gente vai ver assim, se der deu, se não deu desse”, ele falou “Tu fica com a casa, tu pega a casa no teu nome, a gente se contrata, tu pega a casa no teu nome, tu traz teus filhos, porque se não der certo eu saio e tu fica com os teus filhos” Eu falei “É mesmo”. Aí a gente se contratou rapidinho, isso foi no mês de outubro que eu conheci ele, quando foi em novembro a gente se contratou. Fizemos os papéis tudinho né? “Fomos” lá no cartório de Utinga e assinamos tudinho e tá. Eu fui pra fila pra ganhar a casa, aguardar a casa. Isso foi em outubro, novembro, quando foi dezembro, janeiro eu vim de férias, minha mãe ainda tava viva, só que minha mãe tinha viajado pra Belém e [...] quando eu cheguei ela já tinha viajado que ela foi em outubro passar o Círio, e eu cheguei, falei, liguei pra ela e disse “olha mãe eu já arranjei um marido, agora eu vou levar os meus filhos”. Aí ela disse “Tu casou?” Aí eu disse, “não casei, mas eu me contratei e tal, mas ele é uma pessoa maravilhosa” eu falei “até agora ele é muito bom, uma pessoa muito boa”. Aí ela disse assim “eu queria falar com ele”. Passou o telefone, falou com ele, nós já tava aqui de férias, ela tava em Belém. Aí eu só falei mesmo com ela quando eu vim de férias, [...] assim, por telefone, que eu já tinha me contratado, sabe? Aí ela disse que ela tinha vontade de conhecer ele. Falou pra ele cuidar muito bem de mim, não sei o quê, aquele negócio de mãe. Aí ele tinha que viajar, passou só quinze dias, e no dia que ele ia viajar, foi no dia que uma terça, uma segunda feira, aí o meu irmão ligou de Belém dizendo que a minha mãe tinha sofrido um AVC e [...] ele disse “Puxa vida, e agora, eu não vou viajar, então vamos saber o resultado [...]”. Aí [...] ele não viajou, ele disse eu vou na terça, aí quando foi de noite meu irmão disse “mamãe continua ruim, dá pra tu vir pra cá cuidar dela? Porque eu não posso cuidar, tu já tem experiência”, eu falei “e agora que minhas férias já tão findando e eu não tenho dinheiro pra ir?”. [...] eu tinha acabado o dinheiro, aí ele disse “eu mando tua passagem”, ‘Tá bom, mas tu vem, porque se precisar [...] tu leva ela pra ser cuidada aí’, [...] aqui em Santarém tem as filhas né?, filho é diferente, filho não tem, não sabe ter aqueles cuidados, né? E ele nunca tinha se visto nessa situação. E eu falei “Então, ta bom, então qualquer coisa tu me telefona, se alguma coisa a noite tu me telefona, porque foi segunda feira já de tarde. Ai quando foi segunda, terça-feira [...] ele ligou de noite e disse “olha vai de manhã lá na Caixa...”, que ele era funcionário da Caixa, hoje ele já tá aposentado. “Vai lá com a Amira que eu vou mandar o dinheiro, tu vai tu compra logo tua passagem e vem embora. “Tá bom”, era umas 8 horas passou a noite quando foi terça-feira, umas 8h da manhã meu marido tava arrumando ai uns negócios, tava vazando água, e ele ia viajar meio-dia no outro barco que ia sair. Aí o telefone tocou e eu falei assim “é bem a mana [...] me chamando pra gente descer pra ir pegar a passagem”, já não era ela, era a minha cunhada que estava em Belém que ligou chorando dizendo que a mamãe tinha acabado de falecer. Ela morreu bem rápido, ah meu Deus eu não sei nem hoje, eu só sei que eu joguei o telefone, eu tava eu, a gente não, a gente não chora, [...] a gente grita, né? Horrível, uma sensação muito ruim. Aí, quando eu vi tava cheio de gente lá em casa, aí pronto, aí a notícia correu. Aí liga pra irmã, aí meu marido já não foi nesse dia, assim viajar pra trabalhar, aí ele ligou pra lá falando, aí ele ficou pra ajudar, dar um apoio, e quando foi, nesse dia engraçado que é era, era dia 21, que minha mãe teria que viajar pra cá, já tava com a passagem comprada, só que veio só o corpo dela. Dia 21, ela morreu dia 20, ela viajou pra cá aí pronto ficamos aquele negócio todo, aí e agora, minha mãe veio só o corpo pra cá aí foi aquele

desespero. Isso foi em janeiro, quando foi em fevereiro, meus filhos ainda, aí eu tive que ir embora depois de tudinho, fui viajei, quando foi em abril saiu minha casa. Meus filhos ficaram aqui ainda, porque esse tempo porque não tinha onde levar eles e em abril saiu minha casa, e aí... Isso é uma história, né?

Aí saiu minha casa, aí eu levei os meus filhos, ficamos lá, meu filho tinha, na época ele tava com 14, e ela 13. Aí, tá, fui pra lá com eles, só que meu filho já estava perdido. Ele tava com 14. Com 13, que era ela. Aí, tá, ficamos lá, e ele aprontando lá. Aprontou muitas coisas, então lá é um lugar que você não pode aprontar. Se os filhos aprontar vai embora pai e filho e todo mundo.

[...] Aí [...] esse homem foi um pai que meus filhos não tiveram, então [...] ele ia levar, ele ia em reunião de colégio. Quando meu filho aprontava ele ia lá, lá com a psicóloga, ele ia lá pela delegacia, em tudo. Aí quando foi um dia nós ficamos de férias e trouxemos eles e quando eles queriam ir na frente “Ah, nós vamos na frente porque não sei o quê”, aí eu “não, espera pra ir todo mundo junto” Queriam ir na frente. “Então tá, vocês vão na frente”, e foram na frente. Nesse período assim, três dias, que nós ainda ficamos aqui pra resolver, eles ficaram lá. Aí ele mais 3 meninos, que foi que eles fizeram? Nessa época ele já tinha, deixa ver, 15 anos, já, já, já foi noutro ano, já tinha 15 anos. Ele foi, com mais três colegas, coleguinhas lá, pularam o muro de uma casa lá, que era de uma assistente social e pegaram de lá da casa dela uma rede de vôlei, uma rede, e a bola, pularam o muro e foram, levaram pra brincar. E aí, quando eu cheguei lá, tinham feito o estrago. E mandaram ele, na mesma hora, no barco, que não ficava lá, pegaram ele [...] lá da assistente social, já levaram pro barco já mandaram pra cá e foi assim, já tinha chegado tava com dois dias, né? E aí, mandaram todos os meninos, 3, aí ficaram decidindo lá a situação dos pais. E, e, o que foi resolvido que os pais vinham embora também. Eu fiquei mais triste não porque eu tinha vindo embora, era por causa do, do rapaz que eu tava, que não tinha nada a ver, e saiu junto.

Precisou sair também. Então, foi uma, um baque muito grande, uma tristeza muito grande. Assim, mas aí, eu lá do lado do meu filho. E agora? Todo mundo “Ah, se eu fosse eu mandava esse menino embora, porque não sei o que”. Eu falei “Olha, meu filho não pediu pra nascer, e durante eu viver, eu vou lutar por ele, eu vou, meu filho não, ele não pediu pra nascer”. E outra coisa, eu me sentia culpada porque eu tinha deixado eles aqui. Sabe, na mesma hora que eu me sentia culpada, eu não queria, eu dizia não, porque eu vim pelo bem deles. E, aí, era uma coisa muito ruim na minha cabeça. Um vinha dizia “Manda esse menino embora! Manda esse menino embora! Entrega pro pai” O pai eu nem sabia onde é que tava mais. E eu, “não”. E eu tinha uma amiga, e ela até já se foi, e ela sempre dizia, “olha vizinha, deixa eu te falar uma coisa, o que a sociedade rejeita a sarjeta pega. E olha tu nunca rejeita teu filho”. Aí eu vim, minhas irmãs tudo tal “Por que tu não manda esse menino, porque não sei o quê, esse menino fez tu perder”. Eu perdi meu emprego, mas saí com todos os meus direitos, de 11 anos. E, e nós viemos. E agora? E agora? Cadê emprego pra ele aqui? Cadê emprego? E ele disse, “nós vamos pra Belém, de lá tem Barcarena, quem sabe lá não tem um emprego bom”. E eu disse “é mesmo” e eu fui, deixei meu currículo por aqui. Como o meu currículo era muito bom me chamaram o Dr. Manádio, era lá, lá, na clínica dele era lá na Mendonça, me chamou pra mim trabalhar pra ele lá. Aí eu disse “Olha Dr., eu posso trabalhar, mas, não, com carteira assinada, porque a minha vontade não é ficar aqui, minha vontade é ir embora. Aí ele disse “Ta bom, tá bom” Ainda

fiquei quatro meses, E o meu marido foi na frente pra comprar apartamento, comprar as coisas. Aí ele foi e comprou, chegou lá e comprou um apartamento e deu entrada lá e graças a Deus que ele botou no meu nome. Ele botou no meu nome, ele era muito legal, sabe? E arranhou um emprego lá na Selva Plato, e eu disse pra ele “Dr. eu tenho que ir embora” e ele disse “Não, fica aqui, eu assino...”. Ele não queria que eu saísse, e ele “Poxa vida, você...” Ele tinha muita confiança em mim, porque ele disse assim, que eu tomava a iniciativa, eu sou, eu na hora do pega pra capar eu tava ali, sabe? E, e, ele dizia “olha, eu gosto da Dici porque quando eu não tô aqui ela sabe se virar” Ai pedia pra mim ficar, eu digo “não, eu não vou ficar porque meu marido já tá pra lá, eu tenho que ir embora”, e ele disse “então tá bom”. Aí com 4 dias eu fui me embora. Chegamos pra lá, e agora, pra mim trabalho não tinha, eu acostumada a ganhar bem, né? e ele também não tava satisfeito no trabalho dele. Eu sei que vários fatores. Aí tá, lá em Trombeta a minha filha ficou grávida com 17 anos. Teve a bebê, tudo bem, ajudei, e ele gostava demais da neném. E foi o tempo que ela foi viver com o pai da menina e tirou a menina da gente e ele, então acho que tudo isso também ele ficou muito triste, aí ele arranhou uma menina lá, uma moça, mais nova do que eu, isso lá em Belém já, quando a gente já tava lá. Aí passou um ano, e ele mudou, mudou comigo, a atitude dele, se distanciou de mim, e aí eu falei “Ai meu Deus, e agora?”. Sofri muito, mas com o meu filho do meu lado. Aí quando foi num dia, meu filho já tava com [...] com quantos anos ele já tava?, passamos 15, 16, 17 anos aí um dia ele falou pra mim “Olha, eu vou te falar uma coisa, tu vai ter que escolher entre eu e o teu filho, porque ele não quer se endireitar, ele tá desse jeito e tal”, aí eu falei “Olha, deixa eu te falar uma coisa, eu gosto muito de ti, mas não tem nada no mundo que vá fazer eu abandonar meu filho, primeiro porque ele não pediu pra nascer. Deus me livre de jogar meu filho, eu vou ficar com ele” Aí, eu também [...] acho que já era um pretexto que ele tinha pra ficar com a outra e aí um dia [...] ele dizia que não tinha, que não tinha, aí eu, a gente desconfia, a gente que é mulher, [...] tem um sexto sentido muito forte, e eu fui atrás e peguei. Peguei ele lá com a outra, fiz um escândalo e tal, não deixei mais ele subir na minha casa e ele foi embora.

[Meu] apartamento [...] Era em frente a Coca-cola, na Sol Nascente, Morada do Sol, Morada do Sol... é mas tem Sol Nascente, Sol Poente? [...] Aí eu peguei mandei, então, eu agi com, como é que a gente diz? com... que nem aquele ditado “Não aja com, com o coração, aja com a razão”, sei lá, uma coisa assim. Eu sei que eu agi, e eu não deveria ter feito isso. Depois eu me arrependi [...] mas já tinha feito. E ele pegou as coisas dele e foi pra lá com a outra. Só que na fábrica eu fiz, eu fiz esse auê todinho na frente da fábrica e lá ele tava como casado, que nós tava com o nosso papel de contratado, né: E aí [...] demitiram ele. Ele, ele foi embora pro Rio. Ele foi embora e eu pensei que ele tinha levado ela, mas também não [...] aí eu fiquei feliz porque ele foi, mas ela não foi, ela ficou. Ela acabou com o meu casamento, né? Mas ficou sem ele. E eu senti muita falta e eu peguei, tava desesperada aí mandei meus filhos pra cá. Eu tinha casa aqui, peguei mandei meus filhos, pedi minha demissão, que eu trabalhava lá no Hospital e Pronto Socorro São Luiz, eu tava com 10 meses lá trabalhando. Ganhava pouco, era uma hora de ônibus lá né? da Augusto Montenegro lá pro centro, pra Alcindo Cacela. É muito longe. Aí eu, mas assim mesmo eu trabalhava, meus filhos tava comigo, tava tudo bem. Aí eu mudei pra cá, eu vim me mudei pra cá.

[Minha] filha tava com o pai da neném. Ela só tinha ido passar uns dias lá comigo nessa época desse auê todinho, aí mandei os dois virem embora, aí eu, paguei a passagem de

avião, aí fiquei lá, peguei passei o apartamento pra uma moça lá que queria, tirei, dei o que eu já tinha dado, e ela ficou pagando, que a gente ficava pagando, mas graças à Deus que eu consegui, e vim me embora. E aí ele foi embora pro Rio e eu vim embora pra cá. E botei meu currículo de novo, eu cheguei, eu me lembro bem [...] que eu cheguei no dia 1º, no dia 2 é meu aniversário, de janeiro, e fui colocar meus currículos. Quando foi no dia 3 me chamaram pra maternidade de novo, pra mim trabalhar lá, aí eu fiquei, vou pegar, fui arranjar lá de novo, e comecei a trabalhar. Só que eu já tava acostumada a ganhar mais ou menos, né? E o ganho era muito pouco. E eu peguei, mas trabalhava, era o jeito trabalhar pra não passar necessidade, e eu me lembro que eu fui fazer uma compra um dia no supermercado, acostumada a ganhar bem, comprar de tudo, né? Aí, quando eu fui pra comprar, o dinheiro não deu, aí eu chorei muito nesse dia, porque eu não trouxe o que eu tinha vontade de trazer, e aí eu não “Eu tenho que ir me embora daqui, tenho que arranjar outro emprego”. Aí foi a época que eu comecei a contar de Trombetas, né? De Jari, aí com uns 6 meses que eu tava, aí mandei meu currículo e eu fui chamada pra lá. Aí vim de novo, fui [...] Pra Jari. Na Jari não tinha porque o hospital ia passar pra, pra Prefeitura. Tinha a CADAN que fica na mesma região e CADAN é uma fábrica de caulim, aí tavam precisando de [Técnica de enfermagem]. Aí eu peguei e fui. Eu fui pra lá, pra ir trabalhar. Trabalhei mais onze anos lá, sabe? O meu filho ficou aqui, depois eu levei ele. Aí foi o tempo que ele não se relacionou com os meninos, mas continuou assim, ele usava droga, sabe? E eu sempre pedindo a Deus, dando-lhe em cima, e cuidando dele, e eu sempre dizia “mas um dia eu venço”. E, fiquei lá esses anos todinhos e graças à Deus hoje [...] meu filho teve vários acidentes. Teve meningite, teve acidente de carro. A gente ainda tava lá, e eu aqui perseverando e pedindo a Deus, perseverando e pedindo a Deus. Hoje, o meu filho, ele parou de beber, ele não fuma, e ele mudou. Se eu tivesse deixado ele, não teria sido pior? Então, meu filho hoje é uma benção. E, e ele ficou surdo, mas ele tá em casa, [...] foi o tempo que eu me aposentei “Vamos embora agora pra lá”. Então o pouco do que meu pai deu, que foi a casa e daí cuidar de mim, e viver mais um pouco. E não queriam que eu viesse, porque eu tinha me operado, né? E eles não queriam me dar minha demissão, que eu poderia até passar mais uns tempos, e eu tava com 15 dias de operada. Aí eu disse “não, eu tenho que ir me embora, eu vou me embora”. Eu já tava aposentada, vamos dar a vez pra quem tem, quem quer trabalhar. [...] “não, não vai, olha pensa bem”. Hoje eu me arrependo porque eu deixei de trabalhar, né? Eu gostava de trabalhar, mas foi muito bom essa minha vida assim, pro fim já, porque eu sofri, mas depois eu reconquistei muita coisa, principalmente, eu resgatei meu filho da rua, né? E a minha filha teve essa menina. Ela tem 20 anos, tá fazendo faculdade e sempre eu ali. E teve um outro menino, que tá com 15, também [minha filha] não casou [com os pais dos filhos dela]. [...] esse outro ela teve de outro relacionamento e, e, hoje em dia ela é casada com outra pessoa, mas não tem filho e hoje ela é técnica de enferma..., ôpa, de segurança do trabalho. E ela terminou, ela fez, como é? Fez uma faculdade, ne? E hoje ela já subiu de cargo, lá hoje ela é supervisora dos bombeiros, ela não tá mais como técnica de segurança e ela tá fazendo pós-graduação agora, e taí. E ele, eu tô lutando aí pra ver se eu consigo um benefício pra ele, [...] porque ele teve essa meningite, da meningite desencadeou uma epilepsia, e há pouco tempo foi batido de carro... assim, [...] mas taí comigo, graças à Deus não abandonei ele. [Meu marido] foi embora, daí ele ainda, ainda tentou quando eu tava lá ele ainda mandava, e eu tava toda empolgada que, eu tinha, ele era torneiro mecânico, e ele queria vir aí eu já tinha

até conseguido um emprego pra ele em uma empresa era até Santa Lucrecia, só que fechou, onde eu encontrei um amigo nosso e ele falou pra mim “Dicinha, mas como você tá...”, eu, eu mudei a cor do meu cabelo era preto e eu mudei sabe, mudei meu estilo de vida aí ele disse “Dicinha, mas como você tá legal, você deu uma uma...” [...] eu disse “eu vou mudar, eu vou cuidar um pouco de mim”, né? Eu só vivia pra trabalho, vivia pra filho, e eu ia ficando [...] quando eu me separei dele, entendeu? Lá já, quando eu tava já voltando de Belém já pra ir pra Munduba, pra Jari. Aí eu mudei meu estilo assim, do meu cabelo, eu era gorda assim, [...] e emagreci mais um pouco, e comecei a cuidar de mim, da minha aparência, assim, que eu sempre gostava de andar bem vestida, no meu trabalho eu sempre gostei de andar de sapatinho alto, a roupinha era impecável, tudo de branco, [...]. E, e, então lá eu trabalhava bem, bem, bem mesmo aí eu mudei assim, mudei o estilo do meu cabelo, que eu pintei ele [...]. Ate mesmo por causa dos cabelinhos brancos já tavam nascendo, né? E aí eu mudei assim, [...]. Mas, eu me sinto bem hoje, graças à Deus, eu me sinto uma pessoa realizada.

[Esse rapaz] falou assim pra mim, e eu disse assim “Tu nem sabe quem tá voltando, o Luiz, eu vou arranjar um emprego pra ele”. [...] porque ele tinha muito ciúme, então eu tinha muitos amigos, meus amigos eu, eu, eu vivia rodeada de amigos e ele fez com que eu me afastasse dos meus amigos, porque ele não gostava, ele gostava que eu desse só atenção pra ele e, e, foi na época que eu dava só atenção pra ele, né?. Eu deixei de ver meus amigos. Ele falou assim “Então olha Dicinha, deixa eu te falar uma coisa, é, conselho se fosse bom a gente não dava, a gente vendia”, ele falou isso assim que eu nunca esqueci, e ele falou assim “Se eu fosse você, você tá bem, você tem seu emprego bom, você tá ganhando mais ou menos, você tá vivendo a sua vida, olha, você lembra quando ele fez você perder suas amizade todinhas? fez você se afastar dos seus amigos? Será que é isso que tu ainda queres? Tu viu o que ele fez pra você?” Quer dizer, ele me traiu, né? E eu era uma pessoa tão bacana com ele. Aí eu pensei, aí eu fiquei pensando sabe, cheguei em casa pensei, pensei e digo “sabe que é mesmo” Aquela frase, aquela palavra que o meu amigo me falou eu comecei a refletir e também o que ele tinha dito pra mim, em relação ao meu filho, que era pra mim escolher, eu falei “Não vai dar mais certo, então eu prefiro ficar só”. Aí, eu deixei de mão, e sempre eu ligava pra mãe dele, que eu nunca conheci a mãe dele assim pessoalmente, só por telefone e ela gostava muito de mim, ela disse que ela gostava muito de mim porque eu tinha feito o filho dela ser um homem de bem porque ele bebia muito e depois que a gente ainda ficou, sabe quanto tempo? 8 anos juntos, foi 8 anos que nós ficamos juntos.

Desde o início do contrato, do nosso contrato, 8 anos que a gente pensava que não ia dar certo, né? deu, foi muito bom. E ele era uma pessoa muito boa, e até hoje eu digo assim, o Luiz foi uma pessoa que me ajudou muito, também ele dava muito conselho pro meu filho muito conselho, muito conselho, muito conselho. Ele ajudou o meu filho um pouco também, né? E minha filha também, graças à Deus ele considerava, ele chamava “meus filhos”, tanto é que quando tinha algum problema assim, que ligavam pra mim ele ia lá com a pessoa e dizia assim “ela tem um marido, então sou eu que vou responder, por enquanto eu sou o pai deles”, então é “Eu que tenho que responder, não é ela”, e ele ia. Então ele foi muito importante, uma pessoa assim muito, muito importante. [...] ele, ele, ele tava ali eu não sentia muita falta, porque ele tava ali, ele preenchia ali, entendeu? [...] depois eu conheci uma outra pessoa, já mais novo do que eu e aí eu tinha medo de me envolver, isso já foi lá

em Mumbuca, e eu “Ah e agora? Eu não vou querer mais ninguém na minha vida”. Eu passei assim, uns 2 anos sozinha, assim “Não, não quero”, não quero, eu vou cuidar dos meus filhos, vou cuidar da minha vida, vou cuidar do trabalho e pronto. E, eu conheci esse rapaz, ele 17 anos mais novo que eu, e eu não queria né? Ele era maranhense, e eu “não, não não”, e ele persistiu, insistiu, e já tá com, muito tempo a gente junto. A minha netinha tinha quantos aninhos? 3 anos. [...] Ela tem 20, até hoje ainda tá, mas ele é uma pessoa assim.

Ainda, [estamos juntos] mas eu não sou casada com ele, sabe? Eu nem quis me meter mais, naquele compromisso assim né? porque de repente, né? Podia ter assim os seus altos e baixos, assim porque eu era uma pessoa assim radical, eu não, eu, eu não nunca admitia traição, e aí era por isso que eu não tinha relacionamento nenhum duradouro, porque é muito difícil hoje, né? É muito difícil então você tem que passar por cima de certas coisa, se vo... aí eu conheci uma senhora ela já era uma senhora idosa, ela sempre dizia pra mim assim “Minha filha, pra gente ter um relacionamento bacana, a gente tem que ser cega, surda e muda”, aí eu falava “Ai Meu Deus, será que eu vou ser tudo isso?” Aí tá, quando foi, eu comecei o relacionamento com ele, e ele depois ele começou a aprontar e eu já pensava assim, eu digo “Meu Deus se eu deixar, eu nunca vou ter ninguém na minha vida, porque eu sou muito radical ali, eu não perdoar”, eu não sabia perdoar, e aí eu digo, se eu soubesse perdoar, eu ainda tava com o Luiz, né, que é o lá do Rio, até hoje. Eu acho que eu fico culpada porque eu não soube, a primeira que ele fez eu não perdoei, eu... E ele me pedia perdão, e ele dizia não fazer e eu “não, e não e não e não”, e não quis mesmo e esse outro eu deixei, eu digo “bem, fui traída a primeira vez, deixei passar, depois a segunda eu deixei passar, a terceira eu deixei passar e a quarta e ele traindo sempre eu disse “Ah, não, já chega!”. Teve uma vez que eu falei pra ele “Não quero mais!”, que eu vi ele com outra também, né, então, ele tava lá e a gente quando trabalha assim num setor, e a gente é muito conhecida, né? Então a gente tem que ah se preservar, então todo mundo chegava “Olha, eu vi o Antônio lá...” falei “Ai Meu Deus, ah eu vou deixar” Todo mundo lá, meus amigos, tinha meus amigos bacanas lá, “Não, esse homem não dá certo”, eu digo “é mesmo, eu vou deixar agora vou deixar, e não tem nada, eu já perdoei a primeira, a segunda, já tá fazendo isso de avacalhação pro meu lado, não quero mais”. Eu não dependo, eu falava assim, “Eu não dependo de ninguém, né?” Eu não dependo dele, eu ganho o meu dinheiro, sou eu que pago as minhas dívidas, né? Aí eu peguei, larguei ele, deixei ele, 1 ano. Aí ele viu, [...] que aquelas outras só eram pra [diversão] e ele andava atrás de mim, e eu “Não quero, não quero mais”. Aí ele ficava ali, mas ele batalhou, 1 ano depois aí eu disse, vou dar mais uma chance, aí eu voltei. Aí quando ele voltou, já completamente diferente. Se ele trai, que eu digo, se ele trai, porque o homem trai, homem é homem, [...], já basta ter o nome de homem, [...] E aí, mas não na minha frente, ele me respeita, agora ele me respeita, e ele trabalha lá, ele trabalha lá pro lado da Serra do Navio, Macapá, ele vem de 3 em 3 meses, mas ele manda [...], ele manda as coisas pra mim, telefona todo final de semana; eu não ligo, ele reclama “Por que tu não liga?” “Eu não, quando eu ligava pra ti tu num soubeste aproveitar,” agora, [...] Mas ele é uma pessoa também muito boa com meus filhos, uma pessoa muito bacana, ele é novo mas assim mais novo do que eu, mas ele tem uma cabeça de velhinho que eu digo pra ele, tu é a cabeça, eu acho assim que tu é igual o meu pai, igual, igual, igual, o jeito dele, daquele antigo ainda, entendeu? Acho que ele foi criado também naquela, com aqueles pais mesmo antigos, né?

ele é assim, desse jeito, então a gente ainda tá até hoje. Aí ele tá pra lá e eu fico aqui, mas ele vem de 3 em 3 meses, né? Folga de campo que chamam.

[Minha história] dá pra fazer um livro [...]

Pesquisadora

Deu pra entender bem porque a senhora é ótima de contar história também. (risos)

Participante A

Também, né? (risos)

Pesquisadora

Conta os detalhes e vai, volta

Participante A

Assim que a minha neta fala...

Pesquisadora

Isso é bom porque a gente entende todos, todo o caminho, né?

Participante A

Humrum.

Pesquisadora

Deixa eu lhe perguntar mais uma coisa: Como é que a Senhora enfrenta essa fase da sua vida que a senhora se encontra hoje? A senhora ainda não tá nos 60 anos, mas de certa forma...

Participante A

Já tô nos 60. Eu tô nos 64.

Pesquisadora

64 ? é, mas aí, então, mas a senhora ainda tem assim muito ... participa de um grupo. ...Tem muito essa, essa

Participante A

É, eu acho assim que eu já me considero uma pessoa muito ativa, entendeu?

Pesquisadora

Sim

Participante A

Muito mesmo, porque eu gosto assim de passear. Agora que eu parei, porque eu fui operada, [...] Eu gosto de conversar, eu gosto de ler, leio muito, leio muito, eu leio muito, gosto de ver televisão, sabe? Gosto de conversar com amigos, com amigas, [...] E é isso ...

Pesquisadora

Porque assim, dona Dice, a gente sabe que existe um preconceito muito grande, [...] da sociedade, com as pessoas, [...] Idosas, [...] Que, que assim a gente sabe que assim os programas que existem hoje em dia, tudo é uma forma de resgatar esse idoso, essa coisa de que ele ainda tem, vai viver muito tempo, [...] porque a nossa expectativa de vida hoje no Brasil é 80 anos, então imagina, a pessoa envelhece, 60 anos tá, é, se torna idoso e pra viver trinta anos da vida esperando chegar o dia, por exemplo, [...] Porque tem idosos que são assim.

Participante A

Tem, é porque já passou dos 60 “Ah eu já não vou mais fazer nada, acabou a vida deles”

Pesquisadora

É, exatamente

Participante A

Mas eu acho que tá errado é

Pesquisadora

Eu queria ver como a senhora vê isso aí e como é que a senhora procura aplicar pra sua vida

Participante A

Ah, eu procuro viver bem [...] a manter até no limite, por exemplo, é sobre vestimenta, [...] Por exemplo, eu gostava muito de vestir roupas assim decotadas e tal. Hoje, eu olho assim tem que ser, a minha roupa tem que se preservar e tem que se mostrar como a gente é naquela idade da gente pra não ser, pra não servir de mango pros outros, [...] Porque hoje, as vezes, se você vê, tem muitas pessoas jovens se vê uma senhora de 60 anos, com um shortinho curto, com uma roupa decotada elas vão falar, elas vão reclamar, [...] Elas vão aqui, zombar. Então eu acho que cada qual tem que ser, manter, aquele seu estilo, [...] Não é não? Pra pessoa não ser ridicularizada, [...] Pra pessoa se valorizar e, e, porque não adianta, eu vou ter, por exemplo, meus 60 anos e andar com um shortinho bem curto, [...] Isso é estranho. Eu ando na minha casa [...] (risos) dentro de casa [...] Mas fora a gente tem que se comportar conforme a nossa, [...] Idade, a nossa postura tem eu ser diferente

Pesquisadora

Sim. Tá. E como é a sua relação com o CRAS? O que que representa pra senhora?

Participante A

Ah, pra mim, olha, tanto é que é, é o primeiro, é o primeiro grupo que eu tô participando. Eu gosto. Eu venho mais, que pra mim é ter contato com as pessoas, [...] E, e também pra ajudar a dar um pouco de mim em, por exemplo, é verificando a pressão. É cuidando, quando eu encontro elas pela rua eu “Ei, já tomou teu remédio?” Eu fico assim em cima, entendeu? Então pra mim é muito bom porque é o único programa que eu participo. As vezes não é tanto, porque tem muitas vezes que as pessoas que pensam, que quando eu

digo “Não, bora lá?” “Mas o que que eles dão?” “Não dão nada” pra mim, mas tem muita gente que tem benefício aqui, tem gente que precisa, né? Não é porque eu não tenho, eu não preciso, por exemplo, a faixa do meu salário não dá pra mim ter muitas coisas que tem aqui, [...] Que eu não venha. Eu venho porque eu gosto, sabe?

Pesquisadora

E faz bem...

Participante A

E faz bem pra mim [...] Faz bem [...] só o fato de eu tá conversando, é sorrindo, cantando, [...] Que é bom. É muito bom. Eu sou uma pessoa que eu não gosto de fazer exercício, eu tenho preguiça.. A minha irmã que ri de mim “Bora” e eu digo “Não, não vou”. Outra coisa, eu gosto muito de ter o meu sossego depois do almoço, eu gosto de me deitar, tanto é que quando tem reunião de tarde eu não venho, porque é o meu horário, a minha hora que eu tiro pra me deitar e ler, eu gosto de ler, eu gosto fico lendo e a televisão acaba naquele horário, entendeu? Então eu sou muito assim preguiçosa pra fazer todo tipo de exercício

Pesquisadora

É, durante toda a sua vida, quando é que a senhora, de, desde que a senhora se entende por gente, até hoje, como é que a senhora procurou enfrentar os seus problemas?

Participante A

Ah mana, pedindo a Deus. Pedindo a força do Senhor, sabe? Pedindo mesmo e alí, orando e, e, todos os dias. E teve uma época que eu falei assim ‘Meu Deus, hoje eu já pedi tanto’ (eu disse assim) quando eu vou a igreja, todo domingo eu vou a igreja e eu falo assim “Olha meu Deus, eu, eu primeiro vinha só pedir, e hoje eu venho só agradecer”, entendeu?

Pesquisadora

Só que aí o que eu, a senhora falando isso eu observei também que, que era pedindo mas também fazendo a sua parte

Participante A

É, pela minha parte, é

Pesquisadora

É porque pelo que a senhora conta, a senhora foi muito batalhadora, que não se conforma com a situação, que não é acomodada

Participante A

É, é, é verdade, é verdade.

Pesquisadora

Porque as vezes a gente é, [...] assim só um parêntese, [...] Pelo que a Senhora me contou. Eu gostei muito da sua história porque realmente é uma história de vida de uma pessoa que não se, não ficou em paz enquanto não

Participante A

Não venceu... Olha tem gente assim porque tem pessoas assim, que ficam é, no primeiro obstáculo, a pessoa cai

Pesquisadora

Aí imagina se a senhora tivesse parado no seu primeiro emprego?

Participante A

Nossa mãe, eu, eu, eu penso nisso. Eu digo “Meus filhos, vocês já pensaram se eu tivesse, eu fosse assim aquela pessoa que, que eu não tivesse garra, aquela pessoa lutadora, aquela pessoa que fica assim no agora eu já me casei, agora eu vou ficar aqui parada olhando pra vida, [...] Não, mas a gente tem que ter, que arregaçar as mangas,

Pesquisadora

E o seu pai, comparando assim o seu pai e a sua mãe. Como é que era? Eu acho que seu pai ele lhe dava uma, um gás, [...] Digamos assim, tanto que aceitou ficar com os seus filhos.

Participante A

Então, as pessoas falavam assim antigamente [...] a gente falava assim “Ei mana tu não tem mãe não?” Eu falei “Tenho”

Pesquisadora

A senhora falava só do seu pai

Participante A

Porque eu só falava do meu pai, sabe? E outra coisa que elas perguntavam assim “Ei Dicina vem cá, tu não tiveste infância?” Porque elas falavam assim que eu não sei que eu acho que eu já mudei um pouco é, mas elas falavam assim que eu tinha tudo assim de criança, de adolescente, sabe? Elas falavam assim “Meu Deus, tu não cresceu não? Tu não tiveste infância?” Eu falava “Eu tive, por quê?” Porque tu continua igual uma criança, aí as minhas colegas diziam, eu não sei porquê, sabe?

Pesquisadora

Mas eu acho que é o seu jeito brincalhão, eu acho o jeito...

Participante A

É, eu acho que é, eu acho que é o jeito de ser [...]

Pesquisadora

Mas, e a sua mãe, como era?

Participante A

A minha mãe era uma pessoa também muito boa, mas ela era assim fechada. Era difícil ela sorrir, muito difícil.

Pesquisadora

Talvez a senhora se identificasse mais com o seu pai, [...] Em termos de, de personalidade

Participante A

Assim, não, assim de, de, meu pai também assim, em tempo de bondade assim, de ajudar as pessoas, sabe? Meu pai é, Minha mãe também era, só que minha mãe era mais assim “na dela”, meu pai não, meu pai já era uma pessoa muito assim, gostava de ajudar era assim, mas minha mãe eu acho que era assim por causa da criação também. Não sei, porque ela era fechada um pouco. Também acho que ela tinha o sofrimento dela, ela não contava, [...] Eu acho que é, eu acho assim, quando uma pessoa tem um sofrimento é bom a pessoa contar, [...] Se abrir, porque se ela se fechar, ela se torna uma pessoa muito amarga

Pesquisadora

É, e não tem nenhuma oportunidade de mudar... porque você fica lá sempre lá, só olhando o problema da mesma forma [...]

Participante A

É verdade, verdade

Pesquisadora

Você divide e ajuda a olhar de outra forma

Participante A

Verdade. Ela era mais rígida assim, em relação a namorado, entendeu? Era, o pai não, o pai era mais amigo e era pra mãe ser mais amiga, mas lá, era o pai mesmo

Pesquisadora

Dona Dice, qual é o papel da religião na sua vida? A Senhora era, assim ao longo da sua vida a senhora era de missa

Participante A

O papel da religião. Sempre fui. É, é, é porque desde quando gente foi, papai sempre, ele desde pequenininho ele já ensinou a gente a ir a missa, então quando eu era assim, com uns 15, 16 anos, eu participava de um coral lá na igreja de Aparecida. Eu participava lá, Sempre eu fui de dentro da, sempre eu gostei, sempre eu fui de dentro assim

Pesquisadora

Sim e depois assim que a senhora ia?

Participante A

E depois eu deixei. E eu agora já voltei de novo a participar aqui, porque depois que eu cheguei, as vezes era o horário que tinha eu tava trabalhando e era muito difícil. Eu me

afastei um pouco esses tempos porque eu trabalhava eu me afastei um pouco da minha religião. Mas sempre em casa, em casa sempre eu lia, eu leio bíblia, eu sempre [...] a gente teve a força, [...] A gente tem que pedir. Já pensou se eu não tivesse Ele Ele [...] Ele na minha vida, aí como é que era.

Pesquisadora

Eu, a última pergunta, tá. Qual o papel da sua família na sua vida?

Participante A

Ah é tudo pra mim. É muito importante, meus filhos, meus netos. Tenho 4 netos.

Pesquisadora

A Senhora tem um contato maior é com a sua família, que a gente diz, a sua família nuclear, assim, que a senhora montou depois, [...] (filhos e netos e genros, e tudo), ou a sua família de origem (irmãos,

Participante A

Sim, com meus irmãos, sem dúvida. Deus o livre, eu tenho uma irmã que ela agora tá em Itu, toda semana a gente se conversa, meu irmão também que tá em Belém toda semana também, agora só tem um que mora por aqui, que ele é mais assim, desligado, sabe? As vezes ele vem. Eu toda tarde vou na casa da minha irmã, daquela, da Diva né? A Raimunda também, é a minha outra irmã, essa baixinha que sempre vem. E ela mora lá perto da igreja da Paz, mas todo domingo, toda tarde a gente se vê também. Quando ela não vem dia de domingo, agora que era difícil eu ir na casa dela domingo agora eu tô indo, [...] A gente vai, faz almoço, mas é sempre a família, compartilha assim

Pesquisadora

Compartilha assim as dificuldades... Vocês são bem próximos?

Participante A

Isso, isso, isso, também nós somos muito unidas, tanto é que, que, as pessoas falam “Menina, mas como essa tua família é?” porque quando meu pai se foi ele pediu, chamou meus irmãos, ele pediu, que a única coisa que ele queria é que essa casa, que hoje é minha, ficasse pra mim. Na época ela tava no nome do meu irmão, mas era do meu pai. Aí meu irmão já veio, já passou pro meu nome. E essa casa ficou pra mim. Tanto é que os meus irmãos, nenhum quiseram assim “Bora vender pra dividir”. Não, pra você ver a união que é a nossa família. Porque hoje em dia não, bora vender e vamos repartir, mas a nossa família não. Isso vem desde, desde a base.

Pesquisadora

Pelos valores que vocês receberam

Participante A

Pelos valores, é meu pai e minha mãe é muito importante pra nossa vida. A gente assim até hoje a nossa família é assim. Dia de Natal a gente se reúne, entendeu? nem todas porque mora longe, [...] Mas quem tá aqui dentro da cidade sempre vai, muito bom.

Pesquisadora

Última perguntinha: Qual a influência [...] Do grupo dos idosos na sua vida? De que forma essas atividades que a senhora faz aqui estão presentes na sua vida?

Participante A

Não entendi

Pesquisadora

Qual o papel que o grupo do CRAS

Participante A

Faz a gente viver, sabe? Viver, se, se, também mostrar que a gente ainda é capaz né? Que a gente ainda é capaz e, é muito importante pra minha vida, muito bom mesmo. Depois que eu comecei a participar pra mim foi muito bom

Pesquisadora

Eu creio que também que pra senhora já é, a senhora não veio só em busca de alguma coisa

Participante A

Não, [...]

Pesquisadora

Foi uma coisa de troca, [...]

Participante A

De troca é

Pesquisadora

A senhora veio porque a senhora queria ajudar alguém, [...] Com um pouco da sua profissão, [...]

Participante A

As vezes eu tô lá e digo "É, porque eu não vou hoje?" Ai eu venho, não custa nada, né? A eu venho, mas assim sempre a gente se sente tão bem quando a gente vem né? Eu tiro a pressão delas, dou orientação e também só de ver as minhas colegas todas sorrindo, né? Cantando, a gente vê que é muito bom. É um momento de, de, união, de, de encontro. É muito bom, muito bom, [...]

Pesquisadora

Tá ótimo, é basicamente isso. Dona Dice, eu gostei demais da sua história

Participante A

Eu disse que eu vou fazer um livro (Risos)

Pesquisadora

Dá pra fazer um livro. Eu acho que a temática que eu tô, tô estudando se chama resiliência, [...] O quê que é resiliência, é aquela capacidade de enfrentar as adversidades [...] as adversidades na nossa vida são os problemas, as dificuldades, os obstáculos. Então assim, a sua história de vida eu acho que tiveram vários momentos de resiliência na sua vida

Participante A

Muito... eu tive muitos obstáculos muito

Pesquisadora

Muitos obstáculos, e muitas superações.

Participante A

É, mas a gente pensa, sabe o que é isso? Vontade de viver e a fé em Deus tudo isso a gente, tudo isso, as vezes a gente tá querendo cair e eu penso, não, eu penso, porque na vida o que tem mais é obstáculo. É verdade, né? Tem mais obstáculo, E se você, é, ter fé em Deus, você supera. É, é verdade é, eu lembro tem vezes que as pessoas pensam assim, não vê sobre drogas, você tem que procurar médico, mas também você tem que procurar a espiritualidade, é?

Pesquisadora

Se fortalecer...

Participante A

É, tem que se fortalecer. Tem que se fortalecer muito mesmo, porque não, não é assim, eu me sinto uma pessoa realizada. Eu falo assim. No decorrer dos anos todinhos eu tô bem, graças à Deus, já passei muitas coisas, mas aquilo que passou, né? valeu, eu não gosto de lembrar, eu vou lembrar só coisas boas [...] Eu gosto de viver bem e eu lá em casa tô com os meus filhos, eu tô bem, graças à Deus.

Pesquisadora

Tem essa, essa situação do seu filho, mas...

Participante A

Hoje o meu filho tá bem. Resgatei o meu filho, né? Por isso que eu digo, as vezes a pessoa pode “não, não traz teu filho, não deixa ele”. Tu tem que ter muito amor, muito, muito amor mesmo, carinho, [...] Deus o livre, o meu filho hoje ele já sabe. Hoje o meu filho já dá conselho pra outra.

Pesquisadora

Ele, ele, ele fala?

Participante A

Fala,

Pesquisadora

Até porque a meningite foi depois de uma certa idade, né?

Participante A

Foi, depois de ele ter 29 anos, ele já, já tava adulto já. Já falava, sabe ler, escrever. Ele faz leitura labial rapidinho, muito rápido ele faz.

Pesquisadora

Deus vai dando também, vai aprimorando, né?

Participante A

Deus é tão bom, né? Eu digo assim, eu tenho um amigo que eu falo pra ele “Deus fecha uma porta e abre milhões de janelas” Aí eu digo um homem perdeu o trabalho e aí “poxa, perdi meu emprego, e agora?” olha, menino, não te desespera Deus quando fecha uma porta ele via abrir milhões, ‘N’ janelas, né? E é verdade. As vezes, acontece coisas assim acontece um fato contigo e poxa, tu diz “porque que eu tô aqui”, as vezes e pro teu bem, eu ia sair e não dá certo, ai lá fora acontece algo e se tu tivesse ido? Então é de Deus, Ele sabe tanto da vida da gente, né? E as vezes a gente faz tanta coisa errada, e a gente nem, fica é brigando [...] “Por quê?”

Pesquisadora

É, e quando alguma coisa não sai do jeito que a gente quer e a gente acha que

Participante A

Eu digo lá em casa “olha, tem, tem, tempo pra chorar, tem tempo pra sorrir, tem tempo, [...] Então, tem tempo pra tudo, então tudo isso a gente deve pensar, [...]

Pesquisadora

E só mais uma última coisinha Dona Dilce antes. E o pai dos seus filhos a senhora também nunca mais...

Participante A

Não, ele faleceu ta com, ta com, uns 8 anos que ele faleceu, mas, a filha dele foi que ele não tinha ninguém, mas como Deus é tão bom né? Que a filha dele foi e ajudou muito no último momento dele e, e, graças a Deus que ele foi em paz.

Pesquisadora

E ele voltou lá pra Belém?

Participante A

Foi. Ele voltou pra Belém, porque ele vivia jogado, porque a família e as vezes era assim o que eu te falava, eu acho que as vezes a pessoa cai porque não tem apoio, [...] Não tem apoio.

Pesquisadora

Que as vezes a gente conseguir levantar é pelo que a gente aprendeu, [...]

Participante A

É verdade. Força, vem lá de trás, [...] Vem de trás, vem do alicerce, [...] Vem lá de trás, então você consegue através disso.

Pesquisadora

A sua família assim, o seu pai, sua mãe, nunca passaram dificuldades? assim quando vocês eram pequenos. Sei pai sempre conseguiu emprego?

Participante A

Meu pai sempre tinha emprego. O meu pai era assim aquele homem assim que, naquele tempo era muito bom porque tinha muita coisa. A gente comia eu digo assim, não tinha riqueza, mas nunca [...] passamos um dia de fome. Tinha o nosso pai que trabalhava, tinha a nossa mãe, tinha as coisas ali, ainda mais como era interior que a gente morava, tinha assim tão bom que você

Pesquisadora

As vezes criam, assim tem em casa né, muita coisa...

Participante A

em casa é, muita coisa. E assim tudo muito humilde, né humilde, mas tudo tem uma conformidade. É muito bom, e eu sempre acho assim, é melhor você, olha hoje, hoje eu vou ser uma pessoa que tenho tudo, tudo na minha vida, graças à Deus e dou pros meus filhos, ainda dou pros meus filhos

3. Fatos recentes – CRAS & Velhice

Atualmente M.D.A leva uma vida muito tranquila, procura ocupar-se com todas as coisas que gosta de fazer, ler, conversar com as amigas, ver televisão. Procura viver esta fase da vida com as suas características, sem querer ser mais jovem, mas agindo como uma pessoa que está na velhice.

Diz que participa do CRAS não apenas como usuária do serviço, mas também porque gosta de ajudar medindo a pressão das outras idosas, verificando se as mesmas estão tomando corretamente os seus remédios.

M.D.A relatou ainda que sente-se bem no grupo, conversando, cantando. Mas que participa quando é possível, não abre mão de alguns afazeres por conta do CRAS, mas sente-se bem quando está lá.

II. Participante B – Escore resiliência 115

1. Perfil Sociodemográfico

A Sr^a E.B.R tem 64 anos, sexo feminino, nasceu em Oriximiná, e mora em Santarém há aproximadamente 45 anos. Viveu grande parte da sua infância em Oriximiná, onde estudou até o terceiro ano primário. Possui quatro filhos, três moram em outra cidade, apenas o mais novo mora em Santarém. Não tem muitas informações acerca da situação em que os filhos estão, mas acredita que não estejam passando necessidade.

Possui uma filha de 37 anos, casada, dona de casa e que mora no Maranhão, desconhece sua situação econômica. A outra de 46 anos mora no Mato Grosso, segundo seu relato é casada com um homem trabalhador, mas que era usuário de droga (E.B.R desconhece se o mesmo ainda é usuário, pois nunca conversou com a filha sobre este tipo de assunto). O outro filho, de 36 anos mora em Altamira e a mesma não tem muita informação a seu respeito, e por fim o filho caçula que morava até a pouco tempo com ela, tem 34 anos, é casado e desempregado, o mesmo é envolvido com drogas (chegou a roubar algumas coisas de casa).

A sua casa é própria, reside nela há 15 anos. Mora com uma neta de 14 anos (que está lá provisoriamente até que o Conselho defina para onde a adolescente vai, pois a mãe abandonou). A neta é filha do filho da E.B.R, que mora em Altamira.

Também mora na casa o marido da mesma, com quem é casada há 35 anos. O mesmo não tem um emprego, no momento está vendendo carvão. A situação econômica da família é difícil, pois o marido é alcoólatra e o dinheiro que eles conseguem, às vezes é gasto com bebida. A sua renda mensal é de menos de um salário mínimo. Possui um quadro de saúde insatisfatório, pois tem problema de pressão alta e não faz um tratamento adequado. Avalia sua saúde como sendo

insatisfatória. Quanto às crenças religiosas, a mesma se considera evangélica por estar no momento frequentando a Igreja Evangélica.

2. História de vida

A minha infância foi atribulada, pelas casas dos outros, porque meu pai era muito velho, [durante um tempo ficou] morre-não morre e a minha mãe passando necessidade. Os filhos mais velhos dele tiraram tudo que nós tínhamos, [...] O meu pai tinha farmácia aí os irmãos por parte de pais os filhos acharam de tirar tudo dele, dela praticamente, aí tinha um filho que levava meu pai pra comer na casa dele e era longe pra dedéu o papai já era velho, aí só ele comia lá depois voltava pra dentro de casa e os filhos tudo pequeno, tudo passando fome. [Éramos] 5 filhos. O meu pai já tava na fase dos 100. Aí os mais velhos tiraram tudo da gente, foi o tempo que o meu pai morreu, aí a mamãe entregou os filhos. Pra cada uma das famílias que sabia que tinha condições de dar pelo menos um prato de comida. Aí eu fui pra Belém. [Eu morava em] Oriximiná com a minha mãe. [Nasci em Oriximiná] minha mãe me deu pra Belém. [Eu era] Uma menina ainda na época, não muito menina, mas menina de sítio parece que se torna menos menina. Aí eu peguei e fui pra Belém e lá queriam que eu lavasse roupa, passasse uns macacões enormes do Sr. Henrique, o marido da Jesus. Aí foi o tempo que a Eli, irmã dela, foi para lá e eu vim pra Santarém eu pedi que eu queria vir me embora pra Oriximiná. Chorei, esperneeii, até fugi. Na época tinha até trem lá perto da casa, eu corri e fugi para lá. Aí foram buscar, disseram, ah não vai ter jeito, pode levar aí eu vim. Cheguei em Santarém, e em Oriximiná o meu pai tava morre-não morre. [...] eu era menina mesmo, eu era menina. [...] Chegou até mais de um ano ficando por lá. Aí foi o tempo que eu vim morar com a Eli, ela tem uma fazenda [...] Em Sapucaia, perto de Terra Santa, aí quando eu cheguei em casa a Eli foi me deixar em casa aí a minha mãe conversou com a Eli. Se ela quisesse, ela podia me levar pra Sapucaia, para essa fazenda, [...] Com ela, que morava por lá. [Era parente do pessoal de Belém]. [...] a Eli pegou “Ah, se a senhora quiser me dar eu levo”. Aí me arrumou, eu nem vi o enterro do meu pai, não vi nem ele morrer, nem nada, tava lá naquela ânsia de morte, [...] aí ela tinha que viajar, [...] eu fui. Aí que foi. Lá era bom, não me faltava nada, não me faltava comida, não me faltava nada, mas um dia ela com muita raiva em Terra Santa, que o marido dela pediu que todo mundo se arrumasse que ele queria vir embora pra Sapucaia. [Não sei] Terra Santa é ali próximo de Castanhal assim, tem Faro, Terra Santa, Nhamundá, tem esses lugares para lá. Aí eu morei com eles um tempão mesmo, mas um tempo, que eu acho que eu tinha uns 10, 11. Acho que 10, eu tava em Belém, aí eu fiquei, 11-12, acho que uns 12-13 com a Eli, porque eu saí de lá com 16. [...] Aí ela com raiva, não sei, acho que do marido, que eu não tinha nem motivo pra ter me batido, [...] Menina, nessa noite ela me pegou assim pelo cabelo e me socou eu tive mau sorte [...] Isso aqui meu ficou roxo, roxo, roxo. Aí o Seu Aluízio ia subindo que era o comandante e disse “Ei Bete, vem cá?” [...] eu disse “O que é?” “Que foi isso no teu rosto já?” Eu disse “Nada!”, [...] tava adormecido, tava dormente, dormente. [...] eu olhei assim no espelhinho lá, Jesus. “Vem cá, o que foi isso?” [...] “Foi a Eli que me bateu [...] ela tá com raiva porque ela queria tá em Terra Santa na Festa e a gente tem que viajar” [...] ele foi [...] lá para a proa do barco, chamou o Luciano que é o dono, marido dela [...] “Luciano venha ver uma coisa aqui, olha o que a sua mulher fez aqui?” Aí ele olhou “Meu Deus, mas como é

que pode fazer um negócio desses?” [...] ele pegou foi lá para a proa, botou ela no camarote só ouvi a parede “be!” [...] “tá é batendo nela.” Aí ele disse “Olha, se você não quer a menina com você entregue para a família que eles dão o jeito deles, entregue para outra família [...]. Aí ela [...] foi embora. Nós tínhamos que passar por uma repartição [o meu irmão por parte] de pai, esse Moizá que tirou as coisas da gente tudo, ficou com a farmácia, vendeu e comeu. Quando ele chegou, aí tinha que parar o barco, de um jeito ou de outro para fiscalizar o que é que tinha dentro do barco ou não. Aí quando chegou bem lá que ia parando ela me mandou para a cozinha, vai pra cozinha cuidar do Marcílio. Marcílio é o filho dela, que eu quase criei [...] aí a menina disse assim, olha o teu irmão entrou no barco agorinha, [...] “Quem, qual?” o Moizá, lá está ele. [...] eu tentei não olhar [...] “mana, vem cá?” Ele me deu um abraço, ele me deu um abraço só que me machucou no peito dele eu disse “Aí”, “não, para” [...] Ele disse “O que foi isso?” [...] a menina disse “É a Dona Eli que bateu nela” “O quê?”, [...] “Arruma tuas coisas, cadê tuas coisas? Desce aí vai comigo. E eu fui com ele [...] Ai ele arrumou marido pra mim, eu não queria o homem e era assim, minha vida foi horrível.

Tá, então, vamos recapitular um pouco nessa época da sua infância, né? A senhora já foi pra Belém, já com 10 anos. Mais ou menos isso. Antes dos 10 anos já passavam necessidade?

[Passei necessidade] na casa do meu pai sim. Na minha mãe também. Minha mãe não sabia lavar roupa para os outros, foi o jeito ela aprender a lavar roupa depois que ele morreu. A gente nem sabia que tinha esse problema assim de fome, [Com os irmãos] Brincava muito. [Os pais] Nunca [bateram], eu acho que é por isso que a gente se sentia mal, [...] Porque na casa dos outros eles batem mesmo, não tão nem aí. Os irmãos tudinho em casa, [...] acho que o papai ainda recebia alguma coisa [da] farmácia [...] Vendia alguma coisa e a gente comia tudinho ali, mas numa boa. [São lembranças] Boas, que a gente vivia tudo junto em casa. Ninguém brigava com ninguém. A gente ia para o fundo do quintal, fazia casinha, não era vizinho daqui, vizinho dali, nós éramos irmãos mesmo e não tinha nada. Nunca vi eles [os pais] brigarem, [...] disseram que o papai deu um banho na mamãe ela de resguardo, é isso só que eu lembro de coisa ruim. Eu não vi, contaram.

Eu estudava. Foi complicado, porque em Belém eu não estudei nunca. Com 10 anos, sem estudar. Aí eu não estudei nunca mais. [quando foi com o irmão] tava com 15, que eu me lembro que festejaram meu aniversário lá no Sapucaia com umas bolachinhas e um suco (risos). É a lembrança que eu tenho, mas era boa assim sei lá, depois dessa surra

[Antes] eles (Eli e o marido) me tratavam muito bem [...] o seu Luciano era uma benção. Ela que era mais rígida, mas eu digo assim, “gente, se eu tivesse com a Eli até hoje [...], Muito bom lá [...] o pessoal respeitava todo mundo [...] Uma vez eu achei de querer namorar com um rapaz, o Ernesto, aí a minha irmã tava comigo no Sapucaia, lá nessa fazenda, [...] eu marquei um encontro com ele [...] Numa casa do motor, que a gente chamava casa do motor aí não tinha luz elétrica [...] eu doidinha que ela [a irmã] dormisse pra eu fugir pra falar com o namorado. [...] Ela disse, “bora buscar o bacio porque eu esqueci” [...] lá na ponte. [...] cheguei lá, quando ela pôs a lanterna assim foi na cara dele [...] Mas sorte que ele se deixou dizer que era ladrão, coitado do Ernesto. [...] a Deise que era minha irmã disse “Dona Eli, dona Eli” [...] “A gente ia dormir, eu fui lá fora buscar o bacio, fui buscar o bacio, sabe quem tava lá dentro da casa do motor?” [...] “O Ernesto. [...]

[Depois que deixou a casa da Eli foi morar] Eu não sei o nome. Nhamundá, numa repartição [morava com o irmão]. Ele era fiscal de lá, né? Aí eu fiquei lá aí depois que fui pra Oriximiná e fiquei com minha mãe. Aí mesmo ela não querendo, a necessidade era grande. Depois de um tempo [voltei para Oriximiná]. Fiquei um tempo com ele [irmão]. [Me] Tratava [bem], mas ele mudava, ele batia muito na mulher, [...] Aí eu era muito nervosinha, eu tinha era medo, ele batia na Zazá, era esquisito mas ele me tratava com respeito, muito bem, mas tinha esse problema, né?

[...] Nessa ida pra Oriximiná, aí eu já fui da outra irmã dessa Jesus que eu morava em Belém. Eu morava com a Lucivete, em Manaus, fiquei em Manaus. Aí foi por causa de 50 centavos [...] Meu Deus, por causa de 50 centavos ela me mandou embora. Ela foi tomar um tacacá na esquina e eu com vontade de tomar tacacá também, [...] Olha aquela mulher tinha muito dinheiro ela era muito ruim. Ai eu fui lá dentro onde ela tinha deixado 50 centavos, aí ela viu eu entrando dentro do quarto dela e peguei os 50 centavos, [...] Ela disse, [...] te arruma que tu vai pra casa da tua mãe pra Oriximiná, eu não vou querer ninguém que roube nada de ninguém aqui em casa”.

[...] Não muito tempo. Só, eu acho que eu já tinha uns 15 anos. É um tempo assim, não sei, mas não foi um ano não. Aí [...] ela mandou no barco pra Oriximiná. [...] Para casa da minha mãe aí foi a pior coisa que eu fiz. Porque ela era muito desmiolada. O marido dessa Lucivete lá na casa dele era mais ou menos, mas não era muito saliente, [...] Mas chegou lá em Oriximiná ele me cercava de todo jeito. As vezes ele entrava lá no porão, eu tava lá, eu tinha entrado da casa da vizinha [...] era de noitinha e entrei quando dei fé ele entrou, me agarrou, me beijou, me beijou. Eu digo olha a mamãe, ele pegou mexeu, me engravidou. Aí eu procurei por ele pra reconhecimento da criança, ele disse que o filho não era dele, daí eu não sabia para quem correr, eu não sabia como fazer. Eu fui com uma senhora que era parenta dele [...] Aí ele disse não, eu não quero nem que a Lucivete [...] olha a coisa que eu mais acho triste as pessoas que tem e são miseráveis que eu cheguei na casa da vó da mãe dele [...] dona Viçosa eu queria um pouco, nem que seja de farinha pra eu fazer um mingau pra minha filha que nós estamos sem nada” Ai ela disse “É tem uma farinha bem aqui espera aí”. Quando eu cheguei em casa que eu botei a água na farinha pra fazer deu aquele, só aquele fedor de querosene, olha. Caiu querosene naquela farinha e ela sabia disso. Ai Jesus, como é que pode! [...] Maldade. Sei lá e a gente, olha, eles são fazendeiros [...] e ela acho que já até morreu. Aí eles eram fazendeiros, tinham [...] condição boa. E era uma cidade pequena que os que mais tinham eram eles sabe? Aí eu digo sabe de uma coisa eu vou, aí eu fui pra Santarém não sei nem como.

[Em Santarém] teve um jogo de Oriximiná com Santarém? era grátis a viagem, aí eu cheguei com o Aldo, dono do Italiano (barco). [...] Foi então que eu fui e na hora do barco ir embora, fiquei olhando o barco ir e pensando o quê [...] eu ia fazer. Porque não tinha ninguém em Santarém. Quando eu tava lá encontrei o Aldo de novo, ele perguntou se eu tinha perdido o barco aí e eu falei a minha situação pra ele e ele disse então Olha, nós moramos numa república tu quer entrar lá com a gente [...] Ai eu disse [...] que é república? Ele disse “República é a casa que só vive estudante é lá que eu moro. [...] tem uma senhora morando que cuidava deles, lava a roupa, faz comida, era faxineira [...] essa senhora que veio lá do sítio pra fazer comida pra eles, mas dormia mesmo lá. [Eu] Era magra na época, [...] Ele não acreditou, (que estava grávida) ai eu disse pra dona Rosa eu não vou pra Oriximiná, eu tô passando muita necessidade, [...] então eu fiquei com a Rosa, fiquei na

casa [...] Era pequena, casa de vila, [...] mas aí ela disse “mas tem uma solução pra ti”, “olha Bete, vamos fazer assim minha filha, que tu estás gestante mesmo?” eu disse “estou” “tô com quatro meses”. Ela disse olha a minha cunhada vai pro garimpo e não tem quem fique com os filhos dela”, [...] Ai fomos lá é uma escadinha as crianças dela, ficou [...] até minha comadre, já até morreu. Tu [...] garante ficar com essas crianças? [...] eu acho que sim. E a senhora vem sempre por aqui? Não, eu vou pro garimpo com o meu marido. Mas tá eu fiquei. Aí eu burra, uma vez tinha uma menina andando na rua, não é que ela fosse de rua, a mãe dela jogou ela pra rua, [...] aí ela tava ali já ia dar 7 horas da noite, aí ela passou e parou lá na frente de casa, tava sentada eu e as crianças sentada ela disse eu tô com medo, eu disse “medo de quê?” Aí ela pegou disse “de quê?” Eu não tenho onde dormir. E eu achava que eu tava fazendo um bem aí ela pegou e disse assim [...] porque a mamãe me jogou de casa eu queria dormir em algum lugar. Eu não sabia nem maldade nenhuma. Peguei disse ó, não tem problema Socorro, dorme aqui comigo, mas de manhã tu vai te embora. E a moleca mais fofqueira (uma das crianças que ela cuidava) ouviu. Ai ela pegou noutro dia ela escreveu pra mãe dela dizendo que eu tava fazendo a casa dela de cabaré. Ah, aí a Vigica [...] chegou me esculhambou e disse, eu só não lhe bato porque a senhora tá nessa situação [...] Tinha um velhinho lá com a gente, tio dela, parálítico [...] uma mulher solteira assim a Ivone já tinha dito, “mas Bete, tu tem alguma coisa?” Eu digo “não”, “E a Vigica te dá alguma coisa?” eu digo não. Eu vivo pra tomar conta e comer e beber, só isso. “Tu quer ir lá pra casa?” Ah quando ela me disse isso foi ofensa eu digo, mas olha como é que eu tô? Ela disse “Não Bete, eu não quero você pra andar comigo pra ir pra...” nesse tempo tinha cabaré, eu pensei que era pra isso que ela me queria. ela disse não [...]

A Ivone, uma mãe que eu achei em Santarém. [...] ela era lá vizinha, sempre ela ia, era vizinha sabe da mesma rua, ela era mulher solteira, mas sempre ela ia por lá falar com o Seu Pedro, o velhinho parálítico. Gostava de conversar com ele por lá. [...] quando foi pra eu ter nenê, que eu engravidei com 18 pra 19. Com 19 anos eu tive neném. [...] o seu Pedro disse, ah minha filha, [...] vai pra casa dela” e eu disse, “mas ela é mulher solteira seu Pedro. Eu já tava com medo, eu já tinha feito tanta burrice na vida, até grávida tava sem ajuda, mas eu te garanto, com toda sinceridade, que Deus abençoe aquela senhora. Ela foi prostituta, mas uma mãe. Ela disse tu não vai se defender? Eu deixei a menina dormir dentro de casa e a menina é a Socorro, a senhora conhece. Ai foi que ela foi abrandando e disse ai meu Deus, era a Socorro? Eu digo, é. A mãe dela jogou ela de casa? Eu digo: Jogou, e eu dei agasalho, só [...] nem comeu nem nada, dormiu foi na minha rede, eu dormi no sofá. Aí ela terminou de falar me deu uma agonia uma coisa, eu digo eu faço aqui não ganho nenhum centavo, mas nenhum centavo mesmo, nenhuma roupinha ela não me dava. Ai eu peguei e arrumei minha maleta. Fui [com] Dona Ivone, “não quero que chame de Dona, é Ivone meu nome, [...] ela disse Fulano vai buscar a maleta da Bete ali. Ai vi o rapaz que foi buscar a minha maleta. Oh gente, lá eu respirei, eu aspirei, eu vivi. Tudo aquela coisa de Oriximiná de ir lá com o meu irmão com os outros tudo e tal, lá eu vivi. Minha filha nasceu sadia porque eu vivi, entendeu? A Ivone era mulher solteira ia no cabaré aqui era um Copacabana que tinha por aqui, ela ia embora pra lá, mas ela me queria alí porque ela tinha dois filhos, então aquelas crianças ficavam só, quando ela ficava por aqui e ia logo de noite pra casa dela aí quando não ela ia pro poço frio, que era um banho de prostituta, que tinha pralí. Ela ficava pra lá acho que os filhos dela ficavam só. Era por isso que ela me queria. ela abriu um negócio de um boteco e ela disse olha quando não tiver nadinha aqui

tu pode ir lá na taberna e pedir que colocam na minha conta. Ai tá, mas é como eu te falei, vivi bem, bem, até naquele tempo acabou o sofrimento da minha vida todinho. [...] tenho certeza que sim. Aí foi o tempo que ela se amigou também, [...] Ai teve que ir viver a vida dela com outra pessoa em Itaituba e sai. [...] Aí [...] Eu fui me achar com essa Socorro que eu dei, que eu dei o agasalho. [...]

Tá vendo, e se seu não tivesse dado, [...] Dá, tem uma sardinha ali em cima da geladeira, a gente toda vez que eu vejo uma sardinha eu lembro da pira de sardinha porque a Socorro só comia sardinha. Aí eu me achei acuada. A Ivone disse Vamos comigo? Eu disse Não, não. O marido dela eu notei que ele não queria ninguém com ele, [...] Aí eu digo não, vou ficar. Ai eu fui pra casa dessa Socorro, não sei como eu achei a casa dessa Socorro, só sei que fui pra casa dela, mas aí eu sofria também [...] porque ela não tinha, coitada. [...] ela gostava de um rapaz que trabalhava em Curuauna e ele só dava sardinha pra ela (risos). Aí chegou nessa, teve um homem que disse assim “Tu vai cozinhar pra mim? ‘ Eu digo “Eu quero”. Tendo um lugar pra atar uma rede pra mim, pra minha filha eu quero”. Então bora. Aí eu “Socorro, eu já vou”, não sei pra onde mas eu já vou. [...]. Aí eu vim com esse homem era só pra [...] fazer comida pra ele, quando eu cheguei [...] na casa dele “É aqui que eu moro”, era um quartinho, aí eu disse tá. Eu ato uma rede aonde pra minha filha? Ata aí, tu deita aqui na cama comigo. Eu digo, não quero isso não. Eu quero trabalhar, pra [...] ganhar um sustento pra mim e pra minha filha. Ai eu digo tá, espere aí. Peguei a rede da minha filha e fiquei olhando. Tinha uma menina sentada na frente, uma moça, aí eu fui lá com ela, eu digo, tu mora só? Ela disse “não, moro com a minha irmã, ela mora na Terlajuta e eu moro aqui, eu tomo conta da filha dela que é deficiente. Eu digo, não sei pra onde eu vou. Como é teu nome? Rosália? Pois é Rosália, eu não sei pra onde eu vou, o que que eu faço? Ela disse porque tu não vai com esse homem, tu não mora, eu disse não, porque além de fazer comida ele ainda quer que eu durma com ele. Ai ela disse, sabe de uma coisa vem morar pra cá, e eu digo, e a tua irmã? Ah, depois eu digo que tu passou na rua aí nessa situação e ela vai ter que aceitar. Aí eu fui lá morar com a Rosália, foi lá que nós passamos mal. Que ela era solteira, as duas solteiras, mas uma trabalhava, mas trabalhava e ganhava [...] E eu e a menina passava fome, não tinha fogão.. tinha um poço de uma mulher assim que a gente carregava água, mas tudo no escuro mesmo, aí foi sofrido também, um pouco. Deus o livre! Bom demorou tem um tempo, que eu não me lembro o tempo. [...] Ai quando foi um belo dia surgiu uma pessoa, surgiu uma pessoa que foi o jeito eu me prostituir pra poder ganhar dinheiro pra mim e pra minha filha. A minha filha, nessa noite, minha filha torou um pipo, com tanta fome. Ela tinha um ano ou 2 anos. Lá eu não tinha nada. Ai até que um dia a Dalva [...] me chamou [...] No dia da folga dela, e disse minha filha torou um pipo ontem, aonde? Aqui, torou um pipo de fome. Ela disse, Rosália vem cá, porque tu não deu leite pra essa menina fazer pra essa criança? Ela disse assim “Eu não depois tu ia brigar comigo”. Não, pelo amor de Deus, não é assim que a gente vive não. Ai eu já fiz outra besteira, tinha saído assim, o Luciano chegou e me viu assim acho que magrinha, novinha, me levou pra um lugar aí, se lembrou de mim. Eu disse Rosário bora comprar comida pra mim, [...] aí a gente não pode deixar pra Dalva, porque se ela ver ela vai querer saber de onde é que a gente tira dinheiro eu digo mas coitada, ela vem com fome Rosália. Não, não, vamos comer tudinho, que ela vai brigar muito, ela vai te mandar daqui. E eu não queria ir, [...] eu digo aí, então é o jeito, [...] Não fala nada. Aí eu fui logo comprar leite pra minha filha. [...] a menina

comeu bem, aí sei lá, ai por último das conversa todo mundo virou prostituta, todo mundo, tanto a Dalva, como a Rosália e eu.

[...] muita necessidade, até a Dalva coitada, ela tinha um problema sério de útero, eu digo Meu Jesus do céu. Aí ela trabalhava, só que se junta com fome [...] Trabalhava, porque tinha que trabalhar. Ai quando foi um belo dia eu tava lá, aí eu já tinha saído dela [...] não sei nem por onde eu tava, ah eu fui morar com uma outra que morava com a Rosália. Aí a Mailde disse, ela disse, Bete tu quer me acompanhar? Pra onde? Ela disse, eu vou me amigar com uma pessoa. E eu disse eu vou passar fome igual como eu passo aqui? E eu digo, eu não vou não. Ai ela disse não eu vou lhe dar a comida, aí eu disse, tá eu vou. Aí um belo de noite eu lá dormindo eu acordei com aquilo me beijando eu digo “ai pelo amor de Deus” eu rápido virei assim Mailde, cadê o Sarará? Chama Sarará pra ele, cadê ele? Sarará? Aí ele já tinha corrido pra cozinha. Tô aqui? Eu digo “Não, porque tinha um troço aqui me beijando, sei lá que diabo era, acende a luz vê se tem algum outro homem aqui? Eu não pensei que era o Sarará e acordei a mulher, olha bicho nojento, [...] Aí eu “Sará o que é que tu tá fazendo?” Eu tô aqui no banheiro. Mentira filho duma égua, só tava ele lá, não tinha entrado ninguém. Ai eu disse “Ai meu Deus do Céu, assim é difícil”. Aí eu peguei ele já convidou um outro amigo dele, pra ir lá pra casa conversar comigo e tal, aí foi melhorando. Aí eu tava nessa vida, vida de mulher sozinha no mundo aí chegou o avô dessa aqui, mas não é o Raimundo, é o outro, até morreu também. Ai demorou aí uma pessoa me chamou “Bete, porque tu não fica com o Bernardo?” Bernardo é um profissional fica com ele Bete, que a velhice chega, essa vida aí eu disse chega, e aí até hoje não teve nessa vida até hoje, depois de velha. Aí eu tá, fui pra Itaituba com ele aí tá, lá ele tentou estuprar a minha filha, minha filha já sofreu tanto no mundo [...] Um traste desse. Aí eu larguei ele. Larguei ele, fiquei em Santarém, aí eu penso que arrumei um cara legal, quebrei minha cara no asfalto, assim “tcham” quebrei tudinho, com o Raimundo, só vive bêbado e acabou com a vida da Bete.

[Fui pra Itaituba] Morar com o Bernardo, mas eu já vivia com ele muito tempo era um ano e tal vivia com ele [teve a situação da filha e voltou] voltou pra Santarém. Esse (filho), de 33, eu tenho com o Bernardo, a menina não era dele, [...] Aí dois o Cleber, que é o pai dessa e a Kênia. Do Raimundo eu só tenho ela.

[Voltei pra Santarém] Pra minha casa, pra minha casa mesmo, eu já tinha uma casa na época. Porque dessa minha vida que eu andava por aí encontrei um americano abençoado por Deus aí ele queria que eu fosse pros Estados Unidos com ele, aí ele tinha família eu digo, eu não sei falar nem o português direito, imagine inglês. (risos) Eu vou é apanhar pra lá e [...] Aí eu disse, tá eu vou sim. Aí ele me deixou dinheiro pra eu tirar o passaporte, essas coisas. Eu digo os outros homens também me convidaram para viajar só que nunca voltaram, né? Aí eu pensei que o americano não ia voltar, aí eu comprei uma casa no Marechal Rondon, mas graças à Deus. Com esse dinheiro, [...]. Quando foi um belo dia que eu tô sentada lá no sofá o bendito chega, o americano. E aí, ó? Vamos viajar amanhã aí eu contei a verdade. Não tirei meus documentos, e não dá pra ir por causa disso. Aí ele, ó só vim buscar a minha família mcoronga. Aí eu me arrependo muito, mas eu tinha minha mãe, não tinha como ela ficar ali não trabalhava, não era aposentada, com essas coisas agora, [...]. Pois é, aí eu fiquei.

[Conheci o Raimundo com 30 anos] É, é 30? [teve só um filho aí viveram] Essa vida. Ah, nunca [chegou a me bater]. As discussões [...] Quando eu era mais nova, eu ia pros bar

com ele ai tudo bem, mas quando eu não ia. Aí eu comecei a sentir pressão alta aí eu parei da vida, sabe? Com uns 50 anos assim eu acho que eu já comecei a me sentir mal. Eu bebia cerveja com ele, mas não de ficar porre. Ele ficava, mas eu não. Ai quando uma vez eu fui beber me arrepiei o corpo todinho e eu “mas o que eu tenho”, aí eu fui, tinha que ir no médico eu sempre ia em médico mesmo, aí o doutor égua você tá com uma pressão muito alta. Eu digo pressão? O que que é isso? Aí eu fui contar pra ele a minha vida, que eu bebia e tal, aí “Não faz mais isso”, me controlei, [...] Mas bater assim nunca não, graças à Deus. Sempre teve, [carinho e afeto] sempre acho que foi isso que me seguiu mais, sabe? Se fosse só coisa ruim eu acho que eu já tinha, mas ele era muito carinhoso. Agora ele parou de ser DJ, graças a Deus e espero que seja sempre. Aí, quando ele tá muito doidão eu já sei que ele compra, ele compra, põe na mesa e deixa aí

Pesquisadora

E aí, essa questão do envelhecimento, como é que a senhora enfrenta?

Participante B

Eu acho ruim por causa dessas doenças né? Pressão alta, agonia, acho muito ruim, muito desgastante a gente fica debilitada demais. Só isso o meu problema.

Pesquisadora

A senhora acha que essa fase da vida, do envelhecimento, tem algum ponto positivo, alguma coisa boa?

Participante B

Tem, o que a gente passa na vida, põe tudo pra não passar mais.

Pesquisadora

De aprendizado, [...]

Participante B

É.

Pesquisadora

Interessante. Essas coisas, as coisas negativas do envelhecimento, como é que a senhora enfrenta essas coisas?

Participante B

Paciência, paciência, muita paciência. Procuo tudo pra não alterar mais do que está. Aí vou vivendo.

Pesquisadora

A senhora não, a senhora não o que, o que não dá pra senhora mudar a senhora deixa como está com paciência, vê com paciência. Durante toda a sua vida, a senhora me contou inúmeras situações, [...] Idas e vindas, [...] Aí eu lhe pergunto uma coisa, como é que a senhora procurava enfrentar esses problemas que apareciam? Porque era assim [...] Hoje a

senhora tinha onde ficar e, de repente, daqui há uma semana não tinha mais, [...] E como é que a senhora tinha essa.

Participante B

Agora eu te digo uma coisa não é, por a gente ser acho que novo, a gente não sabe nem o problema que tá sentindo, tá passando, entende? Passa por passar, vai embora, querendo um dia melhor, às vezes não tem, às vezes é de encontro, porque quando eu vim de Oriximiná eu vim sem nada, aí eu pensei, e agora? Eu tenho que encontrar um meio de pelo menos comer com essa criança, [...] Aí comia, eu tinha, [...] Lavava a roupa dos outros, ia pro rio lavar as roupas, minha filha ficava nessa casa do lado da vila que eu te falei, [...] Aí é assim mesmo que eu ia vivendo.

Pesquisadora

E me diz uma coisa Dona Bete. A senhora em nenhum momento, nesse momento de dificuldade, a senhora pensou em dar a sua filha pra alguém? Em algum momento passou isso pela sua cabeça?

Participante B

Passou, passou uma vez só, mas aí eu tinha medo do estupro, quando ela pequena, [...] Eu digo, e, não é pai dela essa pessoa, a pessoa que eu pensei em dar, [...] Não é pai, vamos que ele queria pra ele, aí eu tirava da cabeça, ou eu ia vivendo aí.

Pesquisadora

A senhora tinha essa preocupação ainda de ela ser maltratada?

Participante B

Tinha. Mas eu tinha certeza, quase certeza que não, mas a gente acaba com um pezinho atrás [...]

Pesquisadora

Mas a senhora chegou a ver alguma situação dessa na sua infância?

Participante B

Não, mas eu tinha medo. É só mesmo, eu mesmo que tinha medo.

Pesquisadora

A senhora disse que atualmente tá na religião evangélica, [...] Durante a sua vida a religião teve algum papel assim importante ou sempre foi uma coisa que quando dava a senhora ia, em alguns momentos?

Participante B

Não, teve importância é importante sim, porque a gente aprende a orar. E coisa que era desespero e eu não sabia. E ia pra igreja por ir aí e comecei a aprender e parece que na oração alivia os sofrimentos da gente, entendeu? Eu quando chego na igreja e tô com uns

problemas eu converso com o pastor as coisas, as vezes com a obreira, aí eles fazem oração em você e tem a calma, frequento sempre, tudo certo.

Pesquisadora

Mas, no antes, [...] Isso acontecia?

Participante B

Não.

Pesquisadora

É uma coisa mais, de agora mais recente, [...] Qual é o papel da sua família, na sua vida hoje, [...] dos seus filhos. Como, que papel a sua família tem na sua vida.

Participante B

Bom, agora eu acho que, eu queria tudo junto de mim, né? Sabe assim próximo, pra ter uma família, mas infelizmente eu não tive essa família, com a mãe dessa menina morando aqui atrás, ela era horrível pra esses meninos, ela não, a mãe.

Pesquisadora

Quem era, qual é o nome dela?

Participante B

Vanderlinei

Pesquisadora

É essa primeira a sua, a sua primeira, a mais velha?

Participante B

Não, é a minha nora.

Pesquisadora

Ah tá, Ela é filha do seu filho,

Participante B

Aí é muito desgastante, agora eu tô mais, depois que eu fui pro CRAS, parece que abriu as portas, Deus disse assim "Ai, aqui tem a porta aberta, entra que dá certo". Depois do CRAS eu tô calma. Eu soube aguentar dela, me chama de bruxa, essa velha, diz ela, aquela velha vai te explorar trabalhando dentro dessa casa. Eu já fui entrar, já voltei

Pesquisadora

Ela mora aqui atrás é?

Participante B

Ela morava, graças à Deus, foi embora, ai eu disse assim, olha Bete, a tua mãe falou tão bom que eu te explorasse, menos pra ti limpar a casa, mas é, depois do CRAS eu tô bem.

Pesquisadora

E a Senhora, o que, eu ia chegar nesse assunto, o que que o CRAS lhe ajudou, como é que foi? Desde quando a senhora participa do CRAS?

Participante B

Eu vou fazer uma ano aqui em setembro

Pesquisadora

Mas, no que assim concretamente que ele lhe ajudou dona Bete?

Participante B

Em sobreviver, sorrir, conversar, não choro por qualquer coisa. Antes eu ficava desesperada, corria pra Igreja pra conversar. O CRAS não, o CRAS me abriu as portas, eu quero o quê mais? Tem aquela Zileide, [...] Que atende, tem a Luzimar, ixi. E os outros lá tudinho a Alessandra, o pessoal, é muito bom.

Pesquisadora

A senhora sente mais fortalecida.

Participante B

Hiiii, i muito, ainda mais agora que eu tô fazendo até, como é?

Pesquisadora

Fuxico? Não, informática? Tá fazendo informática? Ahhhh mas que legal!

Participante B

(risos) Pois é menina, tá sendo legal. O Alexandrinho que é o professor, [...] Hi, tá muito bom, depois que eu conheci o CRAS

Pesquisadora

Mas assim o CRAS lhe ajuda? Lhe ocupa, né, de certa forma? E a senhora sente o quê? Que ta aprendendo coisas novas?

Participante B

Tô aprendendo tudo. O que eles fazem a gente aprende, olha o que eu já fiz, lá pra minha vizinha. Ela me deu isso aqui, pra eu fazer o fuxico, eu vou te amostrar, vou te amostrar, Olha, fizemos uma flor, eu vou continuar fazendo ela.

Pesquisadora

Olha que bacana, dá pra ser um broche, né? É um broche, muito bonito, é um broche. Que bacana, muito bonito e com retalho, né?

Participante B

A gente pode fazer menor pra fazer tiara, [...] tudo com retalhinho, por isso que eu fui lá na casa dela que é costureira e peguei esses aí.

Pesquisadora

Ótimo, muito bom, muito legal.

Participante B

Tá o fuxico, que é aquele que tá lá em cima da... Pois é, nós fazemos outras coisas, pintura, tudo

Pesquisadora

Como é o seu relacionamento hoje om os seus filhos assim

Participante B

Bom, eu tive altos e baixos com um filho, Desielton, [...] Agora não, acho que é por isso que assim ele se sente afastado assim de casa, pelo que ele fez, tá? Mas graças a Deus agora ele entra, ele vem, quando é hora do almoço eu ligo pra ele pra perguntar se tem comer, ele manda buscar, quando não ele mesmo vem, agora tá bom. Com toda a minha família agora tá bom.tá bom mesmo, tá ótimo, graças a Deus.

Pesquisadora

Agora pra uma fase tranquila assim da sua vida, [...]

Participante B

Graças à Deus, mas ainda falta muita coisa pra melhorar.

Pesquisadora

Mas tá chegando, [...] Faz menos de um mês, por isso que digo, vá ver logo essa questão de documentos do que precisa, porque aí

Participante B

Que documentos?

Pesquisadora

Pois é, o assistente social vai lhe dizer com toda certeza. De repente eu não sei se já pode, [...] Mas como esse negócio de INSS tem que agendar o dia lá, [...] Pode ser que de repente pode ser já que ela já possa agendar mesmo. Isso eu não sei se é assim mesmo. Pode ser que já possa agendar mesmo antes da senhora completar idade, porque aí agenda já pra quando a senhora completar a idade, [...] Aí a senhora já vai poder ir. Pois é, Dona Bete, eu acho que a senhora respondeu tudo que eu precisava, [...] Hoje em dia como é que a senhora procura enfrentar as dificuldades? Hoje em dia assim, esses seus problemas do dia a dia como é que a senhora enfrenta?

Participante B

Numa boa. porque

Pesquisadora

Como é que a senhora procurar enfrentar hoje as dificuldades assim?

Participante B

Não deixo, mão tenho mais aquela agonia e se hoje num der de um jeito, amanhã

Pesquisadora

Certo, então hoje a senhora já procura ter mais tranquilidade, [...] O que não dá pra fazer, não faz, o que dá pra fazer, faz

Participante B

Tranquilidade. Tudo tranquilo agora.

3. Fatos recentes – CRAS & Velhice

Atualmente E.B.R leva uma vida de muita dificuldade financeira e de problemas familiares. Não tem muito contato com os filhos, portanto sua rede de apoio se resume mais ao CRAS. Relatou que o CRAS a ajuda bastante, pois vem aprendendo coisas que não sabia e nem imaginava que fosse aprender, como as aulas de informática e de artesanato.

Procura viver essa fase da sua vida com paciência, sem se preocupar com as doenças e com as coisas que ela não pode resolver. Considera o CRAS como uma grande ajuda, pois é um local que lhe proporciona muito aprendizado e lhe faz bem.

III. Síntese das fases importantes das participantes:

Ao comparar as duas histórias de vida das entrevistadas é possível perceber que ambas enfrentaram inúmeras adversidades ao longo da vida, desde a infância até a vida adulta, e ao próprio envelhecimento. Algumas até em comum, como o fato de terem passado por situações de violência, relacionamento com companheiros alcoólatras, porém por uma série de fatores enfrentaram cada situação de uma forma diferente.

QUADRO 2 – Fatos da história de vida das duas participantes que fazem parte do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – em um CRAS/Santarém-Pa.

* Fatos da vida	M.D.A	E.B.R
1. Infância & Adolescência	A minha infância foi comum, a gente morava no interior [...], era lá no Pindobal – interior de Santarém, meu pai era funcionário de lá da Ministério da Agricultura, que eu me lembro pra mim uma infância muito boa (determinante para outras questões como não trabalhar, pai incentivava os estudos)	E.B.R teve uma infância de muito sofrimento, em que desde os 10 foi morar em “casa de família”. Morou em 3 casas de família: na primeira saiu por não ter se adaptado, na segunda foi agredida brutalmente pela patroa e na terceira foi expulsa por ter roubado 0,50 centavos. Posteriormente foi violentada pelo companheiro da terceira patroa, já na sua cidade de origem.
2. Idade adulta/Profissão	Devido dificuldades no casamento, começou a buscar uma profissão que a ajudasse a sair do casamento complicado. Principiou em Hospital de Freiras (inicialmente como aprendiz, depois foi contratada); foi em busca de um melhor salário em uma empresa de mineração; retornou para Santarém alguns anos depois por problemas familiares com o filho (sua família foi expulsa da vila onde residiam os funcionários); mudou-se para Belém em busca de melhores condições e por fim foi em busca de emprego no Cadam (lá atuou durante 11 anos até a aposentadoria).	Após ficar grávida mudou-se para Santarém (residia no interior) para melhorar suas condições de vida. Porém sofreu bastante, passou fome com a filha, trabalhou em várias casas para garantir alimentação e moradia. Chegou um período que não aguentando mais, começou a prostituir-se para dar o seu sustento e da filha.
3. Casamento	Teve um casamento tumultuado, casou-se sem conhecer o marido (o que era comum em muitos casos na época), passou necessidade por conta do vício do marido, que também a agredia. Foi quando decidiu que não queria esta vida para os filhos e fo buscou autonomia pelo trabalho. Teve dois relacionamentos posteriores sendo o último seu atual companheiro.	O primeiro casamento que teve foi com o objetivo de ter mais segurança, era um homem que já tinha um emprego e aparentava ser uma boa pessoa. No entanto o mesmo violentou a sua única filha na época (fruto do estupro na sua adolescência). Depois separou-se, e casou-se novamente com o seu atual marido.

Fonte: DOS ANJOS, M.D. Pesquisa de Campo. PPGSS/ICSA/UFGA, 2014

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 As Contribuições do CRAS como instituição resiliente

De acordo com a Resolução nº 109, o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos deve contribuir com:

[...] processo de envelhecimento ativo, saudável e autônomo; assegurar espaço de encontro para os idosos e encontros intergeracionais de modo a promover a sua convivência familiar e comunitária; detectar necessidades e motivações e desenvolver potencialidades e capacidades para novos projetos de vida; propiciar vivências que valorizam as experiências e que estimulem e potencializem a condição de escolher e decidir” (BRASIL, 2009, p. 13).

No que se refere às atividades realizadas com o grupo de idosos do CRAS em questão foi possível identificar que estas contribuem com os objetivos proposto pela Política de Assistência para o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. O Quadro 1, que mostra a rotina dos idosos no serviço, onde fazem parte palestras, eventos comemorativos, oficinas, dinâmicas, todos com o intuito de favorecer o envelhecimento saudável.

No caso das palestras cujas temáticas foram “drogas, estatuto do idoso e alterações do sono”, pode-se ressaltar que temas como este ajudam os idosos a lidarem com suas realidades no dia-a-dia, seja na busca da garantia dos seus direitos como também com as suas realidades familiares e pessoais, o que contribui diretamente com o seu processo de resiliência, já que desenvolvem potencialidades para garantir um envelhecimento saudável de modo a modificar suas realidades, quando estas representam um risco.

Dentro da rotina mostrada também estão presentes eventos comemorativos (Páscoa, Carnaval, e aniversariante do mês), o que reflete a importância de momentos de socialização, de lazer, de interação também com os familiares. São momentos que ajudam na autoestima do idoso, na ressignificação do envelhecimento quanto à diversão e ao fazer coisas novas, como foi o caso de idosos que ressaltaram nunca terem participado de um baile de carnaval.

O CRAS também contribui com um espaço onde os idosos sentem-se a vontade para propor coisas novas, para viver coisas novas. O que é muito importante nesta fase da vida em que se encontram, pois desta forma podem ir enfrentando as adversidades consequentes do envelhecimento superando e saindo fortalecidos das situações que ocorrerem.

Assim o CRAS como instituição resiliente promove através das suas ações e da equipe de trabalho, que é fundamental neste processo, já que incentiva, estimula, elogia, contribuindo assim com o envelhecimento saudável e com o processo resiliente nesta etapa da vida.

5.2 Nível de resiliência das participantes da pesquisa

A Escala de Resiliência foi construída com o objetivo de reunir em um mesmo instrumento pontos importantes que favoreçam atitudes resilientes frente as adversidades da vida. Porém é importante ressaltar que pontuar positivamente ou não em tais situações não significa que o sujeito seja considerado resiliente. Para Rutter, (1987 apud PESCE et al., 2004) a resiliência não é uma característica fixa de uma pessoa, portanto não existem pessoas resilientes de forma geral, e sim pessoas que reagem de forma resiliente em determinadas situações. Daí a importância de não rotular as participantes.

A pontuação obtida com a aplicação da escala de resiliência, mostrou que as duas idosas obtiveram resultado significativo na pontuação da escala. No que se refere aos itens da escala da M.D.A, ela concordou com praticamente 100% dos itens, a mesma discordou de dois itens: do fato de ser capaz de lidar com várias coisas ao mesmo tempo e de pensar sobre os objetivos das coisas antes de realizá-las.

No caso da E.B.R o número de discordâncias foi maior, a mesma admite ter dificuldade em lidar com os seus problemas, em aceitar as coisas sem muita preocupação, em lidar com várias coisas ao mesmo tempo, em ser determinada, em fazer as coisas um dia de cada vez, em ser disciplinada, em acreditar em si mesma, em olhar para uma mesma situação de diversas maneiras e em ter energia para realizar as coisas que precisa fazer.

De acordo com Assis, Pesce e Avanci (2006) a resiliência é um processo que não nasce com o sujeito e que não é algo adquirido de fora para dentro. Portanto, não é algo imutável, é um processo que é construído ao longo da vida, e que após a elaboração dos conflitos pode-se manter saudável. No caso das participantes da pesquisa, a entrevista servirá para compreender de que forma este processo se realizou ao longo da vida delas, se em algum momento da vida foram resilientes e como esta resiliência se dá no envelhecimento.

5.2.1 Os fatores socioeconômicos na história de vida das entrevistadas e sua relação com a resiliência

Ribeiro (2006) faz uma reflexão importante em sua produção acerca da resiliência humana não estar relacionada apenas às situações irreversíveis, mas também com situações reversíveis. Deste modo, existem situações que o homem não tem como reverter, enquanto existem outras que podem, portanto são reversíveis. A autora destaca ainda que as adversidades decorrentes da não garantia dos direitos humanos podem ser revertidas, portanto enfrentadas, superadas e transformadas e que quando o indivíduo aceita e se adapta, o mesmo se resigna e não é portanto, resiliente.

Levando-se em consideração este aspecto, sobre a forma de lidar com os fatores sociais é fundamental destaca-los na história de vida das entrevistadas, pois as mesmas se depararam com inúmeras situações onde em algumas se resignaram e em outras foram resilientes na busca da transformação.

A participante M.D.A deparou-se com a pobreza, alcoolismo e violência doméstica sobretudo. Porém diante desta realidade foi em busca da transformação, mesmo que para isso tivesse que se arriscar, indo em busca de oportunidades criadas por ela mesma. A mesma também não se conformou em permanecer em uma realidade onde muitas mulheres se submetiam a esta condição. A própria entrevistada relatou que não sabia fazer nada, porém foi em busca e conseguiu transformar a sua realidade.

No caso da E.B.R as situações sociais que permearam a sua história de vida foram extremamente impactantes, como o trabalho infantil, a pobreza, a violência sexual, a violência física, a violência psicológica e a prostituição.

Desta forma, foram fatores de risco que sempre estiveram presentes na vida da participante, a mesma quando criança não tinha quem a protegesse e nem desenvolveu características individuais para combater estes fatores de risco, à medida que foi crescendo foi se adaptando à realidade. Ao sair da sua cidade de origem o seu objetivo era garantir moradia e alimentação para ela e para a filha, ao começar a se prostituir seu argumento foi o mesmo, dar moradia e o que comer a filha. A mesma morou em vários locais, sempre de “favor”, o que mostra que não pensava em enfrentar as situações, apenas em se adaptar e sobreviver.

É importante ressaltar que os fatores acima citados por mais negativos que sejam não significam que sempre se constituirão em fatores de risco para o indivíduo, pois se leva em consideração os fatores de proteção presentes e que fazem parte daquele indivíduo, como rede de apoio, características individuais (determinação, autoestima, fé, responsabilidade), suporte social (Igreja, escola).

No caso de E.B.A a mesma tinha uma carência significativa como é possível perceber na sua história de vida, o que dificultou no seu processo de resiliência. No entanto como foi destacado a resiliência não é estática, o que mostra que ainda que a entrevistada tenha passado por tudo isso, vem apresentando atitudes resilientes frente ao envelhecimento, ressaltando assim o papel do CRAS neste processo.

5.2.2 Fatores de risco e fatores de proteção: o papel das instituições como fator protetivo e/ou risco

De acordo com Szymanski e Yunes (2001, apud TAVARES, 2001, p. 24) “fatores de risco relacionam-se com toda sorte de eventos negativos de vida, e que, quando presentes aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar problemas físicos, sociais e emocionais”. Levando-se em consideração este conceito e os dados coletados na história de vida das participantes foi possível detectar inúmeros fatores de risco na vida de M.D.A e E.B.R. Porém é importante ressaltar que cada uma das entrevistadas enfrentava tais adversidades de forma diferente.

As instituições tiveram papel fundamental ao longo deste processo, seja como caráter protetivo ou de risco. Ao fazer uma comparação entre as duas histórias de vida, foi possível perceber que: família, a escola, o casamento e o CRAS foram importantes para contribuir ou não com o processo de resiliência.

A história de vida de M.D.A mostra que em alguns momentos, diante das adversidades, a mesma conseguiu ser resiliente por vários motivos. Assim como E.B.R também teve inúmeras adversidades e apresentou dificuldades para superá-las. Segue abaixo um quadro que mostra alguns fatores importantes e que significaram fatores protetivos ou de risco:

Quadro 3 – As instituições como fatores de risco ou proteção na história de vida das entrevistadas (M.D.A)

Nº	Instituição relacionada	Fator (M.D.A)	Fator de risco/proteção
1	Escola/Família	Sempre teve o apoio do pai para estudar, quando criança/adolescente não precisava trabalhar.	Fator de proteção
2	Família	Quando precisou de alguém para cuidar dos seus filhos por conta de um emprego em outra cidade teve ajuda do pai.	Fator de proteção
3	Casamento	Teve um casamento difícil, em virtude dos hábitos do companheiro, que não assumia suas responsabilidades.	Fator de risco
4	CRAS	Espaço onde pode compartilhar sua experiência como técnica de enfermagem/ de troca/ de aprendizado/ diversão	Fator de proteção

Fonte: DOS ANJOS, M.D. Pesquisa de Campo. PPGSS/ICSA/UFGA, 2014

No caso de M.D.A pode-se concluir que de um modo geral as instituições citadas foram importantes como fatores protetores, pois a ajudaram a ser resiliente quando foi necessário. A mesma teve muitos problemas durante o seu casamento, por conta do esposo não querer trabalhar e utilizar todo o dinheiro que tinham para comprar bebida, porém com o apoio da família pode arranjar um local para mudar quando voltou da cidade em que estava com a família, e quando precisou assumir a família (já que o marido era alcoólatra) teve o apoio do pai e da mãe para cuidar dos filhos. Quando M.D.A precisou mudar-se de cidade para ter um emprego melhor teve total apoio do pai. Este foi um momento crucial na sua história de vida, ainda que mais para frente à mesma tenha precisado construir tudo de novo, pois por conta de problemas com o filho adolescente precisou sair do seu emprego.

No caso da E.B.R. é possível concluir que as instituições também foram fundamentais na sua forma de lidar com as adversidades. Segue abaixo uma tabela

ilustrativa que mostra sucintamente a relação de algumas instituições com a sua história de vida:

Quadro 4 – As instituições como fatores de risco ou proteção na história de vida das entrevistadas (E.B.R)

Nº	Instituição relacionada	Fato (E.B.R)	Fator de risco/proteção
1	Escola/Família	Precisou parar de estudar aos 10 anos para ser criada em uma casa de família, pois a mãe não tinha condições de cria-la. O pai pouco tempo depois faleceu.	Fator de risco
2	Família	Ao retornar para a casa, pois não se adaptou em Belém, encontrou a situação da mãe ainda pior, portanto foi morar com outra família (onde foi agredida, violentada). Precisou se prostituir para dar o que comer a filha.	Fator de risco
3	Casamento	No seu 1º casamento o marido tentou estuprar a sua filha e no 2º casou-se com uma pessoa trabalhadora, mas que era alcoólatra e que tinha problema com os filhos.	Fator de risco
4	CRAS	É um espaço onde se distrai e tem a oportunidade de aprender coisas novas. Contribui com o envelhecimento saudável.	Fator de proteção

Fonte: DOS ANJOS, M.D. Pesquisa de Campo. PPGSS/ICSA/UFPA,2014

A partir das informações coletadas com a história de vida de E.B.R pode-se concluir que o papel das instituições interferiram de alguma forma com a realidade de sofrimento na vida da entrevistada. A mesma desde criança que apresenta carência nos seus fatores protetivos, ficando assim mais suscetível aos problemas físicos, sociais e emocionais.

Deste modo, o processo de resiliência não ocorreu em vários momentos, o que se observava era uma tentativa da idosa se adaptar as adversidades, embora ela tenha saído da sua cidade de origem em busca de algo melhor para a sua filha, porém não conseguiu superar as adversidades como um todo, pois não tinha uma estrutura protetiva, era carente tanto dos fatores de proteção internos como dos externos.

É válido destacar que ainda com uma história de vida de sofrimento, o papel do CRAS na vida da participante é de fundamental importância para o seu desenvolvimento, haja vista que continua aprendendo novas coisas, procura se impor mais nas relações conflituosas com o marido, filhos e netos.

5.2.3. Adversidades ao longo da vida: formas de enfrentamento

A resiliência implica em administrar as adversidades, reconhecendo o seu potencial de risco, porém sem deixar de movimentar-se para enfrentá-las diante das situações.

Os riscos contribuem para que o ser humano potencialize negativamente a vulnerabilidade (PESCE et al., 2004), portanto frente às adversidades os fatores de proteção se manifestam para que o indivíduo possa reagir, neutralizando assim os riscos.

A partir da história de vida de cada uma das entrevistadas, detectou-se algumas adversidades que ambas precisaram enfrentar ao longo das suas vidas. No caso da M.D.A, a mesma ao se casar se deu conta de que as coisas não ocorreram da forma que a mesma imaginava, e nesse momento instalou-se uma situação difícil, mas que a mesma por um processo de resiliência.

[...] olha eu passei foi uma semana sem comer. Viu, então eu disse não, nessa época eu peguei disse não, eu quero ter uma vida melhor pros meus filhos. Aí sempre eu conversava, chorava, sentava, conversava dizia pra ele mudar, ele dizia que ia mudar, mas ele nunca mudou. Aí teve um dia que eu disse não. Aí eu pensava assim, no dia que eu arranjar um emprego, eu vou deixar ele e vou cuidar dos meus filhos.

Na fala acima da M.D.A é possível perceber que a mesma faz uso dos seus fatores de proteção interno (determinação) para ir em busca de algo melhor. A mesma também tem o apoio da família que a ajudou nesse processo (atuando como fator de proteção externo). A resiliência de acordo com a literatura é portanto resultado do indivíduo, ambiente familiar, social e cultural (RUTTER, 1987 apud PESCE et al., 2004).

Em uma das suas falas ela ressalta a ajuda que obteve do pai:

[...] e aí eu vim, quando eu cheguei pra cá meu pai fez uma casinha pra mim, no fundo de um quintal dele, aí lá eu disse agora eu vou ver se eu consigo um trabalho.

Em outra situação M.D.A relatou que o pai se prontificou a ficar com os seus filhos para que ela fosse trabalhar em outra cidade.

M.D.A foi em busca de melhorias na sua vida, para sair da situação em que se encontrava, portanto estava disposta a aprender algo novo e a recomeçar a sua vida. A mesma procurou ser paciente, pois sabia que não seria fácil. Referindo-se ao trabalho ressalta:

[...] é por isso que eu falo hoje, a gente tem valorizar, a gente tem que começar de degrau em degrau que é pra valorizar o seu trabalho o seu, [...] o seu emprego, porque se você chegar logo lá no topo, eu acho que essa pessoa é muito difícil valorizar. Então, eu comecei assim, o que a gente fazia? Limpava chão, lavava os materiais, e tirava a roupa da sala de parto e limpava, fazia a limpeza, mas estudava, mas ganhava, pra mim o importante era ter o dinheiro, e eu me sustentar, aí a gente trabalhava de 6 [...] até meio dia. De meio dia até 1 hora era aula e a gente não podia faltar.

Deste modo, M.D.A passou por uma situação de vida estressante, porém saiu transformada por ela. Encontrou não só um emprego, mas foi em busca de melhorias para os seus filhos. E ao identificar que o marido não estava ajudando naquilo que estava determinada a realizar separou-se dele. Portanto, ser resiliente, nessa situação ia além de conseguir um emprego, mas de mudar a sua postura diante do marido e da vida que ela tinha, pois a mesma almejava algo diferente para os seus filhos.

No caso da E.B.R, a mesma teve uma infância permeada de adversidades, de modo que não possuía muitos fatores de proteção, tanto externo como interno. A mesma morou em várias casas quando criança, sempre trabalhando e sendo submetida a alguns maus tratos, físicos e verbais.

Cyrułnik (2004) reforça que a resiliência é um processo de superação que se dá no encontro com o outro. O autor ressalta que a resiliência não é apenas um processo de adaptação. Ele considera que ser resiliente vai além do que voltar ao estado anterior à situação traumática, é necessário elaborar novos caminhos, de modo à ressignificar o sofrimento em direção ao crescimento.

No caso de E.B.A, a mesma esteve diante de situações adversas, em que nem sempre adotava uma postura de superação, até porque não tinha muitos fatores de proteção (família, religião, amigos, determinação), o que fica claro nas falas abaixo:

[...] Voltei pra Oriximiná; [...] Pra casa da minha mãe aí foi a pior coisa que eu fiz...; se referindo a mãe - Porque ela era muito desmiolada.

Outro trecho é quando a participante E.B.R resolve ir embora da sua cidade para Santarém para criar a filha (fruto de um estupro) e conseguir trabalho:

Ele pensou que tinha alguém aqui né (falou que estava vindo a passeio para Santarém, mas que retornaria para Oriximiná). Foi então que eu fui e na hora do barco ir embora (voltando para a sua cidade), fiquei olhando o barco ir e pensando o quê que eu ia fazer. Porque não tinha ninguém em Santarém.

A partir do posicionamento de E.B.R pode constituir-se um questionamento, o fato da mesma resolver ir para Santarém em busca de melhores condições de vida não a fazem uma pessoa resiliente?

Grotberg (2005) considera resiliência como sendo “A capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade” Levando-se em conta tal conceito de enfrentamento, fortalecimento e superação pode-se dizer que a mesma enfrentou a situação, no sentido de não ficar acomodada, porém não foi em busca dos seus direitos, adotou um comportamento de “fuga”, o que a fez passar por muitas situações de humilhação, de pobreza, de violência.

Diante das duas entrevistadas é possível perceber o posicionamento das frente às adversidades é diferente, o que corrobora com a literatura quando diz que o que pode ser risco para um, pode não ser para o outro, pois se deve levar em consideração o contexto e tudo que o cerca.

No caso de M.D.A e E.B.R ambas se envolveram com maridos alcoólatras, porém M.D.A lutou para mudar a situação pensando nos filhos, enquanto que E.B.R resistiu a situação, adotando um comportamento de adaptação positiva, portanto não resiliente. E assim a mesma reagiu em várias outras situações diferentes da sua vida.

Mas e quanto ao envelhecimento? O questionamento é, de que forma ser resiliente frente a uma fase da vida que gera inúmeras perdas?

5.2.4. Envelhecimento e resiliência

A literatura destaca que as perdas que ocorrem durante o envelhecimento não são uma barreira que impedem a continuidade do funcionamento cognitivo e

emocional, portanto, o idoso pode ativar mecanismos compensatórios para lidar com essas perdas e a resiliência vem contribuir com o idoso no processo de adaptação a processos irreversíveis oriundos da velhice, mas também de superação frente às perdas e ganhos.

De acordo com os resultados da pesquisa, ambas as entrevistadas demonstram encarar o envelhecimento como uma fase que ainda permite o desenvolvimento e crescimento enquanto seres humanos, de modo que ainda é possível aprender coisas novas.

No caso da E.B.R é mais visível ainda a sua satisfação em poder aprender coisas que nunca teve acesso (como a informática) e artesanato, em uma das falas da participante é possível perceber a sua empolgação:

Tô aprendendo tudo. O que eles fazem a gente aprende, olha o que eu já fiz, lá pra minha vizinha...Ela me deu isso aqui, pra eu fazer o fuxico, eu vou te amostrar, vou te amostrar, Olha, fizemos uma flor, eu vou continuar fazendo ela.

O trecho acima mostra uma atitude resiliente frente a um momento da vida que muitas vezes é de “estagnação”, porém E.B.R o vem encarando com o olhar de superação, sem resignar-se, mas adotando uma postura ativa. O que contribui com a perspectiva *life span* do desenvolvimento, que considera que a pessoa desenvolve-se ao longo de toda a vida.

Outra questão interessante é com relação ao sentir-se útil e dar um novo sentido a sua condição de aposentado, pois de acordo com a literatura o ageísmo pode estar presente muitas vezes na sociedade, que é considerado um preconceito para com a pessoa idosa, em que a velhice é vista como incapacidade, decadência e exclusão social.

A Sr^a M.D.A demonstrou com as suas atitudes a forma de lidar com tal preconceito que pode vir a contribuir com um fator de risco para esta população, no caso a mesma encontrou no CRAS uma forma de continuar exercendo parte da sua profissão, pois sentia muita falta de trabalhar já que o trabalho sempre teve uma importância muito grande ao longo da sua vida, o que a fez encontrar uma forma de sentir-se útil e bem por fazer o que gosta. Na fala abaixo é possível perceber:

Eu gosto. Eu venho mais assim, que é pra mim é, ter contato com as pessoas, né? E, e também pra ajudar a dar um pouco de mim em, por exemplo, é verificando a pressão. É cuidando, quando eu encontro elas pela rua eu “Ei, já tomou teu remédio?” Eu fico assim em cima, entendeu? Então pra mim é muito bom porque é o único programa que eu participo.

As falas das idosas mostram querer viver, e que embora existam os fatores de risco presentes no envelhecimento, inúmeros são os fatores de proteção na sociedade que podem diminuir o sofrimento ocasionado por tais fatores e os Centros de Referência de Assistência Social contribuem positivamente com o envelhecimento saudável.

5.2.5 CRAS X Resiliência

De acordo com a literatura (TAVARES, 2001) a resiliência não deve ser apenas uma atributo individual, mas que é possível encontrar como característica presente nas instituições/organizações, portanto, as instituições podem ser resilientes e contribuir com a resiliência das pessoas que frequentam aquele local/espço.

No caso dos Centros de Referência e Assistência Social, mais especificamente o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, este tem como um dos seus objetivos promover um espaço, contribuir com o desenvolvimento humano e que tem como objetivo prevenir situações de riscos por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.

Diante deste referencial teórico é importante destacar dois aspectos, tanto o que foi observado nos grupos e por meio das conversas com a coordenação do serviço, como também a opinião das idosas que frequentam o serviço.

No caso das atividades realizadas pelo serviço, observou-se que através das palestras, dos cursos e das atividades festivas, o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo procura promover um espaço de interação entre idosos, incentiva palestras que possam ir contra o ageísmo da sociedade, fortalecendo os mesmos quanto aos seus direitos e deveres.

No que se refere ao suporte social, Cyrulnik reforça que a resiliência é um processo de superação que é possível a partir do encontro com o outro, é resultado da relação entre fatores pessoais, ambientais, institucionais e sociais. Deste modo as redes de apoio, o suporte social promove este encontro com o outro que contribui com o desenvolvimento da “capacidade” de enfrentar as adversidades.

Quanto às idosas, ambas ressaltaram o quanto o CRAS lhes promove sensação de bem estar e qualidade de vida, através das palestras, cursos e dos próprios relacionamentos. No caso da E.B.R, a mesma relatou em que o CRAS contribuía com a sua vida:

Em sobreviver, sorrir, conversar, não choro por qualquer coisa. Antes eu ficava desesperada, corria pra Igreja pra conversar. O CRAS não, o CRAS me abriu as portas, eu quero o quê mais? Tem aquela Zileide, né? Que atende, tem a Luzimar, ixi. E os outros lá tudinho a Alessandra, o pessoal, é muito bom.

Quanto a M.D.A a mesma diz:

As vezes eu tô lá e digo. “É, porque eu não vou hoje?” Ai eu venho, não custa nada; A eu venho, mas assim sempre a gente se sente tão bem quando a gente vem né? [...] E também só de ver as minhas colegas todas sorrindo, né? Cantando, a gente vê que é muito bom. É um momento de, união, de, de encontro... É muito bom, muito bom!

O CRAS neste sentido contribui diretamente com a resiliência das idosas, favorecendo o desenvolvimento de fatores de proteção tanto internos como externos.

6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa objetivou compreender de que forma a resiliência ocorre nos entrevistados. Os resultados mostraram que resiliência, CRAS e envelhecimento são variáveis que se inter-relacionam e que mostram a importância de serem estudadas com mais frequência, haja vista que a maior parte dos estudos acerca da resiliência são na área da criança e do adolescente, daí a importância de cada vez mais estudos nessa área.

Retomando o questionamento realizado no início desta pesquisa quanto ao fato dos idosos que participam do grupo dos idosos demonstrarem atitudes resilientes, porém nem sempre o são, pois em muitos casos apenas se adaptam a situações adversas na família e utilizam os CRAS como fuga. No caso de uma das entrevistadas foi possível ver que a mesma não era resiliente quando se tratava dos relacionamentos familiares, deste modo é importante que o CRAS atue sobre os fatores de proteção, para contribuir com o envelhecimento saudável.

Desta forma, pode-se colaborar com a Proteção Básica, sugerindo ações que favoreçam a resiliência e não a adaptação frente às situações reversíveis. Portanto, estudos desta temática podem compreender melhor o idoso, com os seus ganhos e perdas, de modo a favorecer as ressignificações das adversidades e estimular os fatores de proteção internos e externos.

Este estudo concluiu ainda, como já era esperado, que a resiliência contribui positivamente com o envelhecimento saudável. Tal contribuição ocorre à medida que os fatores de proteção vão sendo desenvolvidos. E o CRAS através do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos é um espaço que promove o desenvolvimento de fatores de proteção, através da rede de apoio, do conhecimento obtido com as palestras, da estimulação da autoestima, do autoconhecimento.

Estudos acerca do envelhecimento sempre são importantes, pois os fatores de risco presentes na sociedade interferem na qualidade de vida de idosos, daí a necessidade de estimular fatores de proteção frente ao envelhecimento, quando este é visto de forma negativa, onde as perdas e o ageísmo sobressaem-se aos ganhos adquiridos com o envelhecimento.

A pesquisa também possibilitou compreender que ainda que o idoso tenha uma vida repleta de sofrimentos físicos, emocionais e sociais é possível ser resiliente durante o envelhecimento. Ou seja, o homem desenvolve-se de fato até a última etapa da vida, como mostra o desenvolvimento *life span*, em que pode aprender novas formas de lidar com as dificuldades, podendo obter inúmeros ganhos ao acreditar que a velhice permite vivências e aprendizados novos, que fortalecem o mesmo na hora de enfrentar as adversidades, podendo assim lutar cada vez mais pelos seus direitos nesta fase da vida.

É importante destacar que este estudo não tem como responder precisamente quais os fatores que interferem ou não no nível de resiliência, mas possibilita confirmar que a resiliência é um processo em construção, que não é fixo e imutável, e que pode estar sempre desenvolvendo, daí à importância de estudos que promovam este desenvolvimento do idoso, que não estagna no momento em que chega a esta fase da vida.

Assim, é fundamental que medidas cada vez mais amplas possam ser tomadas para que os serviços que atendem esta população propiciem recursos para o enfrentamento das adversidades.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral**. Rio de Janeiro, CPDOC, 2003. Disponível em <www.cpdoc.fgv.br>. Acesso em: 16 de abril. 2013.
- ARAÚJO, C. A. Novas idéias em resiliência. **Hermes**, São Paulo v.1, s.n. p. 85-95, 2006.
- ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARROS, M. M. L. **Velhice ou Terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- BERQUÓ, E. S. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Eds.). **Velhice e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1999, p. 11-40.
- BEHRING, E. R.; BOSCHETTI, I. **Política social**: fundamentos e história. São Paulo: Cortez, 2007.
- BOSI, E. **Memórias e sociedade: Lembrança dos velhos**. 10. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 03 jun. 2013.
- BRASIL. Decreto n.º 1.948, de 3 de julho de 1996. Regulamenta a Lei 8.842, sancionada em 4 de janeiro de 1994, a qual “dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências”. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 3 jul.1996.
- BRASIL. Decretos e Leis. Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, 08.12.1993. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm. Acesso em: 30.04.2014.
- BRASIL. Decretos e Leis. Lei n 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, 02.10.2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10741.htm Acesso em: 30.04.2014.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004 e Norma Operacional Básica – NOB/SUAS**, Brasília, 2005.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Conselho Nacional de Assistência Social. Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009. Aprova a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. **Diário Oficial da União**. Seção 1, n. 225, Brasília, 25.11.2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm. Acesso em: 30.04.2014.

CARVALHO, M.C.B. Et al. **Programas e serviços de proteção e inclusão social dos idosos**. São Paulo: IEE/PUC-SP; Brasília: Secretaria de Assistência Social/MPAS, 1998.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CAVERDON, N. R. Os Saberes Sociais Produzidos no Cotidiano. In: CAVERDON, N. D. (org.). **Representações Sociais na Área de Gestão em Saúde: teoria e prática**. Porto Alegre: Dacasa, 2005, p. 11-19.

COUTO, B. R. **O Direito Social e a Assistência Social na sociedade brasileira: uma equação possível?** São Paulo: Cortez, 2006.

CRUZ, L. R.; GUARESCHI, N. (Org). **Políticas públicas e assistência social: Diálogo com as práticas psicológicas**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CYRULNIK, B. **Resiliência essa inaudita capacidade de construção humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP; Fapesp, 1999.

FERREIRA, I. S. B. As Políticas Brasileiras de Seguridade Social. In: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA, CONTINUADA A DISTÂNCIA. **Capacitação em Serviço Social e Política Social. Módulo 3**, Brasília, 2000, p. 139-151.

GOLDMAN, S. N.; FALEIROS, V.P. Percepções sobre a velhice. In: BORGES, A. P. A.; COIMBRA, Â. M. C. (org.). **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2008.

GROTBERG, E. H. Introdução: Novas tendências em resiliência. In: MELILLO, A.; OJEDA, É. N. S. (org.). **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Brasília, DF: IBGE, 2011. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/> Acesso em: 02.02.2014

_____. **Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 1980-2050** - Revisão 2008. Brasília, DF: IBGE, 2008.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD**. Brasília, DF: IBGE, 2008.

_____. _____. Brasília, DF: IBGE, 2010.

JOB, J. R. P. **A Escritura da resiliência**. 2000. Tese (doutorada) - Programa de estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

KHOURY, H. T. T. Controle primário e controle secundário: relação com envelhecimento bem sucedido, 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

LARANJEIRA, C. A. S. J. Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: Revisão de literatura. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 3, p. 327-332. 2007.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MINAYO, M. C. S; COIMBRA JÚNIOR, C.E.A. (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MORAIS, E. N. **Princípios Básicos de Geriatria e Gerontologia**. Belo Horizonte: Coopmed, 2009.

NERI, A. L. (org.). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas,SP: Papyrus, 1993.

_____. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: NERI, A. L. (org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e perspectivas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007, p. 33-46.

NERI, A. L.; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999, p.113-140.

_____. Velhice e qualidade de vida na mulher. In NERI, A. L. (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papyrus, 2001: V 1. 200 p

PEREIRA-PEREIRA, P. A. Política de Assistência Social: avanços e retrocessos. **Cadernos do CEAM**, Brasília, n. 11, 2002.

PEREIRA, F. B.; SANCHEZ, M. M. Como reconhecer a resiliência em sujeitos idosos frente ao trauma da hospitalização. **Ciência e conhecimento – Revista Eletrônica da Ubra São Jerônimo**. v. 01, 2007, Disponível em: www.cienciaeconhecimento.com.br/pdf/vol001_PsA2.pdf. Acesso em: 12.03.2014.

PERES, A. P. A. B. **Proteção aos Idosos**. Curitiba: Juruá Ed., 2007.

PESCE, R. P.; ASSIS, S. G.; SANTOS, N. C.; CARVALHAES, R. Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, n. 20, p. 135-143. 2004

PINHEIRO, D.P.N. A resiliência em discussão. **Psicologia em Estudo**, n. 9, 67-75, 2004.

RIBEIRO, J. C. **Resiliência e Serviço Social na Ótica dos Direitos Humanos**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, 2006.

SPOSATI, A. O primeiro ano do Sistema Único de Assistência Social. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, v. 26, n. 87. p.96-122. set. 2006.

SPOSATI, A. **A menina LOAS: um processo de construção da Assistência Social**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TAVARES, J. (org.). Resiliência na sociedade emergente. In: _____. **Resiliência e educação**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

WAGNILD, G. M.; YOUNG, H. M. Development and psychometric evaluation of resilience scale. **J Nurs Meas** 1993; 1:165-78.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p.13-42.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. esp., 75-84. 2003.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N.; SOARES, D. H. P. **Orientação para Aposentadoria nas Organizações de Trabalho: Construção de projetos para o pós carreira**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ANEXOS

ANEXO A

Questionário de Dados Sociodemográficos □

- Nome: _____
1. Data de Nascimento: ____/____/____ 2. Idade: ____ anos 3. Sexo: () F () M
4. Escolaridade:
 () 0 – 4 anos () 5 – 8 anos () 9-11 anos () Curso superior () Outro: _____
5. Atuação Profissional:
 () Ativa () Ativa em tempo parcial () Desempregado/a () Aposentado/a
 () Aposentado/a com atividades em tempo parcial.
 Há ____ anos. Profissão exercida: _____
6. Estado Civil:
 () solteiro/a () casado/a ou com companheiro/a () separado/a – divorciado/a
 () viúvo/a
7. Filhos (número, sexo e situação de autonomia):

8. Tipo de moradia:
 () Casa própria () Casa alugada () Casa de familiar () Instituição
 () Outra: _____
 Mudança de residência (e/ou área de residência nos últimos anos):

9. Mora com (número de elementos e grau de parentesco):

10. Renda familiar (considerar a renda per capita e em unidades de salário mínimo)
 () 1 salário mínimo () 2 salários mínimos () 3 salários mínimos
 () 4 salários mínimos () 5 ou mais salários mínimos
11. Como avalia o nível socioeconômico (circule a opção que melhor representa a sua opinião):
 1 – muito satisfatório 2 – satisfatório 3 – nem satisfatório, nem insatisfatório 4 – insatisfatório 5 – muito insatisfatório
12. Avaliação do estado de saúde:
 () mau () insatisfatório () médio () bom () muito bom
13. Frequência de episódios de doença:
 () sempre () às vezes () nunca
14. Doenças atuais: _____
15. Tem alguma crença religiosa? () sim () não
 Qual: _____

□ Baseado no “Guião de Entrevista” elaborado por Rosa Novo em 2000.

ANEXO B

ESCALA DE RESILIÊNCIA

Marque o quanto você concorda ou discorda com as seguintes afirmações:

	DISCORDO			NEM CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO		
	Totalmente	Muito	Pouco		Pouco	Muito	Totalmente
1. Quando eu faço planos, eu levo eles até o fim.	1	2	3	4	5	6	7
2. Eu costumo lidar com os problemas de uma forma ou de outra.	1	2	3	4	5	6	7
3. Eu sou capaz de depender de mim mais do que qualquer outra pessoa.	1	2	3	4	5	6	7
4. Manter interesse nas coisas é importante para mim.	1	2	3	4	5	6	7
5. Eu posso estar por minha conta se eu precisar.	1	2	3	4	5	6	7
6. Eu sinto orgulho de ter realizado coisas em minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
7. Eu costumo aceitar as coisas sem muita preocupação.	1	2	3	4	5	6	7
8. Eu sou amigo de mim mesmo.	1	2	3	4	5	6	7
9. Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo.	1	2	3	4	5	6	7
10. Eu sou determinado.	1	2	3	4	5	6	7
11. Eu raramente penso sobre o objetivo das coisas.	1	2	3	4	5	6	7
12. Eu faço as coisas um dia de cada vez.	1	2	3	4	5	6	7
13. Eu posso enfrentar tempos difíceis porque já experimentei dificuldades antes.	1	2	3	4	5	6	7
14. Eu sou disciplinado.	1	2	3	4	5	6	7
15. Eu mantenho interesse nas coisas.	1	2	3	4	5	6	7
16. Eu normalmente posso achar motivo para rir.	1	2	3	4	5	6	7
17. Minha crença em mim mesmo me leva a atravessar tempos difíceis.	1	2	3	4	5	6	7
18. Em uma emergência, eu sou uma pessoa em quem as pessoas podem contar.	1	2	3	4	5	6	7
19. Eu posso geralmente olhar uma situação de diversas maneiras.	1	2	3	4	5	6	7
20. Às vezes eu me obrigo a fazer coisas querendo ou não.	1	2	3	4	5	6	7
21. Minha vida tem sentido.	1	2	3	4	5	6	7

22. Eu não insisto em coisas as quais eu não posso fazer nada sobre elas.	1	2	3	4	5	6	7
23. Quando eu estou numa situação difícil, eu normalmente acho uma saída.	1	2	3	4	5	6	7
24. Eu tenho energia suficiente para fazer o que eu tenho que fazer.	1	2	3	4	5	6	7
25. Tudo bem se há pessoas que não gostam de mim.	1	2	3	4	5	6	7

Fonte: WAGNILD; YOUNG, (1993, p. 165-78).

APÉNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Conforme Resolução N. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde)

A pesquisa intitulada “*Resiliência: um caminho ao envelhecimento saudável*”, sob coordenação da Psicóloga Marina Dalmácio dos Anjos, estudante de mestrado do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará, tem por objetivo investigar qual a relação entre a resiliência, envelhecimento saudável e o Grupo de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. A resiliência é um importante mecanismo de adaptação, superação e fortalecimento frente as adversidades da vida e que pode contribuir com a qualidade de vida de pessoas com 60 anos de idade ou acima. As informações para esta pesquisa serão colhidas em uma entrevista de 60 a 75 minutos, com perguntas voltadas para os dados sócio-demográficos dos idosos, formas de reagir frente a situações da vida, e relatos livres sobre a história de vida, levando em conta a temática da pesquisa. As entrevistas serão gravadas em tempo integral. Esta pesquisa poderá contribuir positivamente com a qualidade de vida dos idosos e a formulação de novas políticas públicas para esta população. Tenho ciência de que: a) Minha participação nesta pesquisa será voluntária, não havendo qualquer tipo de remuneração; b) Sou livre para aceitar ou recusar responder a qualquer pergunta, bem como para interromper a entrevista a qualquer momento, se assim me for conveniente; c) Minha participação neste estudo não trará riscos, nem causará qualquer tipo de transtorno à minha saúde e integridade física e psíquica; d) Os resultados deste estudo serão divulgados com finalidade científica e social, porém, os nomes dos participantes não serão revelados, nem haverá qualquer referência de caráter individual, ou seja, meus dados estarão protegidos por sigilo e anonimato; e) Em caso de dúvida, poderei entrar em contato com a coordenadora da pesquisa ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará, cujos endereços estão informados neste documento.

Declaro que fui adequadamente esclarecido (a) sobre a natureza desta pesquisa e da minha participação, nos termos deste documento. Declaro, ainda, que concordo em participar por livre e espontânea vontade e que não sofri qualquer tipo de pressão para tomar esta decisão.

Belém, ____ de _____ de 2013__

_____ (Assinatura)

Responsável pela Pesquisa: Marina Dalmácio dos Anjos (RG XXXX)

_____ (Assinatura)

Fones (91) 81055616

Nota: Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será elaborado em duas vias. Depois de assinadas, uma ficará com o participante e a outra com a pesquisadora.

APÊNDICE B

Roteiro da entrevista semiestruturada:

* Este roteiro tem como objetivo investigar alguns pontos importantes que contribuam ou não com o processo de resiliência no entrevistado. A entrevista será direcionada para coleta de informações acerca de momentos relevantes para o sujeito ao longo da infância, adolescência, idade adulta e velhice, que puderam estar relacionado ou não com a sua forma de reagir frente às adversidades da vida. Resgate dos fatores de risco e proteção que estiveram presentes ou não na vida do sujeito.

1. Como foi a sua infância, adolescência e idade adulta? – (estimular o destaque de eventos durante esta fase da vida que podem ter contribuído com o processo da resiliência).
2. Como enfrenta a fase da vida em que se encontra? – relacionar as mudanças advindas do envelhecimento com a forma pessoal de enfrentamento do idoso.
3. Durante toda a sua vida, como enfrentava os problemas que apareciam? (procurar identificar na fala do entrevistado situações adversas e responder a esse item a partir do que o entrevistado relatar).
4. Qual o papel da religião na sua vida?
5. Qual o papel da sua família na sua vida?
6. Qual a influência do grupo dos idosos do CRAS na sua vida? De que forma as atividades do grupo estão presentes na sua vida?

APÊNDICE C

Síntese das histórias de vidas

Síntese da história de vida de M.D.A: Nasceu em um município próximo a Santarém (Pindobal), é a mais nova de seis irmãos (4 homens e 2 mulheres), seu pai era funcionário do Ministério da Agricultura, e tinha um padrão de vida onde suas principais necessidades eram atendidas. Relatou ter tido uma infância boa e tranquila. Seu pai sempre incentivou os estudos, diferentemente de sua mãe que achava importante que ela se tornasse uma boa dona de casa. Recebeu uma boa educação por parte de seus pais, considerava seu pai uma pessoa amorosa, mas que era rígida quando precisava ser rígido. Já a sua mãe educou as filhas mais para o “lar”, como a mesma disse. Ensinava as filhas a costurar, cozinhar. Diferentemente de seus pais que sempre viu nos estudos uma saída para uma qualidade de vida melhor. Aos 10 anos M.D.A mudou-se para Santarém para continuar os estudos, porém abandonou os estudos por um período, por ter “preguiça” de estudar. Abandonou antes de concluir o ensino médio, passado um período a mesma conheceu um rapaz e três meses depois casou-se com o mesmo. Aos 22 anos casou-se, deste casamento teve dois filhos. Segundo o relato de M.D.A, foi conhecer o marido a partir do momento em que começaram a morar juntos. A mesma relatou que ele bebia muito, não gostava de trabalhar. Então a mesma precisou começar a trabalhar, o que foi muito difícil, já que seu pai nunca a deixou trabalhar em casa de família, pois queria que ela estudasse. Passado um período de casado, a situação foi ficando cada vez mais complicada. O marido foi em busca de emprego em Manaus, porém continuava com o vício da bebida, eles passaram necessidade em Manaus, chegando a não ter o que comer por vários dias, sem contar na agressividade do marido que batia tanto nela como nos filhos. Porém após alguns meses o seu pai foi visitá-la e vendo as condições em que a mesma estava a levou de volta para Santarém. Deu uma parte do terreno da família para construir uma casa para ela e a família, dessa forma começou a reconstruir a sua vida e disse para o marido que assim que encontrasse um bom emprego o abandonaria. Iniciou trabalhando em uma churrascaria, e depois começou a fazer um curso de na área de saúde, que não era propriamente técnica de enfermagem, mas que recebia uma formação para desempenhar algumas atribuições desta profissão. Começou o curso no Hospital que era coordenado pelas freiras. E lá acabou identificando-se com a profissão, e ficou trabalhando durante três anos. No entanto a mesma sempre estava em busca de melhor, pois não ganhava o suficiente para sustentar os dois filhos, foi então que mandou o seu currículo para uma empresa de mineração. Depois de um tempo foi chamada para trabalhar nesta empresa que ficava 12

horas de Santarém. Para ir precisava deixar os filhos, e o seu pai assumiu a responsabilidade dos seus dois filhos, uma tinha 13 e o outro 14 anos. Antes de ir M.D.A separou-se do marido, pois o mesmo continuava com os mesmos vícios. Relatou que tudo melhorou após a sua ida, pois pode sustentar os filhos. Porém a certa altura o seu pai teve um AVC e faleceu, neste período a sua mãe disse que não tinha condições de cuidar dos seus filhos, que já estavam com 13 e 14 anos. O seu mais velho vinha metendo-se em confusões e a avó não dava mais conta de criá-lo. Foi então que a mesma viu-se numa situação difícil, pois no local em que trabalhava (empresa de Mineração) só recebia casa quem tinha família completa, os outros moravam em alojamentos. E ao conversar com várias pessoas, chegou até um rapaz que era seu amigo e que tinha interesse em arranjar uma casa para morar, pois não gostava mais de morar no alojamento da empresa, foi então que ambos resolveram casar-se pois desta forma ambos seriam beneficiados. A casa ficaria no seu nome e ela poderia trazer os filhos para morar com ela. Porém depois de um tempo o filho também começou a provocar situações de confusão na região onde moravam as famílias que trabalhavam nesta empresa. E em uma das situações provocada pelo filho, M.D.A foi demitida junto com o seu companheiro, precisando deixar o Hospital em que trabalhava. M.D.A mudou-se para Belém, lá ele arranjou um emprego e ela também começou a trabalhar em um hospital, porém o relacionamento entre os dois foi se desgastando sobretudo por conta dos problemas que o seu filho mais velho continuava dando, com uso de drogas, más companhias. Chegando ao ponto do mesmo traí-la com outra pessoa e colocando como condição que ela abandonasse o filho, porém a mesma escolheu o filho. Foi então que resolveu voltar para Santarém com o filho, pois lá tinha casa onde morar e o apoio da família. Após retornar encontrou um emprego com facilidade, porém nunca mais teve um rendimento como o do período da mineração, no entanto a mesma ficou sabendo que estavam contratando para trabalhar no Cadam (próximo ao Rio Jari/AP), foi então que a mesma foi e ficou mais 11 anos trabalhando lá e depois se aposentou. Quanto aos seus relacionamentos, a mesma conheceu uma pessoa uns dois anos após começar a trabalhar no Jari, que era 17 anos mais nova que ela. Eles estão juntos até hoje, porém sem um compromisso mais sério, o mesmo viaja bastante e quando pode vai a Santarém.

Síntese da história de vida de E.B.R nasceu em Oriximiná (Oeste do Pará), é a segunda filha de 5 irmãos. A mesma cresceu com a família até os 10 anos de idade, época em que sua mãe lhe deu para uma família de Belém, para trabalhar e estudar. A mesma relatou que quando saiu de casa a família passava fome, pois o seu pai estava muito doente e os filhos do seu outro casamento estavam usufruindo de todos os bens do pai, segundo a entrevistada o seu pai já tinha 100 anos, e não tinha mais poder de voz. A

mesma contou que a sua mãe deu todos os filhos, para que os mesmos não morressem de fome. Relatou que até esse momento de dificuldade teve boas lembranças da sua infância, brincava com os irmãos o quintal de casa, seus pais aparentavam um bom relacionamento, vivia em um ambiente harmonioso. Quando foi para Belém, não se adaptou. Relatou que trabalhava muito e não ganhava nada, foi para lá só para trabalhar, nem estudar a mesma estudou. Chegou inclusive a fugir de casa, pois queria voltar para Oriximiná, foi então que outra pessoa dessa mesma família a trouxe de volta para casa, a mesma estava com 11 para 12 anos. Ao retornar a mesma soube que seu pai estava para falecer, porém essa senhora que a trouxe de Belém manifestou interesse de leva-la para morar com ela próximo a Terra Santa, e a mãe autorizou. Durante o período que morou com essa senhora não houve nenhum problema, todos a tratavam bem na casa, e a mesma não sentia-se explorada. Porém em uma situação específica a Senhora dona da casa estava chateada com o marido e acabou descontando a raiva na E.B.R, deixando o seu rosto bastante roxo. A situação ocorreu em uma viagem de barco, e no retorno o barco passou por uma fiscalização em que o irmão mais velho de E.B.R por parte de pai trabalhava, deste modo ao tomar conhecimento da situação o mesmo a pegou para levar para casa dela. Neste momento a mesma estava com 15 para 16 anos, porém não ficou muito tempo com o irmão pois o mesmo batia muito na esposa, então resolveu ir para Manaus, para morar com outra senhora que eram irmãs das outras duas com as quais ela tinha morado. No entanto não ficou muito tempo com essa senhora, pois certo dia ela pegou R\$ 0,50 centavos dessa senhora e a mesma a mandou embora para Oriximiná. Ao voltar para casa foi morar com mãe, ainda que não quisesse pois considerava a mãe “desmiolada” (sic). Porém não ficou muito tempo, pois o marido da última senhora com quem tinha morado começou a rondá-la todas as vezes que ia em Oriximiná, até que em uma das vezes a encontrou sozinha em casa e acabou violentando-a, o que resultou em uma gravidez. A mesma foi atrás dele, porém ele negou e não deu nenhum apoio. Neste momento ela já estava com 18 anos, foi então que resolveu ir embora para Santarém, onde morou na casa de várias pessoas, sempre trabalhando em busca de um prato de comida. A mesma relutou em se prostituir, porém em um determinado momento não nada para dar de comer a filha, foi então que começou a se prostituir. Com o passar dos anos conheceu um americano que queria lhe levar com ele, porém ela não acreditava. Ele então deu bastante dinheiro para ela tirar toda a documentação necessária, ele foi embora e disse que quando voltasse iria busca-la. Como ela não acreditou pegou o dinheiro para comprar uma casa, desta forma obteve sua primeira casa. Foi na época em que ela conheceu seu ex- marido, que lhe tratava bem, então resolveu se amasiar com ele, porém ele foi trabalhar em Itaituba e ela foi junto com ele. Nessa época

estava só com uma filha, e depois engravidou teve mais dois filhos com ele. Porém depois de um tempo morando com ele, descobriu que ele estava abusando da sua filha mais velha. Foi então que retornou para Santarém e conheceu seu atual marido, com quem está casada há 35 anos. Com o seu atual marido teve um filho, porém sempre teve uma relação tumultuada com o mesmo por ele ser alcoólatra, disse que ele nunca chegou a agredi-la porém gastava muito dinheiro com a bebida e não se dava bem com o filho mais novo. Atualmente ainda enfrenta problemas com a bebida do marido, que disse nos últimos dias que não iria mais beber, no entanto a mesma disse que ele já fez essa promessa várias vezes. O filho mais novo saiu de casa, pois o relacionamento com o pai estava muito violento, já que ambos bebem. A mesma ainda passa muita necessidade, pois tem dias que não sabe se vai ter o que comer, porém está animada com o Benefício de Prestação Continuada que dará entrada, por conta dos 65 anos que irá completar.